



editorial

SENSAÇÃO DO DEVER CUMPRIDO

Nada causa mais fortemente a íntima satisfação ou soa com mais melodia aos nossos ouvidos, causando efeitos mais do que benéficos ao coração do que a sensação íntima do dever cumprido.

A Academia Goiana Maçônica de Letras, ao ser criada, pelo esforço e idealismo de irmãos dedicados às letras e ao bem comum, nos moldes como ensina a Sublime Ordem, viu aberto diante de si um horizonte de objetivos e finalidades que, naturalmente, lhe causou euforia, mas de pronto pôs-se em guarda, pois o enorme horizonte era emoldurado por pesadas nuvens de dificuldades.

Entidade nascente, tinha que se defrontar, de começo, com a missão de despertar o interesse pela cultura em geral e pelas letras em particular, num ambiente mundano repleto de futilidades e de afirmações falsas, a respeito de objetivos e finalidades da vida. Difundir o conhecimento da verdade, na vida e na arte, pela ministração do ensino sobre o que é verdadeiramente belo e ao mesmo tempo útil não se tara pequena.

A Academia enfrentou este desafio gigantesco convocando os membros de seus Quadros a produzirem peças em que o respeito à pureza da língua portuguesa, nosso inarredável patrimônio e elemento definidor e garantidor da nacionalidade fossem presentes e imperantes. E assim pôs em marcha um poderoso exército de irmãos escritores (articulistas, cronistas, poetas, ensaístas, biógrafos)

todos imbuídos da consciência cristalina de que seu trabalho era e é útil e necessário.

Mas não bastava produzi-los. Era preciso divulgá-los.

E todos sabem da dificuldade que é editar algo literário, divulgar textos, levá-los ao conhecimento. Mas não houve, por causa disto, diminuição do ritmo de confiança, coragem e dedicação.

E assentados neste tripé, estes corajosos desbravadores, bandeirantes das letras, criaram o nosso jornal O CONFRADE. Seu renome ultrapassou não apenas as fronteiras do Estado, mas do País. Respeitado pela qualidade técnica e material e muito mais ainda pelo excelente conteúdo literário e maçônico.

E não parou aí a nossa Academia. Produziu obra histórica e antológica que está a servir de modelo para outras instituições congêneres em nosso país.

Não parou aí: editou obras biográficas e está prestes a lançar conjunto de obras de excepcional valor literário e maçônico que certamente servirão de luzeiro, de faróis, de guias para a vida de tantos quantos delas se aproximarem.

E tudo isto, saindo do nada, passando do impossível para o possível, do desejado para o realizado.

Neste final de 2024, olhando para trás, poderemos orgulhosamente proclamar: temos hoje a maravilhosa **SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO!**

Equipe editorial



ações na AGML

POSSE NA ACADEMIA

Gestão 2024-2026





fala do presidente

RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Caros confrades da AGML,

Ao refletirmos sobre o ano de 2024, é impossível não reconhecer a imensa dedicação, união e esforço de cada um de vocês. Este foi um ano de desafios, mas também de grandes conquistas, que só foram possíveis graças ao compromisso e à força de nossa irmandade. Cada passo dado, cada projeto realizado, cada gesto de apoio mútuo fortaleceu ainda mais a nossa jornada coletiva.

A Academia Goiana Maçônica de Letra tem ganhado muitíssimo cada dia pela sua participação ativa e o esforço contínuo de cada um de vocês. Cada confrade tem sido uma coluna fundamental para o sucesso de nossas ações, e o empenho, a lealdade e a fraternidade de todos são os pilares que sustentam a nossa jornada. Em cada encontro, cada projeto e cada gesto, demonstramos a força do nosso compromisso com os valores que nos unem.

Quero agradecer efusivamente a cada confrade pela dedicação incansável, pela confiança, pelo

espírito de trabalho colaborativo e pela fraternidade que sempre nos uniu. Sem a contribuição individual de todos, nada disso seria possível. O sucesso de nossa Associação é, sem dúvida, o reflexo do esforço conjunto e da busca constante pelo bem comum.

Enquanto celebramos tudo o que conquistamos, olhamos para o futuro com esperança e confiança. Que 2025 seja um ano ainda mais próspero, com mais vitórias, mais desafios superados e, sobretudo, mais realizações. Que tenhamos vigor, união e determinação para alçar novos voos, conquistar novas alturas e, juntos, seguir o caminho do sucesso.

A todos os confrades e escritores, meu apreço e gratidão. Que possamos seguir juntos, com o mesmo entusiasmo e a mesma paixão, rumo a novos desafios e conquistas. Desejo a todos e suas famílias um período de boas festas, com paz, alegria e momentos de celebração. Que estejamos nesse novo ano renovados e prontos para continuar nossa jornada de fraternidade e conquistas.

Meu reconhecimento e estima,



DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



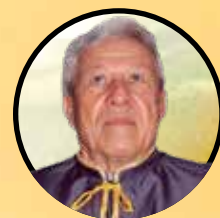
CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Parahyba
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



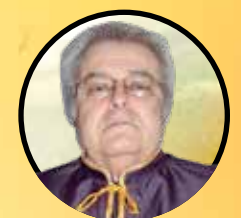
CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho



artigo

A ESPERANÇA DE UM TEMPO NOVO!

Francisco Feitosa | Colaborador

Grande Bibliotecário do Supremo
Conselho do Grau 33 do
REAA da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

Talvez, a palavra mais cultivada em um final de ano seja a “esperança”. Empregada em belas mensagens por esse período, a esperança de dias melhores, de um ano de grandes realizações, circula livremente nas postagens natalinas, pelas redes sociais. E há quem complemente de forma sonora, desejando “muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender”. Ter esperança é, de certa forma, manter-se vivo, alimentando sonhos, na expectativa de transformá-los em realidade!

Já, na crence popular se associou aos bons presságios um inseto do mesmo nome – “esperança”. Sendo da ordem orthoptera, também, abrange os gafanhotos, grilos e paquinhos, muito comum na Amazônia, o qual se estima que no mundo existam, aproximadamente, oito mil espécies.

Muito embora e respeitosa e falando, há quem entenda essas tais crenças como verdadeiros “insight”, revelando presságios ou alguma forma de mensagem oculta. Mistérios! Confesso que não me distancio muito desses “loucos” visionários.

Quanto ao citado inseto, diz que, caso se encontre uma Esperança em sua caminhada, é sinal de sorte. Se o inseto acabar pousando em alguma pessoa, pode ficar tranqüilo, pois significa uma vida longa. E se ele entrar em sua residência por livre e espontânea vontade, prepare-se, pois virá fartura e prosperidade para sua vida. Por sua vez, caso encontre tal inseto morto, nesse caso,

seria sinal de má sorte. Bem, deixemos as crenças e os “loucos” de lado!

Voltando ao termo “esperança”, aqui não devemos entender no sentido pejorativo, como ficar esperando algo ou alguém, sentado em uma pedra do caminho, depositando a esperança de que alguém irá aparecer e realizar a caminhada que, como peregrino, é de sua inteira responsabilidade e fonte de seu próprio aprendizado.

Há, também, quem deposite sua vida sem rumo em uma fé cega, esperando que a qualquer momento se abra as nuvens do céu e desça um ser, envolto em luz, que resolverá todos os seus problemas e o carma coletivo da humanidade. Essa mesma sonolenta e descomprometida humanidade, insiste em sua letargia ou até, em caminhar lentamente, mesmo não sabendo de onde veio, para onde irá e muito menos, o que veio fazer nesse mundo de provas e expiações. Parafraseando Dalai Lama, diria: “Vivem como se nunca fossem morrer e morrerem como se nunca tivessem vivido”. Pois é! Assim caminha a humanidade.

Etimologicamente, a palavra esperança tem origem no latim “spes”, que significa confiança em algo positivo. A raiz indo-europeia da palavra é “spe”, que significa expandir, aumentar, ter êxito, levar qualquer projeto adiante. A palavra esperança pode ser definida como o sentimento de quem vê como possível a realização do que deseja, ou a confiança em algo bom.

Permita-me uma pergunta: o que você espera do novo ano que ora bate a sua porta? Hum?

Por outro lado, é por demais prudente lembrar que a suposta pandemia implementada na humanidade, bem pouco tempo atrás, serviu como um verdadeiro “separador de águas”. Antes existia um mundo, no qual a maioria vivia em sua zona de conforto, sem ter ideia do que existia por debaixo do tapete. Tal pandemia trouxe, de certa forma, um despertar, ainda que tenha sido para alguns e não para a maioria, lamentavelmente, e nos induziu a levantar o tapete da realidade e a defrontarmos com os mais temerosos monstros que, sorrateiramente, sugava das mais diversas formas, nossas energias, por meio da corrupção, da escravidão, de mentiras, doenças e medos e até, para aqueles que têm olhos de ver, poderão concordar comigo, em planos extrafísicos. Sim, pode acreditar. Falamos de seres macabros!

Os poucos que despertaram, à guisa de pirilampos, iluminaram o caminho da consciência para outros tantos e o mundo, hoje, já se apresenta como um fecho de luz de esperança no final do tenebroso túnel. É como o reluzir da Esperança de dias melhores, decerto!

Os que tinham esperança, mas, do verbo esperar, sucumbiram inertes, sentados nas pedras do caminho. Sem noção, despojaram-se de seu cajado de peregrino, na “esperança” de que

apareceria alguém para completar sua caminhada de vida, a qual, somente a ele competirá fazê-lo, como missão de Alma que é.

Os que esperaram, no real sentido do verbo, como: ir atrás; não desistir; construir; levantar-se e ser capaz de buscar o que é viável, venceram a si mesmo e despertaram para a nova fase do jogo da vida. Sim, esses pularam de fase e se libertaram das vendas que lhes cobriam os olhos da Alma.

Vivenciamos uma transição de mundos. Nasce a Nova Terra para aqueles que pularam de fase. Para os que insistem em viver na sonolência do velho mundo, cultivando os valores de um mundo que nem mais existe, continuarão presos na “Caverna do Dragão” esperando que o “Mestre dos Magos” lhes aponte a saída. Tarefa bem sua!

Nasce um novo ano, nasce uma Nova Terra e, com ela, a Esperança de um Novo Tempo. Eu espero que você desperte dessa sonolenta Matrix e, em busca da expansão de sua Consciência, encontre a porta da saída, mas, dessa vez, por si e dentro de si mesmo.

Na Esperança de um Novo Tempo, desejo-lhe que as luzes do novo ano iluminem cada passo de sua longa e necessária caminhada, que lhe conduzirá, cedo ou tarde, pouco importa, ao Despertar desse ilusório sonho, oh obstinado Peregrino da Vida!

Sigamos firmes em nossas jornadas de luz. Namastê!



crônica

CONVIVENDO COM A DISTOPIA

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Cenários distópicos, outrora visualizados e profetizados por grandes nomes da ciência, filosofia, literatura, artes e religião, batem à nossa porta, dessa vez sem se anunciarem. O tempo de sentir medo dos fantasmas do passado acabou. O pesadelo é real. Nossos antepassados nos alertaram, pela oratória simples do homem do campo, suas cantigas e ladainhas: ficaram os registros desse quadro cristalino.

Temos conseguido driblar o constrangimento das constantes ameaças que trombam conosco pelas mãos da tecnologia e arranjos socioeconômicos, que nos proporcionam uma sobrevida

sem a garantia de um prazo de validade. Planejar o futuro, confiando no poder absoluto da razão, para nos salvar e acomodar, torna-se cada vez mais difícil. Além de não conseguir prever o futuro, esta não consegue sozinha educar os homens, tão pouco apascentá-los.

Na conjuntura que nos encontramos, a mãe natureza, nossa casa, berço da nossa existência, se vê compelida a nos devolver o fruto de nossas ações. Ainda comandados pelas imposições da matéria, nossa capacidade de ir e vir, respirar, se alimentar, saciar a sede, nos proteger do calor e do frio, encontrar paz de espírito, aceleradamente fogem de nós... sem misericórdia!

A simples condição de sobrevivência, pelo menos assim acreditávamos, sofre derrotas seguidas, retratadas na ampulheta do tempo. Não corremos mais contra o relógio... tudo indica que não vemos o relógio e nem somos capazes de supor onde ele está.

Por vezes, o tragicômico caso do sapo que morre cozido na água por não perceber seu vertiginoso e crescente aquecimento ou não conseguir evadir-se se intromete em nossas memórias, tentando chamar atenção. Não há como deixar de fazer coro com algumas vozes, mundo afora, que se perguntam o quão fundo penetrou em nós essa anestesia, condecorando-nos com o título de batráquios do fim do mundo.

Mesmo que a nossa história se configure como um show de horrores, um passe livre para destruir e agredir, dessa vez conseguimos atingir o mais alto grau de desatino. Dão-nos conta, as últimas notícias, que além de poluir a nossa atmosfera, também a estratosfera e a cândida

lua padecem vítimas desse mesmo destino. Como podemos querer tudo se não teremos nada?

Assim nos encontramos hoje... alguns poderiam dizer que é muito catastrofismo, mas o simples bom senso nos sinaliza que a situação é provavelmente bem pior, é fato que não sabemos de muitas outras coisas, por diversas e inconfessáveis razões.

Precisamos urgentemente de uma grande aliança global, um pacto pela vida, pelo planeta, pelo futuro. Juntos, nações, religiões, povos e culturas, abrigados por uma ética planetária que consiga irmanar ciência, meio ambiente, política, economia, ordenamento jurídico, e tudo o mais que nos possa oferecer um recomeço digno, impõe-se mais do que um sonho. Somos capazes de sobreviver e viver. Onde há vida, há esperança, diz o ditado. Precisamos muito dessa virtude esquecida, reflorestar o mundo com o seu verde vivo... resignificar o lugar da esperança em nosso planeta.



falando francamente

O MILAGRE – II

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Meus amigos,

Prometi e vou cumprir. Para aqueles leitores que leram meu texto na última edição de O confrade, O MILAGRE, prometi dar continuidade de até concluir o Milagre, pois se assim é, vamos lá:

“Pois que confiais em Deus, levantai-vos e segui com passos seguros o seu guia e de nada receeis.” Palavras do Venerável, na minha iniciação. Foi o que fiz. Meu guia, no momento, era o Doca. Eu tinha que passar num teste, na sapataria do seu Zuza, era a minha última chance, depois de uma semana de Cão, em Goiania, sem dinheiro, sem amigos, sem nada. O doca pediu para seu Zuza me dar uma chance. Zuza colocou material para fazer 10 pares de balé e disse:

– Pode começar!

Por Deus do céu, caro leito, dei vontade de pedir desculpas e ir embora. Mas “a precisão faz sapo pular”. Sentei-me à banca, acanhado, sem jeito, tímido, sem saber como começar.

Comecei a destacar as palmilhas de uma raspa ruim, dura, cheia de nós e, ainda por cima, mal riscada, com riscos encavalados, tinha que ficar dividindo o meio dos riscos, perdendo um pouco de cada peça.

Eram umas dez horas da manhã. O sábado estava quente e eu suava em bicas. Minha faca nunca foi tão ruim de corte. “Dez pares!” Lá em São Luís de M. Belos eu fazia oito pares de botinas das sete às seis com uma hora de almoço, e era botinas que eu estava careca de saber. Agora balé, eu nem sei como fazer, ter que fazer dez pares, começando quase na hora do almoço? Convenhamos!... Comecei assim mesmo. “Deus deve de me ajudar”, era o único fio de esperança.

Com muito custo, aviei as palmilhas nas formas. Fiquei sozinho na oficina, todos foram para o almoço, eu não tinha pra onde ir, pedi para ficar, deixaram. Tive um pouco de paz para pensar.

O Doca voltou do almoço. Eu estava tentando montar o primeiro corte na forma. Mas o verniz era duro demais e quanto mais eu puxava com a torquês mais ele franzia e trincava.

– Você nunca fez isso antes!

– Não, doca. Eu só fazia botinas de vaquetas macias. Expliquei como que se pedisse socorro.

– Faz assim, ó!

Pegou e montou, numa rapidez espantosa, seis pares, enquanto seu Zuza não voltava do almoço.

– Obrigado, doca! Agradei humildemente.

Pelejando para imitá-lo, montei os outros quatro pares. Claro que os que ele montou ficaram ótimos, os meus, hum! Trincados, franzidos e feios. Enquanto colocava os solados, semelhantes aos de botinas, eu pensava nos saltos: “como será que faz os saltos?” os do doca já estavam prontos, eu não o vi enfaixando os deles. Num momento de extremo esforço eu disse:

– Doca, eu nunca vi fazer esses saltos!

– Deixa comigo, respondeu.

O seu Zuza havia voltado do almoço e continuava aprontando os balés. De quando em vez, ele passava por perto de mim e manjava de lado o meu trabalho. É certo que eu estava bem perto da passagem, sempre que ele entrava ou saía teria que passar por ali. Nesses momentos em que ele me olhava, eu tremia-me todo. Em determinado momento, o Doca aproveitou a ausência dele e passou-me os saltos dele já enfaixados. Achei estranho. Fiquei apavorado e não me lembro bem se o agradei por isso. Fiquei olhando-o enfaixar os meus para aprender.

Doca terminou de enfaixar os saltos e passou a pregá-los nos sapatos. Eu fingia trabalhar, espiava ele fazer, sorratamente, os deles para ver como eu iria fazer os meus.

O Doca terminou os seus dezoito pares e foi embora. Eram umas dezoito horas. Ao sair, bateu no meu ombro, num gesto de amigo empenado, isto é, cheio de pena do amigo, como se dissesse: “boa sorte, amigo!”. Terminei os meus por volta das vinte e três horas.

Seu Zuza ainda arrumava as bancas para a feira. Não o procurei para ver se prestaram ou não os balés que eu fiz, deixei lá no pé da banca. Estava exausto. O dia todo sem alimentar e aquela tensão

terrível do trabalho. Estava exaustíssimo, diria José Dias do livro Dom casmurro.

Domingo, fui à feira. Não havia dormido quase nada, como não dormia nas noites anteriores, só que nesta noite, as preocupações se modificaram. Agora, a principal ideia era em forma de interrogação: será que passei? Será que o seu Zuza gostou dos meus balés?

Você não imagina o quando esse anzolinho da interrogação incomoda na cabeça da gente, caro leitor. Ele é pior do que misturar a dúvida da aprovação com a labuta do dia, pelejando com os balés. Olhos fechados, deitado, mas parecia que eu estava na oficina, trabalhando, vendo o seu Zuza a olha-me de soslaio, vendo a preocupação e a bondade do Doca. E aqui eu aprendi uma lição: o nome não faz o homem, ele se chamava simplesmente Doca, mas, mais humano, mais solidário do que o Doca eu nunca vi. Devo-lhe um favor e um exemplo impagáveis. Por melhor que eu procure ser para com os meus semelhantes, estarei longe da bondade do Doca. Ah! Se no mundo só houvesse Docas!

Passei uma noite terrível, havia esperança: “quem sabe o seu Zuza aprovou meu serviço?” a incerteza no trabalho, a bondade do Doca e o anzol da interrogação: “será que eu passei?”

Virava na cama e recomeçava tudo de novo. E assim foi até ao amanhecer o dia, uma noite de cão! Fui à feira. Aquele movimento era-me estranho. Na nossa cidade não tinha feira. Parecia uma cidade sem casas. As ruas feitas de bancas de mercadorias. Eram mulheres carregando frango, pequi, meninos chupando picolé e gente andando para lá e para cá, um vai e vem, um vem e vai interminável. Aquilo me deixava tonto, perdido. Era praticamente impossível encontrar seu Zuza no meio daquele povaréu. Mas lá fui, lá fiquei. Andando como a maioria: esbarrando-se nos outros.

Se não me havia alimentado no sábado, até agora, no domingo, por volta de nove horas, não havia comido nada. “Preciso encontrar seu Zuza!” mas encontrar seu Zuza aqui parecia tarefa impossível. Dava vontade de perguntar alguém onde era a banca do seu Zuza, mas o acanhamento não me deixava abrir a boca. Para mim, todos eram estranhos, aquilo era uma selva humana. Aquela mixórdia parecia bicho de toucinho, ou bicheira em animal. Meu avô tinha um boi que bicheira na pá. Tinha tanto bicho que, quando punha creolina, ficava igual aquela feira: era bicho andando sem rumo, caindo, uma nojeira. “Onde

será a banca do seu Zuza?” encontrei uma banca que tinha sapatos balés de verniz. Acendeu uma luz na minha cabeça, até então apagada: “quem sabe é aquela?” No que estou ali absorto a olhar os sapatos balé, bateu em meu ombro e falou:

– Uai, rapaz, ontem você não esperou para o acerto?

Olhei assustado para trás, tive que olhar para cima. Era um homem alto, magro de rosto fino e barba enferrujada de uma semana sem fazer.

– Ah seu Zuza, eu estava muito cansado, falei com voz meio rouca e baixa!

– Pois é, respondeu ele, como quem está sem o que falar.

Ficamos um tempinho assim calados e ele saiu para atender um freguês que olhava um sapato do outro lado da banca. Eu fiquei zozinho, mas aliviado. Sem ver, tinha achado a banca. Encostei perto do seu Zuza que ajustava os sapatos que o freguês olhava e perguntei:

– E então, seu Zuza e os sapatos, o que o senhor achou deles?

Nunca tive tanto temor, receio de ouvir uma resposta, como naquele momento.

– Está bom, respondeu ele de pronto. Nem falou mais ou menos, falou direto: está bom.

Devo confessar prezado leitor, que me deu vontade de abraçar o seu Zuza, de beijá-lo. Para mim, aquele era o homem mais bonito do mundo. O rosto enferrujado dele ficou radiante.

Seus cabelos alourados, ralos e maltratados, pareciam ser ouro, lindos. Para ser sincero, não sei se eu ri ou se fiquei triste. Foi uma sensação estranha, nunca d’antes sentida.

– ficaram bons, seu Zuza!? Repeti depois de um tempo sem saber o que falar.

– Você está querendo receber, Perguntou ele mudando de lugar para atender outro cliente.

– O senhor é quem sabe, seu Zuza, respondi sem esconder a euforia que tomava conta de mim.

Ele deu a volta na banca, foi à gaveta do caixa, pegou trezentos e cinquenta cruzeiros e me passou, explicando:

– Eu pago trinta e cinco cruzeiros por par, você fez dez pares, está aqui o dinheiro.

Só para a gente se situar nos valores da época, caro leitor, um prato de comida custava setenta cruzeiros, trezentos e cinquenta eram suficientes para sete refeições, era uma garantia de vida e eu estava empregado. Estava consumado o MILAGRE, Francamente.



artigo

MEMÓRIAS DE LAVRINHAS – III

Gleisson Ferreira | Colaborador

Essas comunidades tradicionais que possuíam somente a coragem a Terra e a voz, lutaram historicamente por sua dignidade no Brasil, organizados a partir de baixo (desde abaixo), em mobilizações, lutando por justiça, igualdade com o auxílio de partidos e associações através da esquerda (por la izquierda), (sobretudo no contexto da ditadura militar apoiada pelas elites). E com a Terra (com la Tierra. Sendo reconhecido o direito às terras que historicamente ocupavam,

ao menos na letra da lei, com a Constituição de 1988, chamada Constituição Cidadã em seu ADCT 68: “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos” (Brasil, 1988).

A garantia constitucional não se resume à terra somente como propriedade, mas a tudo o que ela representa, geográfico, cultural, social

História oral e decolnialidade em uma comunidade remanescente de escravos no Norte de Goiás

e economicamente. Esse direito visa garantir a dignidade da pessoa humana, sua identidade cultural, através da manutenção de seu modo tradicional de vida, relacionado ao “lugar” à terra, nos mais diversos aspectos. A terra é o lugar de nascimento, plantio, colheita, palco de conflitos, historicidade, espiritualidade, relação ontológica, locus de narrativas, mitos, etc. É o lugar da identificação do sujeito e seus objetos simbólicos que lhe darão sentido à vida.



conto

UMA HISTÓRIA DE PROGRESSO – II

José Ricardo Roquette | Colaborador

No dia marcado, estavam lá, pontuais como sempre, o Luiz, o “Seu” Alexandrino e a equipe. Reunimos no Cine Mateira cerca de 200 pessoas, que ouviram, com atenção a explanação feita pela CTBC, via Luiz Alberto, de como se daria a implantação do serviço de telefonia na Mateira. Inicialmente, o serviço se limitaria à telefonia urbana. Mais tarde, de acordo com a expansão e a necessidade, seria implantado o serviço interurbano, ligando Mateira a Ituiutaba e ao mundo, obviamente. Caberia ao município doar um terreno central e os postes. À CTBC caberia a construção da sede, instalação da central telefônica, a fiação e a mão de obra. Ali mesmo, foi nomeada a comissão para arrecadar os postes: Norberto Guimarães, Renato Cruvinel, Belmiro Soares (prefeito da cidade) Elias Turco e Zé Roquette. Caberia a essa comissão percorrer as fazendas da região, pedindo postes de aroeira, de boa bitola, de uns oito, dez metros de altura no mínimo. A nova visita da CTBC ficou agendada para daí a 15 dias, quando já deveríamos ter o terreno escolhido e um relato concreto da arrecadação dos postes. As assinaturas para a compra das linhas telefônicas foram colhidas ali mesmo, na reunião, e os retardatários deveriam procurar-me, visto que na hora fui indicado pela turma para ser o “gerente” da CTBC na Mateira.

Quando voltaram no dia marcado, os dirigentes da CTBC encontraram mais de duzentos assinantes compromissados, o terreno para sua sede e as promessas de postes suficientes para dotar a cidade de uma rede à altura de suas necessidades. Imediatamente, a CTBC contratou pedreiros locais

e determinou a construção da modesta, porém prática sede (a planta trouxeram consigo). Dentro de uns trinta, quarenta dias, estava instalada a central telefônica urbana da Mateira, feito de grande relevância para a cidade que muito me encheu de orgulho e satisfação, visto que para tanto, dei muito do meu trabalho. Com isso foi a instalada a central telefônica da Mateira, manual, bem antiga, com cerca de 200 usuários inicialmente, que prestou serviços por longos anos.

A campanha para arrecadação de postes para a rede urbana foi difícil. A resistência dos fazendeiros para cederem postes de aroeira – a única madeira que servia – retos, com oito a dez metros de altura foi muito grande. Apesar de conhecerem os benefícios do serviço telefônico, ouvíamos sempre que iriam ceder postes para um serviço que não lhes beneficiaria, visto que residiam nas fazendas, onde ele não chegaria. Outra, mais difícil ainda, estava por vir, que era os postes para a linha interurbana que ligaria Mateira a Ituiutaba, que deveriam ser maiores e mais grossos. Bem, essa foi outra luta.

A Central Telefônica da Mateira ficou muito bem instalada. Tinha uma sala onde estavam instalados os equipamentos manuais de telefonia, que funcionavam primitivamente e outra sala que era o escritório! Tinha também um espaçoso apartamento que durante algum tempo me serviu de moradia, até concluir a minha casa.

Funcionava manual e primitivamente e era uma operação muito pessoal. Alguém ligava, a telefonista atendia:

“Alô, pois não! O senhor quer falar com quem? 142 ? Farmácia da Dona Nina? Conectando o chamador com o destinatário, completava a ligação e concluía: “O “Seu” Antônio está na linha, pode falar.”

Era o que tínhamos, mas resolveu os problemas telefônicos imediatos da Mateira. A Central era operada por duas telefonistas, que recebiam e repassavam as ligações. Por lá passaram várias moças, das quais só me lembro bem de três delas, Eurípia Lima Pereira, Sonia Ferreira e a Maria Paula de Freitas que foi encarregada da Central. A essas moças a telefonia da Mateira muito deve. Com todas elas sempre me dei muito bem na condição de gerente da Cia na Mateira, cargo que me tocou ao término da instalação.

Alguns meses depois fizemos uma nova arrancada, pedindo postes para a linha telefônica interurbana que ligaria Mateira e São Simão à cidade de Ituiutaba que já tinha esse serviço há muitos anos.

Essa luta foi muito mais difícil. Os postes precisavam ter, no mínimo, 10/12 metros de altura, com uma bitola correspondente à altura. Os fornecedores da madeira seriam, obviamente, os mesmos que forneceram os primeiros postes. O trabalho para convencê-los foi insano, mesmo porque muitos deles tinham graves reclamações a fazer contra a CTBC quando do mesmo serviço em outros municípios onde tinham fazenda também. Mas, com o esforço do grupo, conseguimos e, finalmente, depois de uns quatro ou cinco meses, Mateira estava falando com o mundo, pela linha interurbana da CTBC.

Registro, mais uma vez, a participação da Maçonaria local, a partir da “comitiva” que encontrou com a CTBC num bar em Campina Verde e iniciou a tratativa de instalação da telefonia na Mateira, à comissão que andou quilômetros e quilômetros, no Sol bravo, em “trias” que se diziam estradas, buscando postes e enfrentando a má vontade dos fazendeiros, mas que sempre cediam às ponderações do grupo.



artigo

A CORAGEM MORAL E O MAÇOM – II

Milton de Souza | Colaborador

A Empatia: capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende etc. Exemplos: Sentir-se angustiado em resposta à dor de alguém e tomar medidas práticas para aliviar a dor; Compreender os sentimentos de alguém; Experimentar a vontade de ajudar alguém; Mostrar apoio e ajudar alguém a resolver os seus problemas.

A Compaixão: sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la; participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor.

A compaixão é uma atitude permanente de Deus, e não uma atitude ocasional que surge em determinadas situações. É um “modo de ser” divino. Precisamente aí temos uma luz que nos indica que a compaixão humana não surge unicamente ali onde há sofrimento.

A Justiça: A Justiça é “a virtude moral que rege o ser espiritual no combate ao egoísmo biológico, orgânico, do indivíduo.” (Adeodato, 1996). A Justiça harmoniza as pretensões e interesses conflitantes na vida social da comunidade.

Justiça é a particularidade do que é justo e correto, como o respeito à igualdade de todos os cidadãos, por exemplo.

Etimologicamente, este é um termo que vem do latim *justitia*. É o princípio básico que mantém a ordem social através da preservação dos direitos em sua forma legal.

O Amor: Amor é um sentimento humano que mantém as pessoas conectadas e comprometidas umas com as outras. Ele está presente na sociedade em diversas camadas, desde o amor familiar, entre amigos até o romântico. É um conjunto de emoções e comportamentos caracterizado pela intimidade, paixão e comprometimento. Ele envolve cuidado, proximidade, proteção, atração, afeto e confiança. O amor pode variar em intensidade e mudar com o tempo.

A SOMBRA DA CORAGEM MATERIAL

Em contraponto à **coragem moral**, surge a **coragem material**, muitas vezes mascarada por uma falsa sensação de poder e controle. Essa busca desenfreada por bens materiais pode nos levar a um caminho obscuro, onde a ética e a compaixão são relegadas a segundo plano.

Os **defeitos** que florescem nesse ambiente árido incluem: **Arrogância:** Excesso de vaidade e soberba, desconsiderando as qualidades dos outros; **Orgulho:** Exaltação desmedida do próprio ego, cegando para as próprias falhas; **Vaidade:** Busca incessante por admiração e reconhecimento, muitas vezes superficial;

Perversidade: Inclinação para o mal, causando dor e sofrimento aos outros; **Desamor:** Incapacidade de amar e se conectar com os outros de forma profunda; **Ausência de empatia:** Incapacidade de se colocar no lugar do outro e sentir suas emoções; **Cegueira moral:** Incapacidade de discernir o certo do errado, agindo de forma egoísta e sem considerar as consequências.

A arrogância é qualidade ou caráter de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; orgulho ostensivo, altivez.

O Orgulho (do frâncico *urguli*, “excelência”, através do catalão *orgull* e do castelhano *orgullo*) é um sentimento de satisfação de alguém pela capacidade, realizações ou valor de si próprio ou de outros. O orgulho é essencialmente competitivo por natureza. Opomos nossa vontade à de Deus. Quando dirigimos nosso orgulho contra Deus, é no sentido de “seja feita a minha vontade, não a tua”. Como dizia Paulo, eles “buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus” (Filipenses 2:21).

A Vaidade: Ter vaidade é ter como princípio a ostentação, a exibição exagerada da sua riqueza, de suas qualidades e capacidades físicas ou intelectuais. Vaidade é uma característica de quem tem

“Bússola interior que guia a alma em tempos de desafios”

orgulho, de quem tem um conceito exagerado de suas qualidades, que é soberbo, arrogante, que se acha grandioso.

A Perversidade vem daquela pessoa que prejudica alguém; quem demonstra crueldade, perversidade, maldade; maléfica. Quem age de maneira a fazer mal a outra pessoa.

O Desamor é a crença central que envolve a sensação de não ser amado ou amável. Pode se manifestar como uma profunda sensação de solidão, rejeição e desconexão emocional. É o medo de se machucar. É desconfiança e angústia por repetir os mesmos padrões traumáticos da infância. Em muitos casos, o que explica essa dificuldade de amar e ser amado são os traumas de infância, como abuso físico e psicológico, abandono, abuso sexual etc.

A Ausência de Empatia pode ser vista como uma dificuldade em compreender e se conectar emocionalmente com os outros. Pessoas com falta de empatia podem ter dificuldades em entender as perspectivas dos outros, podem ter comportamentos egocêntricos e serem indiferentes aos sentimentos alheios.

A Cegueira Moral é a perda da sensibilidade na modernidade líquida, escrito por Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis é um deles, indispensável para quem deseja conhecer as transformações do mundo contemporâneo.

Continua na próxima edição...



crônica

ATÉ BREVE, EXTERNATO SÃO JOSÉ!

Antônio P. Leite | Cadeira nº 27

Há algumas semanas, uma emoção forte e crescente toma conta de mim. É chegada a hora da despedida! O tempo passou! Entre idas e vindas, como se não houvessem existido, vinte anos se foram. Enquanto escrevo, revejo lembranças que não consigo controlar e um nó me vem à garganta. A “Cerimônia do Adeus” faz ressurgirem emoções adormecidas que, não imaginava, tanto me comovem.

Fecho os olhos e a memória me faz viajar no tempo, passa um filme! Baiano, Seu Guilherme, Lucileide e Valdemir são mais que porteiros, são a própria porta de entrada da escola. No interior do prédio, a algazarra da criançada que corre, e grita, e pula, não consegue desviar a atenção do pai que vai entregar seu primogênito aos cuidados de uma escola que já havia educado duas gerações precedentes do pequeno aluno de apenas 3 anos de idade. Naquele hoje distante 2.004, a grandeza do prédio impressiona quem aprendeu as primeiras letras em centenário Grupo Escolar no interior de Minas Gerais. O pátio, os corredores, as salas, tudo é grande, mas chamam a atenção o piso de ladrilhos vermelhos e as grossas paredes revestidas com pedras. Há uma sensação de solidez e segurança.

Nesta viagem no tempo, vejo a doce e calma presença de Irmã Colomba, símbolo maior desse Educandário. Com os passos lentos de quem fez e viveu a história desta escola, percorre todos os recantos desta instituição que tão bem conhece. O pequeno sino que traz à mão, acalma, guia e orienta as crianças e consegue, como que por encanto, fazer com que, serenamente, tomem o rumo que a veterana diretora lhes aponta. Volto então o olhar para o pátio do estacionamento. É possível ver Irmã Ana Rita organizando a caravana da família “amiga”. Projeto social, o gesto fraterno, que mostrou a centenas de jovens de classe média a realidade dos arrabaldes, muito diferente daquela em que vivem. Levaram ao pobre, ao desvalido, ao desamparado, da última rua, do último bairro, não apenas alimentos, mas cuidado, carinho, atenção e também acolhimento e esperança.

Como não lembrar das salas do infantil? Naquelas mesinhas e cadeirinhas, que parecem saídas da história da Branca de Neve, verdadeiras heroínas fizeram acontecer o milagre, a mágica, de aprender a ler e a escrever, marca da civilização que nos separa da barbárie do analfabetismo e o degredo social que impõe ao analfabeto. Qual de nós não se emocionou ao ouvir pela primeira vez, um filho ler uma placa na rua? Aos solavancos, saíram as primeiras leituras. Numa lógica caótica e toda própria, as primeiras palavras e as primeiras frases escritas de trás para frente, como tenho eternizadas num quadro na parede na parede de casa, a primeira vez que o João Paulo escreveu seu nome. Os olhos se turvam com essas lembranças de meus filhos, cada um dos três, tão pequenos, tão cheios de vida e tão indefesos, começando a construir com suas pequeninas mãozinhas, o seu futuro e a sua vida. O coração do pai não consegue segurar a emoção que insiste em não caber no peito e se lança em gotas pelos olhos.

Quanta saudade do parquinho do infantil! Ali, tantas vezes voltei a ser menino, seja brincando de pique, empurrando meus filhos no balanço, ou ajudando-os a subir nas árvores. Tomei emprestados filhos de outros pais e fiz deles meus parceiros de pequenas travessuras e brincadeiras. Foram meus concorrentes nas corridas em que apostávamos quem chegava primeiro e, é claro, eles sempre venciam. Onde andarão meus “colegas” destes tempos? Mais tarde, as disputas tornaram-se mais acirradas e antes das férias de julho, o JIEX reunia todos os alunos sob o manto do esporte e da salutar competição esportiva, para alegria e comemoração de todos, deixando para sempre as histórias de partidas e competições gravadas no imaginário daqueles jovens.

De repente, um susto, uma estupefação! Lá se foram 20 anos de Externato São José! Antônio Neto, João Paulo e Marília aqui viveram múltiplos e decisivos momentos de suas vidas e de seus destinos. Da alfabetização às regras gramaticais, das quatro operações às raízes quadradas, dos estados físicos da água à descoberta do sistema solar e a infinitude do universo, mas principalmente, do convívio com a diversidade ao respeito para com os professores e colegas, do saber se comportar em ambiente coletivo ao conhecer as dificuldades dos mais carentes, do descobrimento da autonomia ao respeito às filias e combinados.

Mas não fizeram isso sozinhos. Há uma tradição e uma filosofia de ensino quase centenárias, mantidas por diretoras que se devotaram a essa empreitada e aqui, impossível não recordar o caminho tranquilo e seguro, a voz doce, porém firme de D. Terezinha, referência de diretora com quem tive a satisfação de ter tantas e tão boas conversas. A roda do tempo girou e a modernidade transformou o Externato. Pelas mãos da professora Tatiana, as mudanças para se adaptar aos dias de hoje, vão dando nova feição ao tradicional educandário.

Se um país se faz com homens e livros, como bem lembrou Monteiro Lobato, é preciso que a eles se somem a força, a dedicação, o sacerdócio daquelas mulheres que entregaram uma parte de suas vidas, de sua juventude e de seu amor maternal ao sacrossanto ofício do magistério. Foram tantas e tão importantes! Foram decisivas, foram fundamentais! Ao longo de vinte anos, centenas de professoras passaram pela vida de meus três filhos. Cada uma colocou um sólido tijolo na base da educação e da instrução que Ana Paula e eu procuramos dar aos nossos filhos. Saibam que eternizadas na nossa gratidão e na minha lembrança.

Não posso, entretanto, deixar de fazer duas referências em especial, que em nada diminuam os demais docentes. Antes, entretanto, um especial agradecimento ao professor João Leonardo, suas aulas de matemática e seus laboratórios



seguramente contribuíram para que se fizessem dois engenheiros na USP.

Professoras Daniela e Regina, vocês que foram as únicas a lecionar para todos os meus três filhos, saibam estão eternizadas na memória e na gratidão que dedico a essa escola e a seus professores. Há algum tempo, durante uma das várias feiras de ciências a que assisti, ambas me disseram palavras de carinho e gentileza, das quais não sou merecedor, mas que me trouxeram alegria, emoção e orgulho inimagináveis. Estão guardadas no cofre dourado das recordações eternas. Nunca me esquecerei!

As salas, os corredores, os pátios dessa escola viram surgir e são testemunhas silenciosas de amizades que serão eternas, da descoberta de mudanças que a adolescência moldou nos corpos dos que outrora eram crianças e hoje são jovens garotos e garotas que também aqui descobriram os primeiros amores e viram mudar sua percepção do mundo e de si próprios. Este prédio contemplou, silencioso, ano após ano, a explosão de vida, de sonhos, de gana e de futuro, que cada um desses jovens traz em si. O rito de passagem da infância para a adolescência se cumpriu sob esse teto e sobre a grama do pátio

Como antes fizeram Antonio Neto e João Paulo, agora é a vez da Marília, neste final de 2.024, despedir-se do São José, mas não é simples despedida, não é só dela, também digo meu adeus e ele me dói. Os anos escolares neste Colégio, base da educação e do conhecimento que adquiriram entre as paredes desta escola, ficarão para sempre em suas lembranças

Incrível como os ciclos da vida se repetem! Hoje, quando se encerra esse convívio cotidiano com o Externato, é possível ver como mudaram o mundo, a sociedade, os costumes e os relacionamentos. Não há mais a espera nos bancos na área da cantina, irmã Colomba e D. Terezinha não circulam mais pelo pátio, a modernidade chegou e com ela, as transformações que fazem caminhar

Delegado Litúrgico e Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito

a humanidade. Lamento apenas não haver mais os recitais de fim de ano. Eram uma celebração importante do progresso, a comemoração de haver vencido mais uma etapa, um degrau a mais na escada da vida. É uma pena, eram fabulosos. O instante do encontro e do encanto entre pais, filhos e professores. Mas por favor não pensem que estou preso ao passado ou ao saudosismo, mas, como disse Drummond, “de tudo fica um pouco”. Ficou muito desses vinte anos. Passaram tão rápido! Escorreram pelos vãos dos dedos e pelos meus cabelos brancos. Parece que foi ontem!

Parece também que foi ontem e não há quase 52 anos, que iniciei uma jornada que agora minha filha encerra. No longínquo 1.973, este pai, orgulhoso dos três filhos amados, atravessou os portões do Grupo Escolar Coronel José Bento e, do interior de Minas Gerais, começou a trilhar os insondáveis caminhos do destino que o trouxeram para Goiás. Se hoje posso escrever esse tributo de gratidão ao Externato, devo muito, verdadeiramente muito, às minhas professoras do primário. A elas, D. Anália, D. Iara, D. Diva, D. Lucinda e D. Janice, professoras que, como as desse Externato, fizeram do ensino a missão de suas vidas, minha eterna gratidão. Recorro a Ataulfo Alves para que seus versos levem, onde quer que estejam, meu muito obrigado. “Que saudade da professorinha que me ensinou o be-a-bá!”

Meu muito obrigado. Vida longa, vitalidade ao, permitam-me chamar assim, meu Externato São José. Que, com os pés na tradição humanista, nos valores próprios de homens e mulheres de boa-fé, prossiga formando as futuras gerações de goianos e entregando à humanidade e à sociedade, jovens valorosos, cidadãos de decentes e seres humanos comprometidos com a cidadania, o respeito ao próximo, às regras civilizatórias e acima de tudo, com a humanidade, a grande família universal, que é o lar de todos nós.

Não pensem que isso é um adeus. Logo nos encontraremos novamente. Em breve, meus netos entrarão pelos mesmos portões pelos quais passaram seus pais e novamente o ciclo da vida se materializará nas mesinhas do infantil, nas viagens da família amiga, nas disputas do JIEX, na magia da alfabetização, cumprindo mais um ciclo da nossa passagem pela vida. Até breve, Externato São José!

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Rua J 52 Nº 550 Setor Jaó, Goiânia GO - Brasil
CEP: 74674-180 • Telefone: (62) 3207-1020

Presidente: José Mariano L. Fonseca - Cadeira nº 06
Editor/design: Guilherme Fonseca - Colaborador
Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Leis

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca
Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima
Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editação: Adriana Almeida
Coordenação gráfica: Gráfica Poder - 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares
Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente

artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes, confrade da Academia Goiana Maçonica de Letras (AGML), cadeira nº 16. Casado com Evanildes Melo Fagundes, com quem tem quatro filhos: Sandro, Cláudio, João Jr e Carlos. Todos são Lowtons e Demolays. Sandro exerce o cargo de Juiz de Direito do Estado de Goiás (Titular da 9ª Vara Cível da Comarca de Goiânia). João Batista Fagundes Filho é Advogado e já iniciado na Ordem, pertence ao quadro da Loja Simbólica "Educação e Moral nº 8", onde já exerceu o cargo de Venerável Mestre e também foi Grande Secretário de Cultura da Grande Loja. Os filhos Cláudio e Carlos são falecidos. O pai, Bertolino da Costa Fagundes, foi Maçom por 56 anos, iniciado na Loja Luz Corumbaibense. Após, filiou-se na Loja Maçonica Acácia Brasiliense, do Grande Oriente de Goiás. Tem um irmão carnal, José Antônio Fagundes, que foi Maçom, Membro da Loja Bandeirantes do Araguaia nº 32, de São Miguel do Araguaia-GO, falecido no dia 13/05/2017.

VIDA MAÇÔNICA – Iniciado na Loja Simbólica "Educação e Moral nº 8" em 20/11/76, do Oriente de Goiânia, jurisdicionada à Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás, cadastro nº 03190. Exerceu nela vários cargos, dentre eles de Chanceler, Secretário, 2º Vigilante, por três vezes; 1º Vigilante, por duas vezes; e Venerável Mestre, por duas vezes. Fundador da Ordem DeMolay no Estado de Goiás, a qual foi instalada no dia 07/07/1982, e Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo "Guimarães Natal", da Ordem DeMolay, por três anos consecutivos.

Na Grande Loja, exerceu os cargos de Juiz do Conselho de Justiça (Primeiro mandato do Grão-Mestre Antônio Batista Xavier); Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, por três vezes (no segundo mandato do Grão-Mestre Antônio Batista Xavier; no mandato do Grão-Mestre Diógenes Mortoza da Cunha; e no primeiro mandato do Grão-Mestre Ruy Rocha de Macedo); Membro da Grande Comissão de Legislação e Justiça (no mandato do Grão-Mestre Sebastião Elias Campos); Delegado do Grão-Mestre por duas vezes (no segundo mandato do Grão-Mestre Antônio Batista Xavier e segundo mandato do Grão-Mestre Ruy Rocha de Macedo). Presidente do Tribunal de Justiça Maçônico (antigo Conselho de Justiça) e do Supremo Tribunal de Justiça Maçônico da Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás. Grão-Mestre Adjunto da Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás, de junho de 2002 a junho de 2005, no Grão-Mestrado de José Alvarenga dos Santos. Grão-Mestre da Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás de junho/2005 a junho/2008. Atualmente, em outubro/2018, completou 42 anos de Maçonaria. É membro remido de sua Loja Maçonica "Educação e Moral nº 8". O terceiro livro, "A Idade da Maçonaria e Suas Origens", ainda não foi lançado oficialmente.

É portador, dentre outras, das Comendas: Cruz do Anhanguera, da Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás, no Grão-Mestrado de José Alvarenga dos Santos, recebida no dia 07/06/03; Medalha do Mérito Legislativo Dr. Pedro Ludovico Teixeira, da

João Batista Fagundes
Vigésimo Grão-Mestre
Período 2005/2008



Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, recebida em 18/08/03; Mérito Maçônico, do Grande Oriente do Estado de Goiás, no Grão-Mestrado de Oclécio Pereira de Freitas, recebida em 26/10/2005; Medalha do Mérito Legislativo Valtrudes Cunha, da Assembleia Legislativa do Grande Oriente do Estado de Goiás; Medalha do Mérito Judiciário, outorgada pelo Tribunal de Justiça do Grande Oriente do Estado de Goiás; Ordem do Mérito Dr. Ramón Castroviejo Briones, da Fundação Banco de Olhos de Goiás, recebida em 12/12/2005; Comenda de Honra Urias de Oliveira Filho, do Grande Conselho da Ordem DeMolay para o Estado de Goiás, recebida em 04/12/2005; Ordem do Mérito Anhanguera, do Estado de Goiás, no governo do Maçom Dr. Alcides Rodrigues Filho, dia 24 de julho de 2006;

Continua na próxima edição...



artigo

AS SOCIEDADES SECRETAS NO TEMPO E NO ESPAÇO – II

Barsanulfo Reis | Colaborador

9– As sociedades secretas sempre existiram nas culturas primitivas e nas tecnologias mais avançadas que conhecemos. Já existiam antes da própria história registrada. Podemos constatar esta afirmação nas pinturas pré-históricas das cavernas, sugerindo que elas faziam parte de ritos tribais, mormente na Idade da Pedra. Há registro entre os DRUIDAS, OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DO SÉCULO XII, depois evoluíram para a MAÇONARIA, ROSACRUZ, TEOSOFIA, ORDÊM HERMÉTICA DA AURORA DOURADA, MARTINISMO, CABALA, ALUMBRADOS, ILUMINATTI e outras... Nas Sociedades Secretas mais antigas, as provas eram reais e algumas, ainda primitivas, admitiam o sacrifício de vidas humanas, fato registrado entre os Maias e outros povos cuja história se perde na noite do tempo. Hoje as provas são simbólicas, não se admite algo que atente contra a vida ou mesmo a integridade física do candidato à iniciação.

10– Aqui falamos das Sociedades Secretas do bem, cujos membros sempre buscaram a iluminação interior através dos ensinamentos ensinados nestas entidades. Em quase todas encontramos algo comum, pois tem critérios particulares para escolher seus membros que passam por um ritual iniciático que inclui uma lenda ou crença sobre a origem da sociedade, bem como sinais, toques e símbolos significativos e um juramento de lealdade. O iniciado, após certo período de estudo, se aprovado, sobe de nível ou de grau. Outro ponto comum é a tradição que sempre é conservada e julgada sagrada, pois ela remonta às origens da instituição através do culto dos mistérios que envolvem o homem,

o microcosmo, um universo em miniatura, e o macrocosmo, o universo propriamente dito.

11– As Sociedades Secretas, desde as que se perdem no tempo e no espaço, mesmo antes da própria história, até os dias atuais, sempre estiveram envoltas em mistérios que só os iniciados podem saber. Tais mistérios chamam a atenção dos profanos que, muitas vezes, iniciam por curiosidade. Estes ficam pouco tempo. Para gostar de símbolos, disciplina em reuniões, sinais, toques, etc. é preciso ter vocação e saber o significado de cada um. O iniciado que sente dentro de si a beleza disso tudo, toma prazer pelos ensinamentos e jamais deixa a instituição, pois entende que o conhecimento ritualístico vem de uma filosofia profunda, procurando explicar os mistérios que nos envolvem. Alguns ritos falam da ressurreição, da reencarnação e da promessa da vida eterna. Mas seu principal objetivo é o aprimoramento moral e espiritual do homem, fazendo reconhecer nossa pequenez e a grandeza de Deus e que todos os seres humanos são elos de uma só corrente, gotas d'água de um só oceano e pétalas de uma única rosa que se chama humanidade.

12 – O Universo é perfeito desde o seu nascimento. As Sociedades Secretas e Ordens Iniciáticas, no tempo e no espaço, sempre procuraram penetrar nos mistérios do universo e reconhecem Deus como o Alfa e Ômega da criação. Basta lembrarmos que se nosso planeta estivesse mais perto do sol, aqui não poderia existir vida, pois seria muito quente. Se estivesse mais longe do sol, aqui seria um planeta gelado, onde a vida seria impossível. Se não existisse a Lua, a órbita da terra não teria a estabilidade que tem. A gravidade de Júpiter atraiu

os asteroides que bombardeavam a Terra, nos livrando dos perigos que vem do espaço sideral. É óbvio que isto não é obra do acaso, pois o acaso não existe. É obra de um Grande Arquiteto, um Grande Geômetra, isto é, o GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, DEUS, QUE É ONIPOTENTE, ONIPRESENTE, ONISCIENTE E SOBERANAMENTE JUSTO E BOM.

13 – O assunto sobre as Sociedades Secretas não se esgota aqui. O iniciado é um eterno estudante e buscador da verdade. E a verdade não pode ser imposta, deve ser sentida no recesso sagrado da consciência do ser humano. Nossa pesquisa baseou em vários autores, filósofos, arqueólogos e místicos do presente e do passado. Há muita coisa que está além da mente humana em decorrência do nosso estado evolutivo. Mas a sede do conhecimento nos leva a perquirir os mistérios do universo, da vida e da morte. E as sociedades secretas, no tempo e no espaço, sempre preocuparam com tais mistérios. E a mente é capaz de ultrapassar as fronteiras do espaço e as barreiras do tempo. Os registros acasos ou memória da natureza, contém tudo sobre o universo, o passado, o presente e o futuro. O difícil é acessar tais registros. Na realidade, não são nossos olhos que abrem nossa mente. É nossa mente que abre nossos olhos. Questões que sempre atormentaram o ser humano como o significado da vida e a inevitabilidade da morte, continuam em nossa mente e tem tomado muito tempo dos estudiosos da matéria, pois desde o momento que nascemos começa a contagem regressiva para voltarmos ao Oriente Eterno. As diversas Sociedades Secretas, no tempo e no espaço, cada qual com sua filosofia própria, tem procurado e estudado estes mistérios.

14– O iniciado que realmente sentiu a iniciação no âmago da consciência, na alma e na mente, sente uma transformação interior e vê a humanidade como uma grande família, isto é, todos somos irmãos, pois o amor é uma linguagem universal porque não é uma invenção humana, vem de Deus, dos anjos, arcanjos, querubins e serafins.

Continua na próxima edição...



artigo

DO LAÇO AO SENADO – VI

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Mais tarde, em plena interoventoria de Pedro Ludovico, Barros fugiu da cadeia de Goiás e se refugiou na região de Pilar de Goiás, onde foi assassinado e uma de suas orelhas foi vista dentro de um embornal conduzido pelo prefeito de lá para Goiânia, não sabendo Alfredo Nasser, em seu artigo no jornal, informar se era a orelha esquerda ou a direita (Consuelo Nasser, Alfredo Nasser, O líder não morreu, 2ª. ed., 1.995, p. 106).

Deflagrada a revolução de 1930, o Senador Ramos Caiado, face ao telegrama de Washinton Luiz, que o colocava como executor do estado de sítio no Estado, foi chamado de sua Fazenda Santo Antônio e, como chefe político incontestado, embora ciente do insucesso da causa, mas, por uma questão de lealdade, assumiu o comando das providências inadiáveis, como guarnecer as fronteiras de Goiás com Minas, em Santa Rita do Paranaíba, e convocar novo batalhão de patriotas.

Ramos Caiado era experiente em revoltas: quando jovem integrou o batalhão acadêmico de São Paulo, na Revolta da Armada, em 1.983, quando foi ferido em combate na Praia Vermelha e promovido a alferes por ato de bravura. Posteriormente, já em Goiás, comandou a revolução goiana de 1.909 e o enfrentamento da Coluna Prestes.

Assim, nessa tarefa de executor do Estado de Sítio é que recebeu pelo telégrafo, na cidade de Goiás, a notícia de que Pedro Ludovico havia atacado a cidade de Rio Verde com uma jagunçada, que fugiu ao encontrar

resistência por parte de alguns policiais e civis e que o mesmo Pedro se encontrava preso na cadeia local.

Na estação telegráfica de Goiás, pelo sistema Morse, Caiado ficou sabendo que naquela noite do tiro-teio, Pedro foi acometido de violenta disenteria (Jornal Opção, Última Entrevista de Pedro Ludovico, 1.978) não podendo acompanhar a fuga de seu pessoal e, por isso, foi encontrado na manhã seguinte debaixo de uma lobeira, em péssimo estado (04.10.1930), mas, a população local queria linchá-lo, suspeitando que teria prometido aos jagunços o direito de saquear a cidade, como remuneração pelos riscos da esperada conquista.

Caiado pelo telégrafo mandou Frederico Jaime, Luiz de Bastos e Rafael Nascimento, como seus chefes políticos em Rio Verde, impedir o linchamento e estes reafirmavam não poder conter os ânimos exaltados da população.

Foi aí que Ramos Caiado responsabilizou pessoalmente Frederico pela vida de Pedro Ludovico e adiantou-lhe que estava autorizando aos deputados César Bastos e Zacheu Crispim, que traziam armamento de São Paulo, via Mato Grosso, que conduzisse Pedro, com todas garantias de vida, para a Capital de Goiás, onde já chegou após o triunfo da revolução no País.

Sabendo da vitória da revolução de Getúlio Vargas, o senador Ramos Caiado reuniu os seus amigos mais íntimos, inclusive o governador em exercício, médico Dr. Humberto Martins Ribeiro, vice do licenciado Dr. Alfredo Lopes de Moraes, e ponderou não ter o estado de Goiás, como era óbvio, condições de resistir sozinho. Determinou que telegrafassem ao comando revolucionário vitorioso para mandar alguém receber o comando do governo, o que foi feito. Esclareceu ainda que iria se afastar da cidade, até que os ânimos se amainassem frente à esperada onda de perseguições, pois, a sua presença e de parentes mais próximos, possibilitaria o sacrifício de amigos dedicados, o que ele deveria evitar.

CAPÍTULOS 4 E 5

Em casa determinou a ida de minha mãe grávida, eu com 12 anos e meus irmãos menores, juntamente com Cory e Ubirajara Costa, para a casa do meu avô Luiz Astolpho de Amorim, cidadão respeitável e sempre afastado da política. Providenciou a devolução de seu afilhado que criava, José Alves Mesquita, já homem feito, à sua mãe e a ida de sua filha mais velha Consuelo para o Colégio Santana (das freiras). Mandou meu pai que se fechasse a nossa casa de morada, deixando apenas o vigia, o velho empregado José Raimundo, na casa debaixo.

Naqueles dias que oposicionistas locais mais exaltados queriam atacar o palácio e tomar o governo, foram desencorajados pelas ponderações do Desembargador Vicente Miguel da Silva e Souza, que haveria derramamento de sangue, vez que eles estavam enganados, já que o perigo residia justamente na ausência de Totó Caiado, pois, ele era quem representava a verdadeira “bandeira branca” da ainda situação local.

Razão tinha o Senador Caiado ao esperar desatinos praticados pelos contrários, pois, muitos dias passados, quando em resposta ao telegrama solicitando o recebimento do Governo de Goiás, chegaram as forças mineiras para a transferência do poder (Goiás foi o último estado brasileiro a depor as armas!).

Amparados pela impunidade e na ausência do proprietário, rancorosos inimigos arrombaram as portas e janelas de nossa casa e saquearam-na a bel prazer dos assaltantes. Roubaram e destruíram à vontade. Carregaram o arquivo político de Totó Caiado.

Curioso é que agora, depois de mais de setenta anos, alguns daqueles documentos pessoais de meu pai começaram a aparecer vindos de fontes ligadas ao ludoviquismo.

A minha irmã Cory, tempos depois, descobriu quem roubou o seu pequeno despertador de estimação. Foi um advogado de Formosa, meio desequilibrado. E ela em seu falatório desabrido, por dezenas de anos, não cansava de externar sua revolta para quem dispusesse ouvi-la.

Apesar das terríveis ameaças, pontapés, empurrões e socos sofridos,

o velho e cardíaco empregado José Raimundo, na filosofia Gandhi, não fugiu como queriam os agressores. Nos dias que se sucederam, era encontrado remendando portas e janelas quebradas pelos assaltantes. Nós todos, mesmo as crianças, éramos proibidos de visitar nossa casa e até de saímos da casa do vovô Luiz Astolpho, no Largo do Chafariz (Lena Castello Branco F. de Freitas, Poder e Paixão, 2009, vol. 2, p. 274 e 275).

5- PRISÃO DO SENADOR TOTÓ CAIADO

Já haviam deixado a fazenda Tesouras, depois da dissolução das forças de intervenção, os Drs. Brasil, Arnulfo e Jucá e regressavam à capital, já no mês de novembro de 1.930, na suposição de que tudo havia sido resolvido em paz.

A essa conclusão haviam chegado porque o governo decaído pautava sempre os seus atos pela honestidade e os crimes ocorridos naquele período foram exemplarmente punidos, com os seus agentes presos e cumprindo pena de até 30 anos na cadeia de Goiás.

Entrementes, chegou a notícia de que um forte contingente de 80 soldados armados com fuzis e metralhadoras partira da cidade de Goiás para prendê-los ou, quem sabe, matá-los. Daí ter Ramos Caiado, com o seu irmão Dr. Leão e filho Ubirajara Caiado, refugiado ao lado da Serra do Taquaral, na fazenda Tesouras, hoje município de Araguapaz-GO, na expectativa de ali permanecerem por poucos dias, convictos de que contra eles inexistia qualquer crime que lhes pudessem atribuir.

Da localização do refúgio só tinha conhecimento o vaqueiro do retiro do Lago Bonito, cuja mulher não resistindo ao interrogatório, ameaças e violências sofridas, já tarde da noite confessou a passagem por ali dos procurados.

O comando da força federal, que já trazia presos outros empregados de Totó Caiado, levou também esse vaqueiro para indicar o local da arancharia dos Caiado.

Bem cedo, quando Ubirajara encontrava-se no acampamento, construindo um pequeno rancho e Ramos Caiado no mato em frente à procura de tiras de madeira jangada para cordas, ouviu-se o grito de Ubirajara anunciando:

– Pai, cuidado, estão chegando muitos soldados!

Continua na próxima edição...



artigo

DIREITO À TRANSPARÊNCIA E BOA-FÉ

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Direitos do Consumidor

Segundo o vernáculo, transparência é característica do que é transparente; do que está exposto sem tergiversação; pode ser traduzido como norma através da qual, no plano do serviço público, a lei impõe à administração pública a obrigação legal e o dever moral de dar ampla divulgação da prestação de contas de seus atos.

Nesse sentido, vigente no direito brasileiro por força do art. 37 da Carta Política, há vários princípios dentre os quais o da transparência, e do qual subjaz a publicidade, donde a Lei de Acesso à Informação – Lei nº. 12.527, de 18.11.2011 contém procedimentos destinados a assegurar o direito fundamental de acesso à informação quando determina:

“os dados e informações de interesse coletivo devem ser oficialmente publicadas para conhecimento de todos, para revelar ao público em geral a exata transparência dos atos do Governo nas suas três esferas.

No mesmo sentido de publicização, o Código de Defesa do Consumidor (Lei nº. 8.078/90) trouxe inúmeras inovações como, por exemplo, o princípio da boa-fé que, aliás, fundamenta e outorga validade aos negócios jurídicos em geral. Por isso é que, no jargão popular, se diz

que a boa-fé constitui a argamassa que dá concretude e segurança aos atos da vida civil propriamente dita como do mundo empresarial.

Sobreleva notar, o princípio da boa-fé objetiva se complementa dos chamados deveres anexos (deveres de proteção e cuidado; lealdade, informação completa, probidade; cooperação, etc) com os quais e através dos quais se fortalece e ao mesmo tempo solidifica o necessário equilíbrio contratual entre os contratantes.

Na literatura jurídica, a boa-fé objetiva é um princípio-fundamento do direito do consumidor, através do qual – repisando -, as partes contratantes possuem o dever legal de agir com base em valores éticos e morais da sociedade, e nessa exegese ético-moral preleciona o vigente Código Civil prescreve art. 113:

“Os negócios jurídicos devem ser interpretados conforme a boa-fé e os usos e costumes do lugar da celebração”

Acudindo nesse mesmo ideário, alude o Código Civil em seu Art. 422: **“Os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios de probidade e boa-fé”.**

Pois bem. O princípio da probidade, na literatura jurídica, pode ser

traduzido como um preceito cujo valor é extraído da honestidade, integridade de caráter e lisura nos negócios. A propósito ensina José A. Camargo:

“A probidade e boa-fé encontram abrigo na própria essência da sociedade e em todas as relações decorrentes do convívio social. Este princípio é basilar à própria dignidade da pessoa humana, sob o qual se abriga todo o ordenamento jurídico pátrio que se centra na autonomia limitada da vontade”.

Com efeito, o Estatuto de Defesa do Consumidor entroniza a boa-fé objetiva como “pedra angular” no afastar de validade os contratos e cláusulas que se revelem abusivas, assim considerados, entre outros, os que autorizem a cobrança de multa em valores além do razoável segundo a praxe do mercado; que autorize ao fornecedor proceder unilateralmente o cumprimento do ajuste; ou que, por outra, que transfira a terceiros a responsabilidade do fornecedor. Nesse contexto, o Codex atribui nulidade absoluta aos contratos e/ou cláusulas contratuais que retrate manifesto prejuízo ao consumidor, como preconiza o CDC na Seção II, Das Cláusulas Abusivas, cujo art. 51, e incisos:

São nulas de pleno direito entre outras, as cláusulas contratuais relativas ao fornecimento de produtos e serviços que:

I – impossibilite, exonerem ou atenuem a responsabilidade do fornecedor por vícios de qualquer natureza dos produtos e serviços ou impliquem renúncia ou disposição de direitos. Nas relações de consumo entre fornecedor e consumidor pessoa jurídica, a indenização poderá ser limitada, em situações justificáveis;

A propósito do tema, leciona a Mestre e Doutoranda, Fláviana Rampazzo Soares, em artigo intitulado **O dever de cuidado e a responsabilidade por defeitos:**

“O dever de cuidado é juridicamente reconhecido, no Brasil, pela escolha do valor constitucional da defesa do consumidor contemplando a necessidade de proteção (tutela) desse valor, beneficiando o consumidor por ser a parte da relação de consumo que deposita confiança no produto ou serviço que será objeto da prestação, instituído como dever que permear a atividade do fornecedor”.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

O PAVIMENTO MOSAICO – II

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Conceitualmente, o Pavimento Mosaico, constituído de ladrilhos quadrados, brancos e pretos, dispostos alternadamente, nos lembra que apesar da diversidade, do antagonismo, de todas as coisas da natureza e, em todo reside a mais perfeita harmonia. Por isso, o Maçom não deve olhar as diversidades de cores e de raças, o antagonismo das religiões e dos princípios que regem os diferentes povos, como uma exterioridade de manifestação, pois toda a humanidade foi criada para viver na mais íntima fraternidade.

Como já disse, o conceito do Pavimento Mosaico é o do dualismo, onde se admite a coexistência de dois princípios, duas realidades opostas entre si, em um eterno conflito, embora um sábio já disse que todo o universo se baseia na dualidade e, também, todo o universo caminha para a unidade.

O psicólogo Carl Gustav Jung (1875 – 1961) – criador da psicologia moderna, reconhecido como um dos sábios do século XX, deixou significativas contribuições para o estudo e compreensão da alma humana. Não foi Maçom, mas seu avô foi Grão-Mestre da Grande Loja Suíça Alpina de 1850 a 1856 e seu pai, pastor religioso, era Mestre Maçom.

No livro *“O homem e seus símbolos”*, ele nos diz: *“A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta*

nem a certeza de que um dia um desses fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em um mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se não fosse assim, ela chegaria ao fim”.

Existe na vida de todos nós um conflito entre aventura e disciplina, mal e virtude, liberdade e segurança. E em vez de procurarmos a estabilidade dentro de nós mesmos, a buscamos no bem-estar econômico e social.

Este antagonismo pode causar, em certas pessoas, um estresse, uma ruptura, que pode se transformar em um grave distúrbio psicológico. Aqueles que vivem na rigidez do ou é certo ou é errado, ou é branco ou é preto, ou é nós ou são eles, se enchem de preconceitos, de amarguras, se tornam obtusos, são fáceis de serem dominados pelo fanatismo e querem destruir, literalmente, todos que pesem e hajam diferente deles.

Ao tratar da psicologia do inconsciente, Jung distingue no ser humano duas atitudes naturais, antagônicas entre si, dois modos de agir perante a vida. Chamou a isso de tipos de psicológicos ou de personalidades, é a preferência natural de cada indivíduo no seu modo de se relacionar com o mundo. Distinguiu os indivíduos entre personalidade *“extrovertidas”* e aqueles que são *“introvertidas”*.

A atitude da personalidade *extrovertida* caracteriza-se por um movimento das forças psíquicas em direção ao exterior, é

generalista, se interessa por tudo: pelos acontecimentos, coisas e pessoas (vai de encontro aos outros). É voltado para a ação (quer mudar o mundo), impulsividade (ação antes de pensar), comunicabilidade, sociabilidade e facilidade oral.

É fortemente influenciado pelo meio, o que favorece sua adaptação às condições externas. É sociável e confiante em ambientes que lhe são familiares, gosta de participar de organizações, reuniões e festas. Gosta de trabalhar com os outros, ensinando ou transmitindo o seu saber. É otimista e entusiasta, se bem que de curta duração; suas relações se quebram com facilidade.

Tende a superficialidade e se preocupa demais com a impressão que causa nos outros. Não gosta de ficar só e julga a meditação doentia. Uma certa incapacidade de autocrítica o torna mais atraente para os estranhos do que para os familiares e amigos íntimos, onde é visto sem disfarces. Aceita as convenções e a moral comum.

Já a atitude *extrovertida* caracteriza-se por um movimento de forças psíquicas em direção ao seu interior, emoções e pensamentos. Concentra-se nos fatores subjetivos, prefere a reflexão à ação, sua maior influência é a necessidade interior.

É sensível e receoso de cair no ridículo. Dá a impressão de hesitante por pensar antes de agir, por sua postura reservada, retraimento social e discrição. Retém as emoções e tem facilidade de expressão no campo da escrita.

Se sente sozinho e perdido nas grandes aglomerações, tende a tornar-se insociável. Sente-se bem em pequenos grupos ou familiares. Tende a ser pessimista, crítico esconde sempre as suas melhores qualidades, por isso é geralmente incompreendido.

Como tende a se manifestar somente em ambientes acolhedores, passa facilmente despercebidos; no entanto, como não gasta energias tentando impressionar os outros nem em atividades sociais, frequentemente possui conhecimentos fora do comum ou desenvolvem aptidões acima da média.

Prefere os próprios pensamentos ou leituras a conversas; o estudo tranquilo a uma atividade ruidosa. Dá mais importância ao seu juízo do que a uma opinião geralmente aceita. Com essa independência de juízo e ausência de convencionalismo, conquista amigos leais e simpáticos.

Mais especialista, apresenta interesses profundos. Pensa antes de falar, dificilmente fala de si mesmo, podendo desenvolver a timidez, mas toma a iniciativa quando a situação ou o problema é muito relevante para ele.

A famosa *“incompatibilidade de gênios”* nada mais é do que um choque, que leva a impossibilidade de convivência, entre esses tipos psicológicos diferentes.

Para os pais, orientadores do futuro de seus filhos, é importante detectar prematuramente se seus filhos são tipos *introvertidos* ou *extrovertidos*, para poderem orientar para carreiras profissionais onde mais se adaptarão e não sejam, futuramente, profissionais frustrados.

Ninguém é inteiramente *extrovertido* ou inteiramente *introvertido*, por isso Jung disse: *“Alcançar esse ritmo harmonioso (entre o extrovertido e o introvertido em nós mesmos) supõe uma suprema arte de viver”.* Um exemplo de alguém que conseguiu realizar essa *“suprema arte de viver”*, foi Mahatma Gandhi; era, ao mesmo tempo, um asceta (*introvertido*) e um líder político (*extrovertido*).



POESIA ESPÍRITA

Charles Wellington
de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

*Obra das mãos de Deus, partícula do Criador
Feito para a perfeição, mas ainda imperfeito
Posto a diárias provas para trilhar sua ascensão
Nas lutas de muitas vidas na escola da evolução
Tendo o tempo presente ligado ao pretérito
Sendo essa a justiça para se alcançar o mérito.*

*Na sabedoria divina eis a justa igualdade
Pois a todos alcança sem nenhuma falsidade
E se tudo obedece a universal lei do retorno
O mal que fazemos nos virá qual um estorno
Sendo o bem praticado nosso maior defensor
Por isso é melhor ser o ofendido do que ser o ofensor.*

*Mas distante do objetivo como ao infinito estamos
Numa estrada longa com passos curtos e lentos a trilhar
Vamos pouco a pouco as nossas arestas desbastar
E enquanto nossa pedra não polirmos ao tempo vagaremos
Visto que sem ela nosso edifício espiritual não construímos
Pois este é o caminho, a direção, o sentido no qual evoluímos.*

*Perdoar, amar e servir são leis vindas da boca do verbo encarnado
Que tudo fez pela palavra, pelo som e pelo trabalho
E qual o obreiro que no golpe preciso no cinzel do malho
Moldou o tempo, o espaço, o céu noturno estrelado
Dando ao homem contínuas chances de um novo porvir
Na pluralidade dos mundos sempre na busca do evoluir.*

*Nascer, viver, morrer, viver e renascer, eis o mistério
Buscar fugir de todo ato e comportamento deletério
De uma vida que não acaba, mas renova e transforma
Saldando débitos, juntando créditos, contínua reforma
Essa é a jornada do espírito, essa é a realidade humana
Subir na escala divina para de onde a luz de Deus emana.*

(*) Deletério: que possui efeito destrutivo, nocivo, danoso.



opinião

SUA PALAVRA TEM PESO?

João de França Barros | Cadeira nº 29

Vivemos em uma era onde a comunicação acontece em tempo real. Em poucos segundos, uma mensagem pode percorrer o mundo, gerar discussões, inspirar mudanças ou até mesmo causar conflitos. Em meio a essa velocidade de troca de informações, surge uma questão crucial: qual é o peso das nossas palavras?

Seja em uma conversa casual, em uma postagem nas redes sociais ou durante uma reunião de trabalho, nossas palavras

carregam significados, intenções e, muitas vezes, consequências. Elas podem edificar, motivar e unir, mas também têm o poder de ferir, dividir e perpetuar conflitos. Afinal, a língua é uma ferramenta tão poderosa quanto perigosa.

Pesquisas na área da psicologia demonstram que palavras têm um impacto profundo no bem-estar emocional. Um simples elogio pode elevar a autoestima de alguém, enquanto uma crítica dura

pode gerar sentimentos de inadequação. Assim, o cuidado com o que dizemos não é apenas uma questão de etiqueta, mas também de empatia e responsabilidade social.

As redes sociais amplificam o alcance das nossas palavras. Uma opinião compartilhada sem reflexão pode gerar impactos irreversíveis, especialmente em casos de cancelamento ou cyberbullying. A pergunta que devemos nos fazer antes de publicar algo é: "Isso contribui para um diálogo positivo? Estou sendo justo e responsável?"

No contexto profissional, a comunicação eficaz é uma habilidade essencial. Feedbacks construtivos e mensagens claras são fundamentais para o sucesso de uma equipe. Por outro lado, palavras mal colocadas podem comprometer

relacionamentos e resultados. Aprender a falar com assertividade, sem agressividade, é uma arte que todos devemos cultivar.

O convite aqui não é para que sejamos perfeitos, mas conscientes. Antes de falar, pergunte-se: Minhas palavras são verdadeiras? Necessárias? Gentis? Essas três perguntas, frequentemente atribuídas ao filósofo Sócrates, são um guia prático para uma comunicação mais eficaz e ética.

Em um mundo repleto de vozes, a sua palavra pode ser um sopro de esperança ou uma fonte de discórdia. Portanto, faça dela um instrumento de construção, e não de destruição. Afinal, a palavra é uma das poucas coisas que, uma vez lançada, nunca pode ser retirada. Que tal começar hoje a dar mais peso ao valor positivo da sua comunicação?



artigo

O ESCULTOR DA LIBERDADE: ALEIJADINHO – V

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 – Colaboração*

Com isso, o Marques de Pombal ordenou o aumento de impostos taxativos ao ouro do Brasil. A coroa portuguesa chegava a coletar 100 arrobas de ouro por ano. Passaram também a exigir a Derrama, um acréscimo dos impostos. O clima estava tenso em Vila Rica e não se falava em outra coisa. Os brasileiros, tanto de Vila Rica quanto das cercanias e de outras cidades da capitania, não suportavam mais o açoite português e inspirados por ideais iluministas que chegavam da França pré-revolucionária e da independência dos

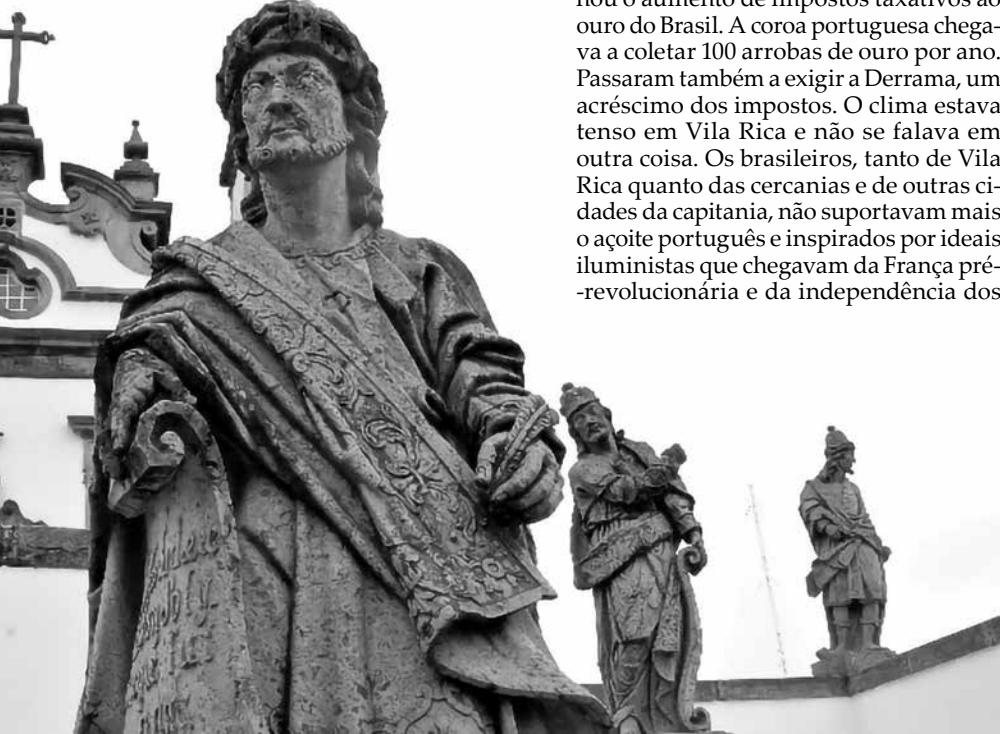
Estados Unidos em 1776, se reuniam secretamente em Sessões Maçônicas, onde idealizavam a libertação de Minas da coroa portuguesa, inclusive desenharam e costuraram a Bandeira de Minas Gerais, branca, com um triângulo vermelho ao centro, ornado pelos dizeres "Libertas Quæ Sera Tamen". Esse pavilhão foi criado dentro da Maçonaria, inclusive com a participação do Mestre Aleijadinho.

Era alta madrugada no dia 11 de outubro de 1781 e só se ouviam as pancadas de maço do Mestre sobre seu cinzel. Pode ser que se ouvisse também o cantar de algum curiango ou os pios de alguma coruja buraqueira. de repente, passos rápidos de botina batendo contra as pedras do Beco do Carmo, onde Aleijadinho concluía o conjunto de talha, retábulos, púlpitos e coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, encomendada pela Irmandade da Ordem Terceira do Carmo de Sabará. Ali também o Mestre detalhara duas colunas na entrada, colocou letras G ocultas e entalhou caveiras com ossos cruzados. Sempre montava uma oficina no próprio local de trabalho. Não tinha uma sede própria, pois gostava de trabalhar onde pegava o contrato, inclusive morava na oficina, ficando sempre nos arredores das igrejas. Assim eram os ateliês de nosso Mestre. Ali ele também fazia suas refeições e dormia. Durante a noite esculpia na pedra e na madeira.

Os passos pertenciam a Tomás Antônio Gonzaga, portador da certeza que encontraria o Mestre acordado e trabalhando. Comprovou rapidamente o que previra, chegando ofegante ao altar mor, causando estranheza ao mesmo pelo fato do horário da visita. Estava ofegante pela toada ligeira que vinha mantendo em terrenos de aclave. Pediu um copo de água antes de cumprimentar Aleijadinho. O Mestre percebeu aflição no semblante de Tomás e perguntou o que estava se passando? Por que viera de Vila Rica até Sabará? O que de tão importante não poderia aguardar o raiar do dia? Tomás tomou um pouco de fôlego e respondeu que resolveria partir no instante em que houve a decisão de finalmente se verem livres de Portugal. Saiu diretamente da Sessão da Loja e já montou em seu cavalo com destino a Sabará unicamente para ouvir da boca do Mestre a decisão final sobre o assunto discutido pela Assembleia.

A Maçonaria decidiu várias passagens importantes da história do Brasil e a Inconfidência Mineira foi uma delas. Todos os principais atores do movimento libertário eram Maçons. A Loja Vida Eterna de Tejuco era formada por poetas, escritores, músicos, militares, proprietários rurais, comerciantes e um grande arquiteto. Todos tinham em comum o fato de serem intelectuais e estarem repletos de desejos separatistas.

* Extraído de rede social: Maçonaria Ensinamentos, texto de João Vicente Silva
Continua na próxima edição...





artigo

O PARADOXO DO QUEIJO SUÍÇO E A TEORIA DE UMA VIDA MINIMALISTA NA SOCIEDADE DO CONSUMO!

Elismar Rodrigues dos Santos | Colaborador

Um distinto amigo, fidalgo, aculturado, com todas as folhas do passaporte carimbadas e dono de uma empática personalidade, certa vez convidou-me para cear com sua família em um domingo chuvoso. Cuidei-me de colocar uma roupa adequada á ocasião e me dirigi á sua residência.

Quando cheguei, fui recebido na porta pelos anfitriões numa casa cinematográfica, cheia de lustres antigos, cristaleira com copos de vidro maciço, poltronas confortáveis e uma TV de 75".

As escadas de acesso ao segundo andar me remetiam á Stairway to Heaven. Logo trataram de me apresentar aquela suntuosa residência, cómodo por cómodo, até chegarmos na área gourmet com uma longa mesa de madeira e cadeiras enormes. Uma piscina olímpica com cadeiras de descanso, toda ornamentada ao redor com todo tipo de flores, incluindo lírios que pareciam ter sido colhidos naquele instante.

Fiquei encantado com tanto luxo e requinte, e não me recordo de ter estado anteriormente em local tão distinto. Logo me convidaram a sentar em uma daquelas cadeiras. Deparei-me com uma mesa farta com cookies, arepas, burritos, café fresco cujos grãos foram colhidos nas montanhas rochosas da Colômbia, leite de cabra, frutas diversas, chai, e muitos queijos.

O distinto cavalheiro me esclareceu a origem e nacionalidade de cada iguaria, até chegar na seção de queijos. Notei que havia um deles um tanto quanto estranho, com furos em toda parte.

Curioso, indaguei-lhe: Amigo, qual a origem deste queijo e sua história? Com toda calma e habilidade, me disse que aquele é o famoso Queijo Suíço.

E por que tantos furos? Retruquei.

Disse-me que na Suíça há uma espécie de partícula que se mistura ao leite e produz os tais furos, e que quanto maior o número de buracos, melhor será o queijo.

Diante de tantas informações novas, busquei experimentar o queijo, e confirmo que é uma delícia e faz jus á sua fama mundo a fora.

Provei outras iguarias até me entupir, e entre uma conversa e outra, sempre muito agradável, notei o avançado da hora e declarei que devia me recolher.

Agradei efusivamente a acolhida e o banquete e parti rumo á minha choupana.

No caminho, comecei a refletir sobre o queijo suíço que tem buracos, e me lembrei da informação de que quanto mais buracos, melhor o queijo.

Percebi então que mais buracos, significa menos queijo, matemática básica.

E nasceu então, para mim, o paradoxo do queijo suíço, porque a premissa me mostrou que o melhor queijo suíço é o não queijo.

Isto poderia até acabar aqui, mas a provocação filosófica me fez ir além, e pude perceber que o queijo suíço reproduz um curioso paradoxo: o vazio que o caracteriza, também é a sua completude.

A irregularidade da sua superfície, criada pelos buracos, é a representação metafísica das pessoas que buscam uma vida minimalista priorizando aquilo que é essencial é que abre espaço para o que de fato é fundamental nesta vida.

O mundo de hoje tem como característica a velocidade de transformação das coisas, da informação, não raras vezes inúteis ou falsas, e pelo acúmulo acelerado, de modo que esses buracos surgem como uma espécie de rebeldia ao establishment comportamental.

Em verdade o buraco do queijo revela que viver bem pode não significa necessariamente possuir mais, mas se permitir escolher quais seções deixar vazias para receber outras experiências, é como respirar, pausar a vida e buscar valorizar o que é necessário, em detrimento do superficial e do acúmulo.

O mundo de hoje converge para uma vida de acúmulo de bens, atos, agenda e informações, que conforme dito, por vezes inúteis. E a existência humana, ao revés disso, não é medida pela quantidade, mas pela qualidade do que cultivamos.

O queijo suíço é um convite irrecusável á profunda reflexão sobre como e quando valorar os

espaços vazios, ressignificando-os, para que os minutos nesta experiência terrena seja um deleite e não um fardo.

Assim como os buracos do queijo possuem sabor intrínseco, a vida espaçada abre diálogo com a solidão e o descanso, que privilegia o ser, em vez de ter.

Aceitar viver uma vida com o mínimo suficiente é reconhecer a necessidade dessas lacunas em nossas vidas. Nós, seres humanos, não precisamos preencher essas lacunas com objetos.

A vida é uma construção diária, e permitir que a matéria se afaste é abrir espaço para que o novo se apresente diante dos nossos olhos.

Os buracos do queijo suíço têm sabor, assim como as pausas que nós outros nos propomos a fazer na nossa existência diária, não é falta, mas escolha consciente, consubstanciada na beleza e no arbítrio de escolher o que segurar e o que soltar.

Noutras palavras o paradoxo do queijo suíço é uma metáfora perfeita de uma vida plena e simples. E o mundo que nos revela abundância, também traz consigo uma armadilha, reforçando a ideia de que o homem é livre para fazer escolhas, mas é prisioneiro das consequências, portanto O ato de escolha é uma prisão em si mesmo.

Se a diferença entre o remédio e o veneno é a dose, é correto dizer que quando escolhemos abrir espaço ao vazio e ao silêncio, estamos, em verdade, permitindo o novo, o simples, e a certeza de que é possível viver bem com apenas o necessário.

Quando entendermos que os buracos são elementos de um todo, uma nova janela se abre para uma vida leve, com significado, propósito e novas experiências.

Dito isto, o minimalismo não é perda ou reducionismo, ao contrário, é dar mais intensidade àquilo que verdadeiramente nos toca, potencializando a ideia de ser em vez de ter.

A vida, tal como o queijo suíço, é um equilíbrio entre o preenchimento e o espaço, onde o vazio é tão essencial quanto o que se mantém.



sensibilização

PROVÉRBIOS

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Em conformidade com o Dicionário Michaelis, edição 2000, provérbios, entre outras, é: máxima breve e popular; adágio, anexim, ditado, rifão, sentença moral, etc. Salomão, o grande sábio, filho de Davi, Rei de Jerusalém, escreveu, conforme, está registrado no Livro da Lei, com o título Provérbios de Salomão, com 31 capítulos, mais de novecentos

provérbios, entre os quais acham-se no capítulo VI, com o subtítulo "Advertência contra a maldade", o seguinte:

Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina; Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente; Coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal; Testemunha falsa que

professe mentiras e o que semeia contendas entre irmãos.

Analisando friamente tudo o que escreveu Salomão há mais de dois mil anos atrás, não nos parece tão atuais nos dias de hoje? Vejamos: 1. Olhos altivos, 2. Língua mentirosa; 3. Coração que trama projetos iníquos; 4. Pés que se apressam a correr para o mal; 5. Testemunha falsa que profere mentiras; e 6. O que semeia contendas entre irmãos.

Analisem com profundidade e isenção de ânimo se não temos razão em a apresentar tais afirmativas, que estão causado até problemas de saúde física entre irmãos e até problemas psicológicos?

Ouvi e não faz muito tempo, um irmão relatando fato ocorrido, dizer que o cidadão que estava praticando tais atos, ele não o queria chamar de irmão, pois irmão não trataria um seu irmão daquela maneira. ntendo que chegou o momento de pararmos para pensar: onde está o juramento que prestamos quando da nossa iniciação: ajudar e defender o nosso irmão em qualquer circunstância...

Precisamos dar um basta a essa situação, para voltarmos a ser a Instituição fraterna e cordial, com a qual sonhamos e esperamos continuar buscando para o crescimento humano e social da família universal, da qual somos parte integralmente.

ações na AGML





artigo

A FILANTROPIA MAÇÔNICA – 1

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

A questão da prática da filantropia pela Maçonaria sempre será atual, reavivada pela admissão dos neófitos Irmãos Aprendizes em Loja, ou pelos arroubos de fraternidade no coração de todos os Irmãos. Aqui, mencionarei a experiência da nossa Loja e farei algumas reflexões iniciais sobre o tema com o objetivo de ampliar o debate e conquistar novas luzes.

Aprendi a praticar a filantropia (amor ou caridade cristã) com a minha mamãe, desde o berço. Este foi um dos motivos que me fizeram entrar na Maçonaria, pois as práticas de ações fraternas, igualitárias e libertárias provocavam em mim uma grande simpatia por esta Instituição milenar, revolucionária.

A outra motivação, era a possibilidade de polir a pedra bruta da nossa consciência humana, conceito congruente com todos os preceitos de Jesus para a renovação íntima: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Penso que a decisão da nossa Loja Maçônica Estrella Rioverdense (nº 1139), de não construir uma instituição própria para o exercício da filantropia, é histórica. Já na nossa primeira gestão (2020-22) como Venerável, a Estrella enfrentava graves problemas de ordem administrativa e financeira, devido à gestão direta em duas Instituições: a Maternidade Augusta Bastos e o Colégio Moreira Guimarães.

Como Venerável, reunimos os Irmãos em Loja e decidimos devolver a

Maternidade ao poder público municipal, o que fiz imediatamente. O Secretário Municipal de Rio Verde era o Dr. Paulo do Valle, que realizou um bellissimo trabalho de restauração da Augusta Bastos e agora, como Prefeito, construiu o Materno Infantil e o Hospital Universitário, talvez os maiores e mais modernos Hospitais do gênero em Goiás.

Seguindo o mesmo caminho, estimulamos os professores do Moreira Guimarães a fundar uma Cooperativa, para que eles próprios assumissem a gestão do Colégio, evitar o desemprego e melhorar o nível de ensino. Possuíamos belos exemplos de sucesso no Cooperativismo educacional, dentre eles a Cooperativa de Ensino – COOPEN, que fundáramos com alguns pais e mães de alunos alguns anos antes. Assim foi feito e a Cooperativa manteve-se por dois anos ou mais, tendo sido dissolvida por decisão própria dos educadores.

Esses dois exemplos sinalizavam que seria melhor para a Loja Maçônica apoiar

iniciativas terceiras de filantropia, caridade, educação, cultura, saúde etc.

Assim, na Estrella Rioverdense construímos essa tendência de estar juntos com os Irmãos e as Cunhadas Fraternas, no exercício da Fraternidade com o próximo, na busca da verdadeira emancipação das pessoas.

Parece-me que essa é uma realidade da Maçonaria em nível nacional. A vocação das Lojas Maçônicas é estar presente nas mudanças qualitativas sociais, para melhor, com a participação exemplar e profissional dos Irmãos e Fraternas em diferentes Instituições.

A menos que não haja instituições filantrópicas na comunidade em que a Loja esteja, sem criar outro CNPJ, a Maçonaria deverá fomentar através das instituições existentes, do Governo, inclusive, a Educação e a Saúde Pública com qualidade e gratuita, bem como a Assistência Social para o desenvolvimento humano, possibilitando o acesso a todas as pessoas.



crônica

TRISTES DIAS

Roberto Alves Fraissat | Colaborador

Acordara bem cedo, de madrugada, como sempre o fizera e antes de se levantar definitivamente, assinou o livro que mantinha guardado no criado-mudo localizado na cabeceira de sua cama.

Livro de capa vermelha, usado em contabilidade e em cuja capa estava escrito “Contas Correntes”. Talvez usasse aquele tipo de livro para não chamar a atenção e manter a sua privacidade. Completara naquele dia 2.558 assinaturas. Acredito que, de vez em quando, o folheasse indo até a primeira página onde relia:

“Este termo de abertura servirá para a minha Regeneração sobre o vício do jogo. Buriti Alegre, 29 de agosto de 1952”

Vivia modestamente. Sua casa situada na antiga rua Eugênio Jardim esquina da rua Cônego Teófilo de Paiva, próxima a Igreja do Rosário. Casa simples, assoalhada com tábuas compridas e largas, casa sem forro, telhas comuns e rebocos, sofridos pelo tempo, já despregando dos tijolos, principalmente nas áreas externas. Nas áreas internas, no assoalho, passadeiras coloridas feitas de lona, nos locais onde havia maior trânsito de pessoas.

Alma generosa, promovia todos os anos o natal dos Pobres, em dezembro, e a campanha do agasalho quando o frio se aproximava. Muitas pessoas desprovidas de recursos também tinham sua carne de graça garantida em seu açougue.

Apesar da vida simples que levava, mantinha seus três filhos estudando em São Paulo em regime de internato nas melhores escolas do país. As duas filhas, no Colégio Santa Marcelina, em Perdizes, próximo à região central da cidade, dirigido pelas irmãs Marcelinas e que seguiam as orientações de seu fundador, Beato Luigi Biraghi, italiano que afirmava que as mulheres deveriam ocupar espaço na sociedade e que precisavam ter sólida formação intelectual, moral e religiosa. O filho, no Liceu Pasteur, na Vila Mariana, escola de orientação franco-brasileira onde estudou o banqueiro Walter

Moreira Salles, os cantores Sérgio Ricardo e Rita Lee, o médico Dráuzio Varella entre tantos outros.

Não tinha outros vícios. Mesmo quando jogava, há mais de dois mil e quinhentos dias atrás, sempre o fazia durante a noite quando ia até à rua D’Abadia e algumas vezes, perdia tudo que tinha no carteador. Levava muito a sério o seu trabalho. E trabalhava muito. Nas ocasiões difíceis em que enfrentava, quando perdia tudo no jogo, tinha o apoio de seu sogro Vergílio Alves de Moraes, que carinhosamente o chamava de “Seu Pai”.

Vergílio era quem comprava o gado que seria abatido em seu açougue como também trabalhava no caixa recebendo dinheiro, produto das vendas do dia. Vergílio tinha um sítio próximo à cidade onde deixava as reses adquiridas e que seriam abatidas no matadouro municipal. Algumas vezes chegou a levar para abate o seu próprio gado para ajudar o genro. Alugava também uma chácara próxima ao matadouro municipal.

Seu açougue, colado à casa descrita anteriormente também era simples, com duas portas de madeira viradas para a rua. No fundo, colado no açougue, outro cômodo, para manuseio de carne e um grande defumador a lenha para ser usado nos dias de muita chuva. Naquele tempo a carne não era embrulhada como hoje; era pesada, perfurada com uma grande agulha de costurar saco e amarrada em cordão.

Seu açougue causaria inveja aos açougueiros de hoje. Quatro empregados o ajudavam em sua lida diária. Abatia, todos os dias, duas vacas e cinco porcos.

Ao lado, no quintal, uma área cercada destinada a secar a carne que seria vendida aos fazendeiros da região e aos boiadeiros. Havia muitas comitivas em Buriti Alegre que levavam o gado tocado principalmente para Barretos em São Paulo. Nos fundos, uma área coberta a qual chamava

de fábrica. Um enorme tacho de cobre que servia para apurar a banha ou fazer sabão em bola que também comercializava em seu estabelecimento comercial. Completava, essa pequena indústria uma prensa para melhor acondicionamento do torresmo depois de frito e um equipamento para clareamento da banha que depois de pronta era batida e acondicionada em tambores e que seria vendida futuramente em outros estados. Possuía também, no matadouro municipal, um autoclave para a produção de sebo.

Voltemos ao início de nossa narrativa: naquele 31 de agosto embarcaria para São Paulo uma carga de sebo e antes de se dirigir ao matadouro comentou com sua sogra: “Éh, Sua Mãe, ” assim que a chamava, “o mês de agosto, finalmente está acabando.”

Mês agourento, de cachorro doído, de acontecimentos e notícias ruins, de clima seco, de muito vento, muita poeira e muitas queimadas nos pastos. Supersticiosamente muitos não gostam do mês de agosto até nos dias de hoje.

Chegando no matadouro, já o esperava o motorista do caminhão, o seu sogro e seus funcionários. Imediatamente, deslocou-se até o pequeno cômodo onde estava armazenado o sebo que seria embarcado.

Posicionou-se próximo à porta, sinalizando para que o caminhão, de ré, se aproximasse, o máximo possível, para facilitar o embarque.

Óh ! Destino cruel! Já concluindo a manobra, o motorista pisou no freio mas o barro que havia no local, fez com que o veículo escorregasse fazendo com que a carroceria do caminhão o atingisse violentamente, espremendo-o contra a parede.

Morreu instantaneamente! No mesmo mês que seu pai falecera. Ambos no mês de agosto. Ambos com 44 anos de vida!

A triste notícia se espalhou rapidamente pela cidade. O comércio encerrando suas portas assim que tomavam ciência da trágica ocorrência, escolas dispensando seus alunos, repartições públicas liberando seus funcionários. A cidade literalmente parou por dois dias. As ruas próximas à sua residência ficaram intransitáveis, apinhadas de tanta gente. A praça da igreja permaneceu cheia, mesmo durante toda a noite.

Estava eu, naquele trágico dia, na Escola Paroquial onde cursava o quarto ano primário, quando a professora Blandina recebeu a triste notícia de uma funcionária da escola e assustada nos comunicou do ocorrido e nos dispensou. Lembro-me até hoje de suas palavras: “guardem seus objetos e estão dispensados, o Conceição acaba de falecer”.

Difícil de acreditar! Chegando em casa, não havia ninguém. Subi numa mangueira, no meu quintal havia muitas, e fiquei lá no alto até minha mãe me chamar para almoçar. Naquele dia não tive coragem de ir até lá. Dia de muita tristeza. Ficara sem meu tio, para mim, um segundo pai. Guardo até hoje, algumas orientações suas e a saudade é grande.

A família contratou o sr. Wildes Coelho, taxista local, para que buscasse seus filhos na distante cidade de São Paulo. Buriti Alegre já não possuía mais linhas aéreas regulares. Wildes deslocou-se de carro até Uberlândia, no triângulo mineiro, estrada de terra, muita poeira, e de lá tomou um avião para completar o seu desiderato.

Chegando em São Paulo, dirigiu-se até o Santa Marcelina onde Nely e Bety estudavam, mas as freiras não quiseram entregar as meninas sem a presença do irmão. Wildes teve então que se dirigir até o Liceu Pasteur, na Vila Mariana e com a presença do irmão, Irajá, as filhas foram liberadas com a condição de uma religiosa da escola acompanhá-los até o aeroporto e só deixar o local, quando eles entrassem no avião.

Já de volta, Wildes teve que parar a duas quadras de distância do local do velório. Não havia local disponível para estacionar seu carro e as ruas adjacentes estavam apinhadas de tanta gente. Seus filhos puderam então ver e despedir de seu pai, pela última vez.

Suas filhas voltaram para São Paulo posteriormente para conclusão dos estudos e seu filho nunca mais voltou, ficando em Buriti para ajudar sua mãe, agora viúva.

Quando meus primos chegaram é que fui até lá para vê-los, mas mesmo assim não consegui ver meu tio que estava sendo velado na sala.

Chorei bastante abraçado com tia Euremita. Era a primeira pessoa que eu perdia. E depois vieram tantas outras...



crônica

É NATAL

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Mês de dezembro e o último mês do ano, no dia 24 para o dia 25 será o dia de natal, todos comemoram o nascimento de Jesus Cristo, é natal, a cidade brilha com luzes, enfeites nos postes de energia elétrica, nas arvores, nas ruas e avenidas não há lugar para a escuridão. Os representantes do povo com um largo sorriso no rosto não poupam frases bonitas enaltecendo as famílias, Deus e Jesus Cristo, agradecem por mais um ano de vitórias com o emprego garantido, e sempre publicando

nos jornais da cidade, é natal, as pessoas, famílias se confraternizam em festas regadas com bebidas, frutas, leitoas etc.

Muitos se vestem com esmero para essa noite tão importante, para esperar o papai Noel fazer a entrega dos presentes, é natal todos sabem que o senhor Jesus nasceu em um estabulo, teve como berço uma manjedoura, recebeu a visita dos três reis magos, **Belchior, Baltasar e Gaspar**, de presente ganhou, ouro, mirra e incenso, presentes digno de um rei. Seus pais não tinham na mesa, vinhos caros,

champanhe, peru, pernil e outras guloseimas, desse mesmo jeito é o natal de uma boa parte de goianos e aparecidenses, é natal dos menos abastados, mas mesmo assim eles esperam a visita do papai Noel, é natal, tempo de refletir e dizer feliz natal, mas sem magoa e ódio.

É natal, é época de paz, de alegria, isso em alguns lugares do Brasil, mas como será o natal das crianças de ISRAEL, da UCRÂNIA, da PALESTINA, do HAITI, LIBANO, algumas TRIBOS AFRICANAS, países envolvidos em conflitos, terremotos e outras agruras, causados pela arrogância de seus tiranos e violência da natureza. Será que o bom velhinho vai com suas renas e sua roupa vermelha, descer pela chaminé dos escombros destruídos por bombas e morteiros para entregar alguns presentes? Será que o senhor JESUS CRISTO vai entrar no cérebro

desses tiranos que fazem guerra sem saber o porquê? LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE eles sabem que existe, mas infelizmente ignoram e só pensam na liberdade e fraternidade dos próximos a eles, mas será natal.

E aqui no Brasil não será diferente, talvez os maus políticos que se dizem nossos representantes vão ser tocados pelo espírito natalino e confessarem que usurparam o quanto puderam do doente terminal, do aposentado, do trabalhador, das crianças que residem nas favelas, e como arrependimento vão distribuir para os menos favorecidos? Ou, seja, para o pobre que não tem condições de comprar um presente para seu filho e alimentos para uma simples ceia de natal, será que terão o consentimento das verdadeiras autoridades para dar tudo aquilo que eles apropriaram de forma ilícita? Mas é natal.



educação&maçonaria

UM NATAL E ANO NOVO TODO SEU

Newton Agrella | Colaborador

Para você Cristão, Judeu, Muçulmano, Budista ou seja lá qual for sua crença ou religião, o NATAL hoje se traduz numa festa de Celebração da Fraternidade. Dezembro carrega essa responsabilidade consigo. Seu significado transpõe qualquer tipo de adoração, ou de caminhos da Fé.

O NATAL ganhou uma aura de comemoração das relações humanas, pautada sobretudo pelo espírito do entendimento, do compartilhamento, de cores, luzes e sons que a tornam uma Festa única entre as pessoas.

O desejo de "Feliz Natal" se expressa entre as inúmeras línguas e as saudações se exaltam como um inquérito ritual.

O cenário se renova com Shopping Centers abarrotados, Descontos e Promoções, ruas de comércio intransitáveis, o frenético burburinho das lojas e de algum modo, mal ou bem, o coração obedece um ritmo diferente de outras ocasiões.

As pessoas trocam presentes como uma espécie de comunhão, gratidão e reconhecimento pelo valor da vida.

Papai Noel, com suas vestes tradicionais ocupa-se de ganhar o mundo, munido de um enorme saco de presentes, e simbolicamente distribui seu sorriso e mensagens de Paz e de Esperança entre as crianças pelos quatro cantos do planeta.

O vermelho intenso é a cor oficial, transmitindo a idéia contínua de vibração, e de alegria incontida.

O tambor da alma bate mais forte, porque a vontade de ser feliz é o combustível da Vida!

Dezembro traz consigo essa magia que mescla fé, festas, brindes, comemorações e sobretudo em nosso calendário, um marco no tempo, que se instaura coma a fronteira de um novo ciclo.

Especialmente para a cultura ocidental, transpor o Ano Novo é sinônimo de renovação de vida e de esperança por tempos melhores.

Portanto, pra Você um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de Felicidade !!!



educação&cultura

FELIZ NATAL E ANO NOVO!

Hamilton Werneck | Colaborador

Nesta época do ano, transformamos a caixa postal da internet numa manjedoura, onde o Menino habita por alguns dias. Depois as tarefas aumentam, o corre-corre impede que a gente volte a esta caixa e contemple a presença dele escondidinho em algum canto. De fato, ele estará sempre presente dentro da caixa postal-manjedoura o ano inteiro e nós não o vemos porque, mesmo presente

por lá, ele se encarrega de fazer alguns passeios e vem habitar nossos corações. Como não temos tempo para escutar nosso coração não escutamos a presença do Menino o ano inteiro. Seja este momento de Natal um momento de escuta do coração para reencontrarmos com o Menino, com suas mensagens e seu amor infinito! É o que desejo a você, LEITOR! Um grande abraço pelas datas a serem comemoradas!



crônica

NATAL LÍQUIDO, PRESENTE SÓLIDOS

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

Dezembro chega, e junto com as luzes piscantes e o aroma de panetone, vem a inquietação das listas: quem vai ganhar o quê? A troca de presentes vira um ritual tão ensaiado quanto a ceia. Mas, entre os embrulhos coloridos

e os sorrisos solicitados, algo se esconde: uma pontada de culpa, cuidadosamente mascarada sob o papel de presente.

Não é difícil perceber que, para muitos, o Natal se tornou mais uma vitrine do que um encontro. O consumo frenético

ocupa o lugar do afeto que faltou ao longo do ano. Compramos mais quando sentimos menos. É como se os laços fossem restaurados com etiquetas de preço, cupons de descontos e vale-trocas.

Zygmunt Bauman observou que vivemos em tempos líquidos, onde nada se sustenta por muito tempo. Assim como a água, que assume a forma do recipiente onde está, nossas relações escorrem, adaptando-se ao imediatismo e à superficialidade do consumo. Quando compramos aquele presente caro, talvez não fiquemos apenas tentando agradar; estamos remediando a ausência de gestos que importavam mais.

O vazio dos lugares à mesa grita mais alto quando os brindes começam.

É o preço silencioso de um ano inteiro de "estou sem tempo" e "depois a gente se vê". As trocas de fim de ano, recheadas de símbolos materiais, tornam-se um espelho distorcido de uma época em que o consumo toma o lugar do real significado da celebração: a conexão humana.

Nas festas de fim de ano, trocamos objetos na tentativa de preencher o buraco deixado por uma presença ausente. Bauman não estava errado ao dizer que a modernidade escorre pelas mãos, deixando-nos com nada além do cheiro do peru assado, o brilho das luzes e a pergunta inquietante: "Por que só agora nos lembramos deles?"



galeria poética

**CENTELHA
ASTRAL**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Houve. Por certo houve, no infinito,
Um rastro luminoso e colorido
Que para dar-me à vida mais sentido
Fez-me cruzar com teu olhar bendito.

Houve. Por certo houve mais que um grito
De espera e desespero tão dorido
Que te acordasse ao som de meu gemido
E me mostrasse a ti, mais do que um mito.

Houve união e paz, houve carinho.
Houve, por certo, o amor em nosso ninho,
Que a despeito do tempo inda perdura.

Por isto, quantas vidas já passadas,
– Espaço / tempo – , após tantas jornadas,
Recende de nós dois tanta ternura...

**CAUSA E EFEITO**

Helton Chacarosque
Cadeira nº 35

Uma peça derruba todo o dominó
Bem-me-quer a pétala que resta
Um construtor apara a sua aresta
O texto ensina que a carne vira pó
E vira planta, vira carne, vira festa
Um bom dengo vem do colo de vovó
A lei da causa e do efeito desata o nó
e explica a dúvida que ainda nos resta
A causa primeira de tudo é uma só
É assim que a própria razão atesta
Em Roma ou nos incensos de Codó
Acima do Sol e dos mistérios da floresta
De todos: do pária ao Papa até o Faraó
A causa de tudo e da vida que nos empresta

**PERSISTIR...
NÃO TEIMAR**

Adilson Zotovici
Colaborador

Insisto em que persistas
Como tal, livre pedreiro,
Nas sendas do bem tuas pistas
Encetadas no canteiro

E que jamais tu desistas
Tal qual nobre cavaleiro
Com teus planos e conquistas
Pois és irmão, vanguardeiro,

Livra-te dos pessimistas
Daquele mau conselheiro
De ociosos, extremistas...

Mas, lembra-te audaz obreiro,
Na “teima” jamais invistas
Persistas!... o tempo inteiro !

**SINOS DE VILA BOA**

Aidenor Aires
Cadeira nº 03

Os sinos estão batendo
e são as portas da morte
nos seus batentes rangendo.
Os sinos estão abrindo um rio fundo
de vozes sobre os silêncios passados.

Bate sino de São Francisco, respondido em
Santa Bárbara! Bate sino do Rosário,
despertado em Boa Morte.

A manhã recebe um baque, um din-
don dentro do peito. A sinhá que vai
à missa ainda está quente do leito.
O senhor e sua negra, o reinol e sua
mestiça, todos vão à voz do sino muito
puros rezar missa.

Os sinos batem, rebatem,
galos de bronze tangendo
seus instrumentos de luz. Din-don... don...
“o meu senhor é muito bom!”
Don dein, dein,
“quando é que meu amor vem?”

Batem sinos de Vila Boa
ou no passado batiam.
Mais alto que os galos sabem s
er operários do dia.

**VERDADE
EM AÇÃO**

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

Um caso de seriedade
Que transforma numa mentira
É quando na falsidade
Onde o nada-consta se omitira
Que sequer uma narrativa
Que se prima por veracidade
Mostra o reverso na oitiva
Constando infiel idoneidade
A certeza nua e crua
Nunca mostra simulação
No que o real instrua
Pois, é Verdade em Ação



ALTERCAÇÃO

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02

Voavam setas pelo ar
Dardos envenenados circulavam
Pelas bocas dos troncos de metal
O tétano contaminava os ouvidos
Embaralhava a visão
Adoecia a razão
Eram muitos
Epiléticos
De mamando a caducando

Ciladas, armadilhas, arapucas... tocaia
O ronco da pororoca arrastava
Feito peste de aluvião, calcinava
A onda marchava... oferecia cicuta
Tinha mula sem cabeça
Corpo seco
Assombração
De mamando a caducando

No ocaso do pagode, a murmuração
Levantaram o calcanhar
Era um beco escuro à direita
Havia testas franzidas, dedos empinados
Revolviam corpos insepultos
De costas para o sol
Uivavam
De mamando a caducando



AO SOL

Helton Chacarosque
Cadeira nº 35

Ao Sol

O Sol inaugura a manhã, impõe, avança
A Lua que é exaltada no amor da poesia
reflete na sua prata a genuína luz do dia
e, assim, o Sol ressurgue como lembrança

Do Astro Rei que já foi Deus na mitologia
surge toda a vida em firme perseverança
tudo que se sabe vem de sua pujança
Distribui o calor num gesto de empatia

Afasta as trevas e traz a esperada bonança
Deixa azul o céu e nos permite desejar a utopia
De que o Sol seja para todos e proteja a criança
Para que nunca falte música, nunca falte alegria!
Salve Rá, Mitra, Guaraci, Javé e a esperança
por mais uma chance de viver outro novo dia.



CALÍOPE 3.4

Antônio Victor
Colaborador

Agora tu, Calíope, me ensina
o que se faz, então, quando se ama
de forma que se molde, uno, à sina
de quem assina a carta que proclama

Que a vida, mesmo quando em armadilhas
prepara emboscada a seus viventes,
– revoga suas leis, quando é a filha
a quem busca o pai, de amor fremente.

Então os céus preparam legiões,
os anjos chegam, prestos, guardiões,
e, atalaias, quedam, em vigília.

Até que a noite vê surgir a aurora
e o pai, poeta, a Camões implora
um dos seus versos em louvor à filha!



CONSUMAÇÃO

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Doar-me a ti já o fiz. Tu te doaste
A mim também e os corpos embebidos,
Na embriaguez do amor que despertaste,
Translustraram em nós nossos sentidos.

Não há que perguntar o quanto baste
A saciar os teus deuses queridos
Da dúvida mordaz. É firme a haste
Dos sentimentos nossos bem nascidos.
Caminheiros da vida, nosso enlace
Foi a consumação do procurado,
Da fantasia de um sentir que nasce.

Nosso amor é tão forte que, destarte,
Tu não podes conter-me no passado
E eu não tenho, jamais, como deixar-te.



DO POUCO, MUITO OCULTO

Flávio Roldão
Cadeira nº 11

Em cada tempo, deste tempo, cada qual se (des)faz.
Do ontem, pouco no hoje e tão nada sendo no amanhã.
Do que lhe cabe nas mãos, tens a verdade que lhe traz.
Não tendo, não há impulso para retomar cada manhã.

Entre tantos olhos, dia-a-dia, muitos olhares perdidos.
Daquilo que se reconhece, do aparente, pouco se sabe.
No tempo comum, os incomuns não são agradecidos.
Não há feição naquilo que não se vê, pois não lhe cabe.

Buscando quanto mais, menos quanto lhe resta ao ter.
Insipida é a conexão deste com os quantos do quanto,
Pois, ainda que colha, esse quanto não basta para ser.
Labuta sem fim de querer o quanto, mesmo sem tanto.

Sinuosa é esta topografia, do fluído e instável saber ser.
Em seus aclives e declives, gratidão não é para todos.
O imagético de Bauman a contorna bem, ao antever.
De cá, há um Certo que És o maior e único dos sentidos.



artigo

A BET QUE AMEAÇA GOIÂNIA

Salomão R. Filho | Colaborador - Médico psiquiatra

O sistema de recompensa cerebral, localizado nos gânglios da base, núcleo caudado, tálamo, núcleo acumbens, área tegmentar e córtex pré-frontal processa as informações relacionadas às sensações de prazer e satisfação. A dopamina, principal neurotransmissor nesse sistema, é liberada quando a pessoa faz sua aposta em um jogo, aumentando os níveis de excitação e reduzindo a inibição de decisões muito arriscadas, o que reforça a compulsão para jogar. O vício em jogo, LUDOPATIA não é frescura, é uma doença catalogada na Classificação Internacional de Doenças (CID-10 - OMS). A expectativa de ganhar, a imprevisibilidade do resultado (para o apostador) estimula a liberação de dopamina gera excitação e vontade incontrolável de jogar mais.

Com a introdução das novas tecnologias em nosso cotidiano, a Internet e os jogos eletrônicos tornaram-se ferramentas amplamente utilizadas sem restrição. Seu uso correto foi cedendo campo para o abuso e à falta de controle, que impactaram severamente a vida diária de milhões de pessoas, principalmente os mais pobres e mais ingênuos.

O surgimento de centenas de BETs, aliado a publicidade com ostensiva presença de ídolos do futebol (bola, microfone e tela) que desavisadamente vendem seu prestígio pessoal, seu nome e sua imagem para avaliar uma atividade que corrompe os costumes e saqueia a população, principalmente os cidadãos das classes D e E. A facilidade para jogar torna as pessoas presas mais fáceis.

Recentemente, o Banco Central revelou que as casas de apostas eletrônicas movimentam cerca de R\$ 20 bilhões por mês no Brasil. Este dado impressionante esconde uma realidade ainda mais preocupante: cerca de R\$ 3 bilhões desse montante provêm de cartões do Bolsa Família, um programa destinado a garantir dignidade mínima a milhões de brasileiros em situação de vulnerabilidade.

A manipulação de resultados dos jogos de futebol é consequência que descredita mais ainda o já combalido futebol brasileiro.

A cidade de Goiânia enfrenta mais um desafio ético e social: Trafegando na contramão de suas funções, a Prefeitura de Goiânia faz licitação para contratar empresa que fará a gestão de BET municipal. Como psiquiatra, com mais de cinquenta anos de experiência, não posso me omitir diante de um tema que ameaça o bem-estar da nossa sociedade. Não é ético o poder público montar uma banca de jogo que vai expropriar os goianienses mais necessitados e, a médio e longo prazo, trazer consequências danosas.

A regulamentação e ampliação de BETs em Goiânia contribuirá para a criação de um ciclo de vulnerabilidade médica e social para os cidadãos mais fragilizados de nossa capital. Enquanto a promessa de arrecadação e geração de empregos é frequentemente apresentada como justificativa, pouco ou nada se fala sobre os custos ocultos: endividamento, desavenças, agressões, desagregação da família, aumento de transtornos mentais e de suicídios e o peso sobre os serviços públicos.

Como sociedade, temos a responsabilidade de priorizar políticas que promovam saúde, educação e igualdade. Abrir espaço para atividades que sabidamente ampliam o sofrimento individual e coletivo contradiz os princípios de uma gestão ética e responsável.

É hora de Goiânia refletir. Que legado esta geração quer deixar para as próximas?

Não podemos permitir que interesses econômicos de alguns tragam prejuízos a saúde mental, a dignidade e ao futuro dos goianienses.



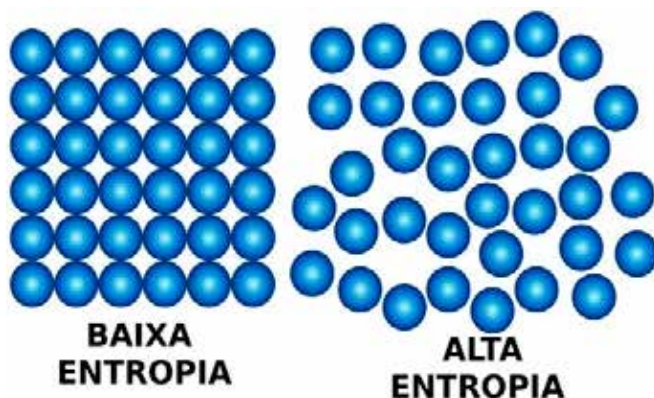
tempo de estudo

SEXTA VIAGEM - I

Ariel Sodré Dias | Colaborador

Relatório experimental e tem por finalidade o aumento de salário para exaltação do irmão.

Na mesma sequência indicada anteriormente, essas percepções ficam claras na fala dos irmãos. Vejam como cada um deles abraçaram essa responsabilidade e senso de dever. Acredito que isso ocorreu devido o correto desenvolvimento dos sentidos. Um despertar bem conduzido. Há na química um conceito chamado entropia que fala sobre o grau de desordem das coisas.



Naquela minha primeira visita senti que as informações estavam completamente bagunçadas em minha cabeça e que precisaria colocá-las em ordem. De forma geral aquilo que está em maior grau de desordem tem maior facilidade para reagir e minha reação foi a de ler, estudar o manual e conversar com outros irmãos companheiros.

Nessas conversas comecei a entender que este sentimento não era apenas meu e sim coletivo. Falávamos sobre a transição de aprendiz para companheiro e como isso tinha mudado nossa perspectiva da coisa, em como sentíamos essa cobrança, que não era feita por ninguém em específico e por todo o contexto ao mesmo tempo.

Como seria quando nos tornássemos mestres maçons? Para chegar lá teríamos a fase em que estou e somos chamados de companheiros. O Interstício é de 6 meses, um período relativamente curto.

Percebemos que de forma geral há poucas seções de companheiro, porém faço aqui uma ressalva, no meu período de companheiro temos tido um número considerável de seções, aparentemente devido aos ciclos de iniciação, estamos em uma fase com um número significativo de companheiro nas lojas de Goiânia.

RESULTADOS – A VIAGEM



Fica claro na fala dos irmãos e após procurar entender o grau de companheiro que de fato existe uma viagem não falada, não discutida, mas que está presente nas entrelinhas. Uma viagem na qual nos preparamos para mudar de grau e galgar novos passos e degraus, fazendo parte dessa viagem a vivência do interstício se prolongando até mesmo aos primeiros passos do grau seguinte.

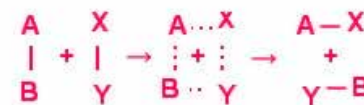
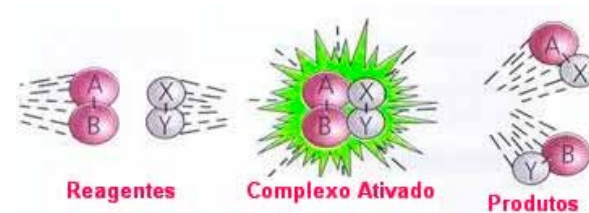
Perceba que quando se inicia aprendiz maçom há um momento de vislumbre, a vivência, o amadurecimento, a apropriação de ser um aprendiz e então os passos para se tornar companheiro. Quando companheiros já temos alguma experimentação maçônica e passamos num primeiro momento por essa adaptação e em seguida passamos novamente por todo esse processo de forma mais intensa e rápida.



Não há um caminho definido ou um rito perfeito para que isso aconteça, mas sem sombra de dúvidas o compartilhamento e a vivência maçônica tem sido práticas

que proporcionam o bom andamento deste processo. Não há como se tornar um bom maçom apenas com a leitura e memorização do rito, é preciso vivenciá-lo. E faremos isso junto aos nossos irmãos, nas visitas e nas partilhas.

Para que uma reação química ocorra é preciso que os reagentes entrem em contato um com o outro de forma eficiente e com energia suficiente para criar o que chamamos de composto ativado que dará origem às novas substâncias.



Aqui temos como reagentes os irmãos, os tempos de estudo, as visitas, a vida profana e tudo que nos cerca. Como composto ativado as impactações suscitadas em nós diariamente, as provocações que nos causam e o resultado da colisão entre todas essas coisas, a nova substância, somos quem nos tornamos a cada passo da nossa jornada maçônica, a cada consolidação desses ocorridos.

Tenho a felicidade de ter irmãos que também entendem isso e compartilham essa visão. Tem sido de fundamental importância para o meu processo de transformação a convivência com eles. A troca de experiências e aprendizados, e sinto que isso tem me preparado melhor.

Compartilhamos do mesmo sentimento de responsabilidade e os vejo com grande admiração. Vejo que buscam não no mestrado, o título pelo título. Mas de fato buscam tornar-se pessoas melhores, irmãos melhores que buscam uma maçonaria melhor. Ao ponto de combinarem entre si que ao se tornarem mestres, convidarem uns aos outros para visitarem lojas que estão com dificuldade de ter suas sessões suspensas pela falta de irmãos.



saúde & psicologia

O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA DIGNIDADE HUMANA – I

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

No centro do direito encontra-se o ser humano. O fundamento e o fim de todo o direito é o homem, em qualquer de suas representações: homo sapiens ou, mesmo, homo demens; homo faber ou homo ludens; homo socialis, politicus, oeconomicus, technologicus, mediaticus. Vale dizer que todo o direito é feito pelo homem e para o homem, que constitui o valor mais alto de todo o ordenamento jurídico. Sujeito primário e indefectível do direito, ele é o destinatário final tanto da mais prosaica quanto da mais elevada norma jurídica.

Constitui lugar comum a afirmação de que o interesse público ou social deve prevalecer sobre o individual. Mas isso é apenas pensar no homem de forma coletiva. Quando se prioriza um interesse público ou social em detrimento de um interesse individual, supõe-se estar a tutelar, ainda que de forma indireta, o interesse de um número maior de pessoas, ainda que não individualizadas. Assim, seja por que ângulo for, o ser humano está no centro de toda e qualquer reflexão jus-filosófica.

Por essa razão, todos os princípios constitucionais encontram sua razão e origem no homem, fundamento de todo o dever-ser. E, justamente por ser fundamento, o homem não constitui, em si, um princípio,

pois o “fundamento não é um princípio, mas a justificação radical dos próprios princípios. “A humana condição não fundamenta e justifica o que é, mas o que deve ser, tanto no campo da moral como no do direito. No plano jurídico, como em tudo mais, “o homem é a medida de todas as coisas”. A finalidade última do direito é a realização dos valores do ser humano. Pode-se, pois, dizer que o direito mais se aproxima de sua finalidade quanto mais considere o homem, em todas as suas dimensões, realizando os valores que lhe são mais caros.

Um indivíduo, pelo só fato de integrar o gênero humano, já é detentor de dignidade. Esta é qualidade ou atributo inerente a todos os homens, decorrente da própria condição humana, que o torna credor de igual consideração e respeito por parte de seus semelhantes.

Constitui a dignidade um valor universal, não obstante as diversidades socioculturais dos povos. A despeito de todas as suas diferenças físicas, intelectuais, psicológicas, as pessoas são detentoras de igual dignidade. Embora diferentes em sua individualidade, apresentam, pela sua humana condição, as mesmas necessidades e faculdades vitais.

A dignidade é composta por um conjunto de direitos existenciais compartilhados por todos os homens, em igual

proporção. Partindo dessa premissa, contesta-se aqui toda e qualquer ideia de que a dignidade humana encontre seu fundamento na autonomia da vontade. A titularidade dos direitos existenciais, porque decorre da própria condição humana, independe até da capacidade da pessoa de se relacionar, expressar, comunicar, criar, sentir. Dispensa a autoconsciência ou a compreensão da própria existência, porque “um homem continua sendo homem mesmo quando cessa de funcionar normalmente.” Como observa os estudos da psicologia no Brasil: do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos.” Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988.

Dentro dessa linha de pensamento, há que reconhecer que o conjunto de direitos existenciais que compõem a dignidade pertence aos homens em igual proporção. Daí não ser possível falar em maior ou menor dignidade, pelo menos no sentido aqui atribuído à expressão, de conjunto aberto de direitos existenciais. O homem – apenas por sê-lo – não perde a sua dignidade, por mais indigna ou infame que seja a sua conduta.

Quando se atribui a alguém a pecha de indigno ou quando se afirmar que alguém não tem ou perdeu a dignidade a expressão está a ser utilizada com sentido diverso, para fazer referência ao conceito

desfrutado por alguém no meio social, à sua respeitabilidade. A qualificação de indigno não pode, portanto, ser tomada como referente a alguém privado de direitos existenciais, mas a alguém merecedor de censura, castigo ou pena, em razão de algum comportamento contrário às regras de decoro, moral ou direito.

A dignidade pressupõe, portanto, a igualdade entre os seres humanos. Este é um de seus pilares. É da ética que se extrai o princípio de que os homens devem ter os seus interesses igualmente considerados, independentemente de raça, gênero, capacidade ou outras características individuais. Os interesses em evitar a dor, manter relações afetivas, obter uma moradia, satisfazer a necessidade básica de alimentação e tantos outros são comuns a todos os homens, independentemente da inteligência, da força física ou de outras aptidões que o indivíduo possa ter.

O princípio da igual consideração de interesses consiste em atribuir aos interesses alheios peso igual ao que atribuímos ao nosso. Não por generosidade – que consiste em doar, em atender ao interesse alheio, sem o sentimento de que, com isso, se esteja a atender a algum interesse próprio –, mas por solidariedade, que é uma necessidade imposta pela própria vida em sociedade.

O solidário é aquele que defende os interesses alheios porque, direta ou indiretamente, eles são interesses próprios. A solidariedade, como bem sintetizado por alguns psicólogos, “é uma maneira de se defender coletivamente”. O respeito à dignidade humana, por esse prisma, não constitui ato de generosidade, mas dever de solidariedade. Dever que a todos é imposto pela ética, antes que pelo direito ou pela religião

Continua na próxima edição...



artigo

SIMBOLISMOS DOS TRÊS PODERES DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Desde os seus primórdios o Grande Oriente do Brasil adotou o Sistema de Freios e Contrapesos, também chamado de Teoria da Separação dos Poderes, que consiste na ideia de controle do poder pelo próprio poder.

Por isso criou em suas constituições três poderes distintos – Executivo, Legislativo e Judiciário, cuja finalidade é evitar a concentração de poder nas mãos de uma única pessoa ou grupo. Conferindo a cada um desses poderes autonomia para exercer sua respectiva função, assegurando harmonia entre os três, evitando que abusos aconteçam por qualquer um desses.

Aliás, esta tripartição de poderes está consolidada pelo artigo 16 da Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 e teve origens nas teorias de John Locke e Montesquieu.

De acordo com o magistério da internacionalista Julia Ignácio, John Locke “defendia em seus estudos que os homens nasciam livres e com direitos iguais. Para organizar a vida em sociedade, estes homens livres realizariam um acordo – o pacto social – que sustentaria o Estado, o poder político, a vida, a liberdade e a propriedade.

De forma geral, John Locke apontava “a existência de quatro funções fundamentais do Estado: a Legislativa, que caberia ao Parlamento; a executiva, que seria exercida pelo Rei; a federativa, que seria uma extensão da função executiva para atividades do Estado; e a quarta função, a prerrogativa, que seria a do Rei de fazer o bem à sociedade sem se subordinar às regras.

Por sua vez, Montesquieu, jurista, político e filósofo em seu livro “O Espírito das Leis”, na explicação de Julia Ignácio, “demonstrou a existência de três formas de governo: o despotismo, a monarquia e a república. Ele acreditava que, para afastar governos absolutistas e evitar a produção de normas tirânicas, seria fundamental estabelecer a autonomia e os limites de cada poder. Assim, viu-se necessário estipular que fosse possível o poder freiar o poder pelo poder”. Propondo a divisão das funções do Estado em Executivo, Legislativo e Judiciário”

Atualmente, o Grande Oriente do Brasil é uma federação constituída por Lojas, Triângulos e Grandes Orientes Estaduais e do Distrito Federal, com jurisdição nacional. Estruturado a partir da tripartição de Poderes: O Executivo

presidido pelo Grão-Mestre Geral; O Legislativo presidido pelo presidente da Soberana Assembleia Federal Legislativa; e o Judiciário presidido pelo presidente do Supremo Tribunal Federal Maçônico.

A grosso modo poderíamos dizer que o Poder Executivo do GOB simboliza o “Peso”, que recai sobre os ombros do Grão-Mestre Geral, que tem tratamento de Soberano, mas que na verdade não dispõe de soberania total em suas ações, porque suas competências e atribuições constitucionais e regulamentares são limitadas pelas normas vigentes.

Razão porque é de suma importância que o Grão-Mestre Geral conheça com profundidade o Direito Administrativo Maçônico para bem exercer sua função. Ou seja, entender e compreender os limites de suas funções como gerente geral dos mecanismos administrativos e financeiros, bem como políticos, do Grão-Mestrado Geral. Cabendo a ele grandes e complexas responsabilidades no exercício de sua gestão.

O Poder Legislativo seria o “O contrapeso”, responsável pela aprovação, alteração, modificação ou extinção das Leis e pela boa aplicação da legislação do GOB,

bem como na fiscalização da aplicação dos recursos financeiros da Federação, por intermédio do Tribunal Federal de Contas, responsável pelo acompanhamento da execução orçamentária do Grande Oriente do Brasil.

O Poder Judiciário seria os “Freios”, responsável pela boa aplicação da Justiça Maçônica, na boa condução e julgamento das demandas que lhe são submetidas, originadas nos Poderes Executivo e Legislativo do GOB. Freiando com suas decisões as desobediências às normas vigentes, os abusos de autoridades, os desvios de funções e as injustiças cometidas aos obreiros da Federação.

Assim, é possível vislumbrar que somente com um perfeito equilíbrio entre “pesos, contrapesos e freios”, será possível alcançar boas gestões daqueles que exercem ou irão exercer um dos três Poderes do Grande Oriente do Brasil. Aliás, registre-se por oportuno, a meu sentir, no momento presente estamos assistindo a um perfeito entrosamento entre os três grandes líderes que presidem os poderes federativos: Soberano Irmão Ademir Cândido da Silva, Sapiientíssimos Irmãos Ricardo Volpe Maciel e José Moretzsohn de Castro.



tempo de estudo

ASPECTOS SIMBÓLICOS E O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO GRAU DE MESTRE

Paulo Marra | Cadeira nº 17

A ilusão da soberba nos faz crer que somos o centro do mundo, quando vamos na verdade, ser devorados por vermes, e o mundo, após um breve e insignificante luto, seguirá sua festa. (Italo Marsili – Médico Psiquiatra)

O presente texto tem por objetivo abordar os aspectos simbólicos mais relevantes do Grau de Mestre Maçom. De acordo com as Instruções constantes no Ritual, o significado espiritual do Grau de se refere ao incansável trabalho dos Mestres na construção do **Templo Ideal**, isto é, a **Fraternidade**, a **Razão** e a **Justiça** com **Equidade**. Os cinco pontos da Perfeição representam na Exaltação a Mestre a demonstração do triunfo da vida sobre a morte, a imortalidade do Bom, do Justo e do Virtuoso. O Mestre vive todos os momentos e permanecerá, por isso, na memória das gerações, pelo seu trabalho nos cinco pontos da perfeição.

Por fim, em uma concepção geométrica tão própria da nossa Doutrina, da ação do Mestre, que é devotada aos seus deveres, partem duas linhas infinitas: a Horizontal, para os seus semelhantes, e a Vertical, para o Grande Arquiteto do Universo – (G.: A.: D.: U.).

Por isso, o Maçom deve permanecer sempre em posição ereta, sobre uma base, isto é, a Perpendicular sobre o Nível, ambos formando um Esquadro, Jóia Simbólica do Mestre.

A LENDA DO TERCEIRO GRAU

Lenda de Hiram é o foco principal do simbolismo do Grau de Mestre, tornando-se hoje impossível compreendê-lo sem a mesma, visto que ela está indissociavelmente ligada e incorporada à atual Maçonaria, a tal ponto que um dos Landmarks determina a sua observância.

Lembrando, que não podemos tomar uma lenda como fato verídico, mas sim fantasioso, formado a partir do fato ou de fatos verdadeiros. Também, se nos detivermos exclusivamente à letra do texto lendário, sem atentarmos para o seu significado, pouco ou nada dela extraímos.

Lenda ou Mito significa *narrativa* – narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo. Ex.: mito de Ísis e Osíris, o de Prometeu, da Caverna e outros.

A existência de Hiram Abiff é um fato verdadeiro, mas a sua elevação à condição de mártir e herói deve-se muito mais à criação da lenda que propriamente à

verdade histórica. Notar que o próprio relato bíblico, o Hiram bíblico era um fundidor de metais, de reconhecido talento que acaba sendo transformado na lenda em Arquiteto, ou Construtor, que era mais adequado ao trabalho maçônico, principalmente operativo. Silencia quanto ao alegado assassinato do Mestre, pois na verdade, o assassinato de Hiram só existe na lenda, bem como, só na lenda ele é dado como Construtor do Templo de Salomão.

Também, no que diz respeito ainda a lenda de Hiram, este é igualmente uma outra adaptação feita pelos elaboradores da lenda, com base em outras lendas já existentes, como as lendas de Osíris, do antigo Egito, de Mitra, dos Persas, de Dionísio dos gregos.

Após tais observações, o que podemos extrair hoje, para o nosso dia-a-dia, de uma lenda criada a séculos? Principalmente porque a lenda de Hiram foi criada como o claro propósito de legar uma lição, um ensinamento moral, principalmente aos Mestres Maçons. Cabe, assim, a cada Mestre a necessária reflexão sobre a mesma, para que extraia suas lições e as torne proveitosas em sua vida. No entanto, alguns aspectos da lenda de Hiram poderão ser correlacionadas com a Instituição Maçônica. Neste ponto temos em Hiram um homem de vida elevada, assim como a Maçonaria é formada basicamente por homens de vida elevada, embora imperfeitos. Tal como o Mestre Hiram, a Maçonaria envia todos os esforços na construção do Templo. Para cumprir esse designio, ela estabelece inicialmente três classes ou graus distintos de obreiros: Aprendiz, Companheiro e Mestre, sendo este último o mais difícil de ser atingido, tendo em vista as exigências que a maestria requer. Daí a origem de alguns maus Companheiros que a lenda refere. São despreparados, sem qualificativos e méritos suficientes, mas ambiciosos a ponto de quererem igualar-se aos Mestres. Para tanto, não hesitam sequer em atentar contra a vida de seu próprio Mestre.

Assim, como na lenda, a **ignorância**, o **fanatismo** e a **ambição**, de alguns, acabam colocando tudo a perder, interrompendo o nobre trabalho da construção. Para que os trabalhos pudessem prosseguir e para que não prosperasse a injustiça, os três assassinos foram mortos.

Apesar da morte, na lenda, esses assassinos, que na realidade são em número maior, continuam vivos na Maçonaria, cheios de ambições e sequiosos de poder a qualquer preço, emperrando o seu desenvolvimento e a plena libertação do espírito humano. Com suas ações,

acabaram golpeando a Maçonaria inicialmente em sua garganta, a ponto que sua voz já não mais se faz ouvir hoje. Da mesma forma, o segundo golpe deram-lhe no peito, na altura do coração, abatendo seus nobres propósitos. Por fim, atingiram a cabeça, de tal modo que ela cambaleia e segue a reboque dos movimentos sociais e da própria História. Com isso, a *Palavra – se refere à Palavra Perdida, símbolo da verdade a ser sempre procurada pelos – se perde em meio às trevas da ignorância.*

O LIVRO DA LEI NO GRAU DE MESTRE E O SIGNIFICADO DA MORTE

No Grau de Mestre o trecho a ser lido encontra-se no Eclesiastes ou Livro do Pregador, escrito pelo rei Salomão, capítulo 12, versículos 7 e 8, onde se lê: *É o pó volte à Terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu. Vaidade de vaidades, diz o pregador, tudo é vaidade.* ssas palavras do rei Salomão, mais advertência que conselho, serão analisadas apenas as do trecho que é lido na Sessão do Grau de Mestre.

O homem simbolicamente foi feito com os elementos pó, água e ar. *O pó segundo a tradição Bíblica, o homem foi formado do Pó que, misturado com a água, foi moldado à semelhança de Deus, tendo recebido a vida através do Sopro Divino.* Cessada a vida, por meio da putrefação do corpo inerte, o homem retornará à sua origem, que é o pó. Porém o espírito retornará às mãos do Criador por ser elemento da sacralidade, imperecível.

Aquele que não se “ligar” ao Criador na sua mocidade, nos seus verdes anos, no seu “Mestrado”, quanto aos Maçons, passará o seu tempo com vaidade, ou seja, sem valores, tudo em vão, vida oca, desperdiçada e sem proveito. Os ensinamentos sábios são dirigidos aos Mestres para que não passem dificuldades que o pregador advertiu aos que não dão importância alguma aos preceitos espirituais.

A Maçonaria direciona no sentido de os Mestres alertarem a todos os Maçons que essa lembrança, essa obediência, pode ser exercida por meio de ator de amor.

O amor fraterno é um hino de louvor ao Criador, é o resultado positivo da lembrança, de que o pó e a água de que o homem é feito há o “sopro divino”, que é o fogo a completar o uso sábio dos elementos que estão na Natureza.

No que se refere as reflexões, há uma preparação para a morte; no Mestrado, há uma contemplação do *post-mortem*.

O iniciando no Mestrado participa intensamente da cerimônia, porque,

naquele momento, ele é o Mestre Hiram, e ele será a pessoa que ressuscitará.

Enquanto o mundo profano insiste em aconselhar ao homem que se afaste da morte, a Maçonaria faz tudo para que essa morte seja familiar ao Maçom; é uma irmã doce que toma o Maçom pela mão, com carinho e, em um “passe de mágica”, em uma fração de segundos, transporta desta vida para outra.

É evidente que o conceito de morte difere entre o profano e o Iniciado. Disse o Divino Mestre: “O prêmio do pecado é a morte referindo-se aos profanos do seu tempo, mas, paralelamente quando se dirigia aos seus, dizia: “Eu sou o Caminho, a Ressurreição e a Vida”. Desta forma, podemos em termos de síntese adequada, dizer que a morte é um caminho.

Esse número simbólico, místico, perfeito, abrange também a mística e a perfeição da morte. A sétima Ciência é a Astronomia, representada por este sétimo degrau. A Astronomia “eleva” o Maçom além da esfera terrestre; fugindo da forma de atração da Terra, ingressando no imponderável, na ressurreição, o corpo do Maçom não tem peso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Maçonaria é uma Instituição Perfeita, formada por homens imperfeitos, mas que buscam a perfeição. Ela é constituída pelas mesmas pessoas que integram a sociedade na qual está inserida. A diferença é que, segundo seus ensinamentos, seus integrantes não podem, dentro ou fora dela, buscar ascensão e o poder a qualquer custo. É assim que o Aprendiz, em tese, é elevado a Companheiro, após demonstrar a experiência adquirida por meio do estudo, de esforço e do trabalho. O mesmo pode ser dito em relação à exaltação do Companheiro a Mestre. A principal lição que a lenda de Hiram nos proporciona é exatamente a de que toda ascensão deve ser conquistada pelo devido merecimento e nunca pela força ou por artimanhas de qualquer espécie.

É preciso, pois, ainda hoje eliminar da Maçonaria esses “assassinos” dos quais cada um de nós traz em si o germe. A tolerância Maçônica não implica convivência com os erros.

Trata-se de remoralizá-la, sem, contudo, cairmos nos extremos do moralismo; reespiritualizá-la, sem os excessos do idolatrismo religioso. Talvez, com isso, o Mestre Hiram ressuscite em nós e a Maçonaria continue a crescer em pureza e magnitude.

Por fim, o Maçom, quando de sua Iniciação, fica na Câmara de Reflexões, que é um local tumular. No Mestrado, participa de exéquias místicas, na expectativa da chegada do seu tempo, para a morte definitiva, como conduto para a Vida Eterna, quando participará da glória de estar em harmonia com o Criador, com o seu Grande Arquiteto, com o Supremo Arquiteto do Universo.

As pessoas deviam ser o que parecem ou, pelo menos, não parecerem o que não são.



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



artigo

VOCÊ CONHECE A VERDADEIRA MAÇONARIA? – I

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Desde o ano de 1717, uma das principais finalidades da maçonaria regular, que vem sendo mantida de maneira efetiva e ininterrupta, é o cultivo do amor ao próximo e à humanidade, sendo a prática da caridade uma das formas pelas quais a instituição expressa esse seu nobre sentimento.

Se não fosse a ausência de interesse da Ordem Maçônica em se autopromover perante a opinião pública com a divulgação de seus relevantes feitos e, mesmo diante dessa realidade, se pelo menos tivesse sido registrado o testemunho das ocorrências de centenas de milhares de casos em que se verificou sua interveniência em demandas de natureza caritativa através de ações humanitárias, ninguém mais estaria a duvidar de seus sublimes propósitos.

Talvez, o respeito e a consideração com que a Ordem Maçônica universal passou a ser distinguida perante indivíduos não maçons pertencentes às diversas camadas sociais e instituições políticas, possam explicar melhor esse reconhecimento. Entretanto, trata-se de afirmativa que não mais desperta qualquer dúvida a seu respeito, pois, em suma, seu sentido no presente caso tem a essência de certeza absoluta e quem a convalida é a já referida opinião pública que, aos poucos, se convenceu em aceitá-la como verdade indemonstrável, isto

é, que não mais carece de argumentação alguma para justificá-la.

Por certo, esse merecido agradecimento é mesmo em consequência dos resultados benéficos decorrentes de ações que a Ordem Maçônica desenvolveu em sua jornada infinda iniciada na Europa há séculos e que veio se estendendo até os dias de hoje, cujo foco sempre foi, em particular, a defesa da cidadania, da liberdade de pensamento, dos direitos individuais, do estado de direito e, em geral, o alcance da pacífica convivência entre as nações em conflito e o desenvolvimento de auspicioso intento difundido entre seus membros, através do qual a instituição almejava atingir o bem estar social para todos mediante realinhamento dos destinos da humanidade dentro da mais perfeita ordem, em paz e sem turbulência, com a implementação de necessárias mudanças políticas, ideológicas e sociais.

A seguir, voltando nossas atenções para alguns dos acontecimentos mais importantes da história da humanidade, são trazidos à vista trechos selecionados de movimentos sociais e políticos em que a maçonaria se envolveu, de maneira pacífica, sempre atuando no campo da intelectualidade e dos seus fecundos ideais, com a sua tradição de não lançar mão da violência como meio para alcançar quaisquer

objetivos, nos quais fica patenteada a condição que lhe é atribuída de instituição benfeitora, vez que seus objetivos não foram outros senão os de buscar a paz, a concórdia, a justiça e o bem estar social para todos.

A MAÇONARIA NA FRANÇA

Nesse contexto vale ressaltar que a maçonaria francesa daquele tempo, que lá se instalou sob forte influência dos templários, apesar de seus princípios republicanos, não objetivava o domínio do poder político naquele país. O que inflava seus ânimos era não permitir que a entrega desse poder caísse nas mãos de maus governantes. Lutava então pela proteção do Estado e do seu povo contra o autoritarismo, o desmando político, a ditadura, o obscurantismo, a tirania, a opressão, a exploração do homem pelo homem etc.

Na França, após o glamoroso surgimento da maçonaria especulativa no ano de 1717, com muita pompa e expressividade no interior de seus templos, era de se esperar que a mencionada instituição, a partir de então com seus rumos já delineados, pudesse tranquilamente ocupar em definitivo o seu espaço, robustecida que fora pela influência política, militar, filosófica e religiosa de seus novos adeptos.

Não há dúvida de que esse fato se consumou, pois, desde aquela época até os dias de hoje a maçonaria foi a única associação que conseguiu manter-se viva. Mas, de modo surpreendente, o que a história da própria Ordem nos revela é que depois de todo aquele arrebatamento que durou décadas, eis que a maçonaria francesa, em vez de progredir, começa a perder sua influência e passa a sobreviver em altos e

baixos tendo, em dados períodos, voz e vez sobre a vida política francesa, apresentando-se forte, com capacidade de agir, de remover obstáculos e de alcançar vitórias, enquanto que, em outros momentos, o que se lê a seu respeito são relatos de uma instituição enfraquecida, debilitada, vivendo em meio a acentuada instabilidade, sendo esses respectivos fatos justificados ora pela aglutinação, renovação e fortalecimento de seus quadros de obreiros, ora pelas desavenças internas, pelo divisionismo, pela desmotivação e dispersão política de suas próprias colunas.

No início, o espírito da maçonaria na França teve inspiração nos princípios que norteavam o movimento que ficou historicamente registrado como Renascença, ou Renascimento, iniciado na Itália. Esse movimento, que durou até meados do século XVII, marcou o período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, nele, tendo ficado como marca indelével, o fim dos pensamentos medievais e o desenvolvimento das artes e da cultura dos povos de diversos países da Europa, incluindo-se entre tais transformações a ciência, a economia, a filosofia, a política e a religião.

Durante o primeiro século do advento da maçonaria ela tinha dificuldade de se firmar em seus propósitos e de se fortalecer perante o poder estatal e as instituições de então.

Mesmo assim, dois acontecimentos distintos e de expressão, que mudaram os rumos da história da França, sofreram influência direta da maçonaria mediante participação decisiva de alguns de seus expoentes.

Continua na próxima edição...



opinião

MAGIA: CRENÇAS, SINCRONISMOS E MAÇONARIA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Ao discorrer sobre o assunto ora em questão, que se trata do entendimento da “magia” como algo que acontece alheio à vontade do ser humano, torna-se importante a busca de objetivos que se expressem em seus conceitos e definições, os quais hipoteticamente estão inseridos nas diversas dimensões cultuadas pelos homens, que as vezes são vistas diferentemente de situações que oferecem, ao contrário de sensações de segurança, desconforto. Além de um breve olhar que revela a interligação de magia e maçonaria.

Quando, ao pensar de forma profunda e acreditar de maneira positiva, assumindo jeito convicto sobre o que se trata da verdade, está-se a um passo da pura “magia”, que integrada ao cotidiano se traduz em crenças, por ser este seu principal objetivo, além de outras dimensões cultuadas pelos indivíduos: o ceticismo e a semicrença. A crença como magia está na formatação pessoal dos que possuem a capacidade de controlar forças

pessoais e impessoais, ao intervir no sobrenatural por intermédio de rituais que oferecem sensação de segurança e que levam ao patrocínio do sentimento de coesão social.

O ser humano purificado, o que carrega consigo a dimensão do amor, da esperança e da verdade ou que nos gestos que simbolizam liderança faz canalização de vibrações superiores possíveis de levar à evolução, ao aprendizado fruto da sabedoria e da construção humana, pela capacidade de gerar credibilidade, e assim, torna-se “justo e perfeito”. Sabe-se que para todos seres humanos o “conhecimento mortal é limitado pela ignorância mortal, e a compreensão mortal é limitada pela realidade espiritual e não é sábio para o homem mortal tentar entender o que está além de sua concepção, pois nela repousa a estrada para a descrença e a loucura”.

O homem deve nutrir seu espírito e sustentá-lo com a comida espiritual. Eles também devem aprender que o espírito

não é algo separado do seu ser, ou algo dentro dele. O homem é espírito, e também alma. Não há necessidade de se envolver em longas discussões vazias sobre coisas distantes que estão além do seu alcance e compreensão. Para conhecer a realidade do espírito e estabelece a existência da alma, ele só tem que aprofundar em sua natureza e buscar dentro de si mesmo.

Sempre predestinado, o homem ao alcançar além de si mesmo, se esforça para encontrar coisas que sempre iludem sua compreensão, o que o faz substituir o incompreensível, por meio de algo criado por si mesmo, a magia. Nos escritos sagrados, que fazem referência à criação, são citados que “os filhos de Deus foram moldados pela mão de Deus, qual seja: todos as coisas que tem vida são moldadas pela mão de Deus. [...] A raposa ao tremer nas terras frias, anseia pelo calor e assim seus filhotes tem casacos mais quentes”.

Os homens também são moldados pelos seus desejos, mas ao contrário dos animais, seus anseios são circunscritos pelas leis da sina e do destino e a lei da sementeira e da colheita”, também magia. Então, veja que ao contrário dos animais o homem possui algo inerente a ele. Quanto ao destino, pode ser comparado a uma viagem, queira ele ou não, o que pode ser comparado a uma sina, pois o destino não deixa escolha, mas dá uma escolha limitada, que pode ser

ou não boa, mas não pode ser evitada, o que acontecer entende-se por “se deu por um passe de magia”.

No meio maçônico mistura-se à magia ilusão e maravilha. Em um olhar mais profundo tem-se que os dois ofícios estão interligados e a título de exemplo citado em: <https://californiafreemason.org/pt/2023/06/13/masonry-and-magic/> escritos maçônicos que: “A homem in topo chapéu comanda a atenção de seu público. Ele recita um discurso que lhe foi transmitido por gerações, boca a orelha [...]. Ele invoca esotérico sabedoria e alude origens in do Leste”. Em a obra “a Outra Magia”, cita-se que “[...] os chamados mágicos naturais da era renascentista misturavam conceitos de metafísica, alquimia e magia. Foi nessa estufa protocientífica que nasceram muitos dos temas encontrados na Maçonaria Especulativa. [...]”.

Com o olhar conceitual tem-se que a “magia” pode ser considerada como algo que se refere a aplicação de crenças, rituais ou ações empregadas que de forma convicta podem interferir ou manipular forças naturais ou sobrenaturais, mas também se trata de acreditar em mundo melhor, mesmo que ele piore a cada dia ou a “sincronicidade criada pelo filósofo Carl Gustav Jung, para definir acontecimentos que se relacionam, aparentemente por casualidade, mas ligados por significados” inicialmente tratados no objeto deste estudo.



artigo

MAÇONARIA: OS MITOS E OS RITOS

Michael Winetzki | Colaborador

Ao final da cerimônia de iniciação cada neófito recebe um livrinho que traz na capa o título “Ritual do Simbolismo Maçônico” e em letras menores “R.E.A.A.” ou Rito Escocês Antigo e Aceito. Na verdade, existem dezenas de rituais para outros tantos ritos na maçonaria, mas a despeito da expressão que soa familiar, o que exatamente significam “rito” e “ritual”.

O rito é uma encenação. A dramatização de um mito ou uma narrativa histórica, real ou imaginária ou de um modelo de vida idealizado, como uma história que deve ser ensinada, lembrada e lapidada. A experiência ritualística nos vincula a um passado que traz um sentido de continuidade, pertinência ou nos imbuí de um senso de propósito.

O mito é uma narrativa de caráter simbólico que procura explicar a criação divina através de ações e do modo de agir dos personagens humanos, a origem das emoções e das coisas, tais como o amor, o ódio, a criação do mundo, do homem e da mulher, das múltiplas relações entre o homem e a natureza e de oferecer soluções aos problemas inerentes a natureza humana. Apesar de ser uma criação humana, omite transcende ao homem e adquire uma força que lhe permite oferecer a resolução dos conflitos com os quais o ser humano vive. Os mitos romantizados perpetuam a obra de grandes escritores como Camões e Shakespeare porque, qualquer que seja o seu local ou época, dizem respeito diretamente às emoções humanas.

O rito está associado ao mito. Por meio dele põe em ação o mito na vida do homem – em cerimônias ritualísticas, orações e sacrifícios. Deve ser uma prática contínua, repetitiva e periódica, de caráter social ou individual, submetida a regras precisas que mantenham a eficácia na criação de uma egrégora ou

na invocação da divindade. Tem regras minuciosas para manter a exatidão dos gestos e atos para que na sua exata repetição a egrégora possa ser formada ou a divindade possa ser evocada, mesmo que estes gestos e atos não estejam descritos nos mitos. Enquanto o mito narra e descreve a ação divina, o rito simboliza e encena. Mito e rito espelham-se um ao outro em harmonia.

Todos os ritos propõem uma passagem, uma iniciação, a partir de um mito. O rito é um conjunto de comportamentos e atitudes padronizadas no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento. O batismo, o casamento, as condecorações, as iniciações maçônicas nos diversos graus, todos são ritos que carregam um sentido imagético-simbólico, mantendo ensinamentos ancestrais e sagrados.

O caráter comunicativo do rito é de extrema importância pois não é qualquer atividade padronizada que constitui um rito. Vamos então tentar observar os mitos maçônicos com detalhes, através das lentes que adquirimos participando das sessões e dos estudos.

MITO DA IMUTABILIDADE – Desde a edição dos primitivos landmarks e da Constituição de Anderson ouve-se dizer que as leis maçônicas são imutáveis. Isto é muito falado em Loja. Na realidade houve muitas versões das leis fundamentais da maçonaria, inúmeras mudanças em todos os rituais. Novos comportamentos em função da evolução da sociedade e dos meios de comunicação. Há mais de 43 anos, quando fui iniciado, os aprendizes em hipótese alguma podiam fazer uso da palavra, jamais subiriam os degraus que levam ao trono, nem em sonhos ocupariam algum cargo em Loja. Hoje se tornou banal que aprendizes ocupem o cargo de chanceler ou tesoureiro ou até mesmo

de guarda do Templo que é privativo de mestre. Recentemente houve mudanças nos rituais e na circulação em Loja. Falar de maçonaria feminina ou mista no passado era considerado heresia. Hoje são cada maiores e mais poderosas e a Grande Loja Unida da Inglaterra empresta seus templos para elas. E assim por diante, a provar que nada na maçonaria é imutável.

MITO DA EXCLUSIVIDADE – Determina que somente a maçonaria têm as ferramentas para transformar o homem e o mundo, como se nossos rituais tivessem um componente genético transmitido através da iniciação que torna os maçons pessoas especiais, melhores do que a média. Os maçons, pensamos, têm a exclusividade das grandes transformações. Isso não foi verdade no passado, e é menos verdadeiro hoje. À medida que a população aumenta a maçonaria vem proporcionalmente reduzindo seus quadros. A causa tem sido a criação de inúmeras outras organizações que praticam as mesmas finalidades. Hoje existem milhões de pessoas filiadas a Clubes de Serviço como o Rotary ou o Lions, ou ONGs como Médicos sem Fronteiras, ou mesmo a movimentos sociais mantidos por igrejas que tem enorme eficácia em sua ação. Pode se argumentar que estas organizações não praticam estudos filosóficos, o que é certo, mas do ponto de vista da melhoria da sociedade o resultado é o mesmo.

MITO DA UNIFORMIDADE – Supõe que a maçonaria, por suas características, é única, singular, tem um só padrão que é comum a toda a maçonaria universal. Imaginam controle único e centralizado, engessador. Qualquer opinião diferente é descartada de imediato. Assim, conflitos de reconhecimento recíproco, Listas de Lodges, mudanças em rituais, a existência de maçonarias mistas e femininas e novas Potências são consideradas heresias, imediatamente descartadas sem passar pelo crivo do raciocínio.

Coexistem mais de setenta rituais diferentes na maçonaria, inclusive Lojas temáticas onde os irmãos vão vestidos com uniformes esportivos ou roupas de astronautas por debaixo dos aventais. A Inglaterra e Lojas dos EUA já aceitam homossexuais e até transgêneros. Além

das potências tradicionais são criadas frequentemente novas potências que se arrogam ao uso da expressão “maçonaria” e que hoje são criticadas, mas como o passar dos anos acabarão por ser aceitas assim como foram as dissidências das Grandes Lojas e dos Grandes Orientes Independentes. É importante frisar que o tempo maçônico, multissecular, é bem diferente do tempo humano, curto e perecível. A maçonaria é eterna, move-se muito lentamente e acaba por assimilar nesta longa trajetória.

MITO DA SACRALIDADE – Imagine-se que o Templo maçônico está envolto em uma redoma, que o isola dos problemas da desenfreada sociedade, como se fosse um mundo à parte. Na verdade, a palavra “sagrado” em hebraico, que se lê “kedushá” significa mesmo “estar à parte”.

Quem conhece a história de nossa Ordem sabe o quanto essa visão é falsa. O Templo não é uma blindagem que nos afasta da realidade do cotidiano. Muito ao contrário, ao longo do tempo, em Lojas se cultivaram revoluções que transformariam a história do planeta, desde a implantação da filosofia iluminista no início da Idade Moderna, até declarações de independência nacional ou proclamações republicanas em países de todo o mundo.

O Templo nos proporciona serenidade para observarmos com distanciamento crítico quais são as necessidades da sociedade e permite que os maçons, seus frequentadores, se unam e se organizem para obter, no tempo necessário, a consecução desses objetivos.

CONCLUSÃO – Nós maçons, buscamos e, nossos Templos e através de nossos rituais um abrigo para a reflexão, para a apuração de anseios morais e espirituais, para nos conectarmos com a egrégora que nos une a todos como irmãos, para resgatar a esperança da construção de um mundo melhor, onde a prática da justiça conduza à perfeição.

A prática ritualística proporciona uma conexão com os mitos e evita a desconexão entre a sua prática e o que vivenciamos fora do Templo. Através dos rituais podemos observar a realidade de modo mais preciso, mais transparente. Essa é a fundamental importância do exercício dos ritos.



ciência & saúde

A ANSIEDADE NOS LÍDERES

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Ansiedade, frequentemente associada ao excesso de responsabilidades e pressões, tem ganhado destaque como um dos principais desafios enfrentados pelos líderes em diversos setores. Embora muitas vezes vista como um reflexo da dedicação ao trabalho, ela pode se tornar um obstáculo significativo para o desempenho e a relação entre líderes e liderados. Entender esse fenômeno é essencial para construir ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos.

Em um cenário corporativo cada vez mais competitivo, é comum que líderes sintam o peso da tomada de decisões, metas ambiciosas e a necessidade de inspirar equipes. Esse acúmulo de responsabilidades pode gerar sintomas de

ansiedade, como insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração e até mesmo bloqueios emocionais. Quando não gerenciada, a ansiedade pode comprometer a clareza mental do líder, influenciando sua capacidade de resolver problemas e de se comunicar de maneira assertiva com os membros da equipe.

Uma pesquisa realizada pela The School of Life em parceria com a Robert Half mostrou que a ansiedade é o impacto mais significativo na saúde mental de líderes, relatado por 63,51% dos entrevistados. Outros efeitos incluíram estresse (47,64%) e insônia (27,36%). Esses desafios foram exacerbados pelo contexto da pandemia, mas também refletem a alta competitividade, pressões por desempenho e a responsabilidade

inerente ao papel de liderança no ambiente de trabalho.

Vale lembrar que a ansiedade não afeta apenas o líder, mas também o clima organizacional como um todo. Líderes ansiosos tendem a transmitir insegurança, o que pode gerar dúvidas, desmotivação e até conflitos entre os colaboradores. Além disso, a dificuldade em lidar com o próprio estado emocional pode levar a comportamentos reativos ou inconsistentes, minando a confiança necessária para uma liderança eficaz.

Felizmente, existem caminhos para mitigar os impactos da ansiedade nos líderes. Adotar práticas de autocuidado, como exercícios físicos, meditação e uma alimentação equilibrada, é um bom ponto de partida. Além disso, criar

uma cultura organizacional que valorize o diálogo e ofereça suporte psicológico pode fazer toda a diferença. Treinamentos e workshops sobre gestão emocional também são ferramentas valiosas para ajudar líderes a identificar e gerenciar seus gatilhos.

Por fim, é importante lembrar que liderar é um ato humano, e admitir vulnerabilidades não é sinal de fraqueza, mas de coragem. Ao buscar apoio e adotar estratégias para lidar com a ansiedade, o líder não apenas melhora seu próprio desempenho, mas também inspira seus liderados a buscarem equilíbrio e bem-estar em suas próprias jornadas. Afinal, um líder equilibrado é capaz de promover não apenas resultados, mas também um ambiente de trabalho mais harmonioso e motivador.

Um desafio silencioso



ciência & saúde

TREINAMENTO FÍSICO NA CARDIOPATIA

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Meus irmãos, tudo bem? Hoje venho falar sobre a atividade física para um grupo de pessoas especiais, os cardiopatas. Temos muitos tabus quando se fala em atividade para este grupo. Geralmente estas pessoas ficam limitados “Eu ouvi isso”, “eu vi na internet aquilo”. Neste caso, o ideal é buscar a orientação de um profissional qualificado para poder realizar um treino adequado e diminuir as limitações desta doença tão silenciosa.

Primeiramente deve-se diagnosticar a doença para depois tratá-la de forma adequada. Um coração fortalecido é fundamental para uma vida longa e ativa, afinal ele possui um papel indispensável para o funcionamento

salutar do corpo. A OMS (Organização Mundial da Saúde) diz que praticar exercícios físicos moderados por 30 minutos por dia é o ideal para manter uma vida saudável.

Lembro aos irmãos que estou falando da atividade física que melhor se adapte ao paciente. Se não gosta de determinado esporte, não precisa praticá-lo. A atividade física deve propiciar prazer e não dor e desgosto.

Segundo cardiologias, exercícios são excelentes para o fortalecimento do coração podendo ser exercícios aeróbicos ou aeróbios podendo ser o caminhar, o pedalar, nadar ou correr, pois todos estes exercícios podem proporcionar o bem estar físico e mental, além de

proporcionar um controle de peso e assim fortalecendo a musculatura do corpo.

Outros benefícios que podemos salientar seria a redução da pressão arterial, que pode levar a melhoria das camadas internas do coração reduzindo assim o risco de infarto, o controle do peso, a diminuição dos níveis de colesterol assim como triglicérides e a glicemia.

O exercício físico é extremamente benéfico para o paciente cardiopata, desde que seja adequadamente planejado e monitorado. Em geral, atividades físicas intensas ou competitivas trazem maiores riscos a esses indivíduos e o profissional de educação física ou o Personal Trainer saberá como mensurar seu treino de acordo com suas metas.

Doenças cardiológicas podem ser causadas por várias condições, não necessariamente problemas exclusivos cardíacos. No entanto, se você deseja iniciar a prática de exercícios físicos, ou já pratica e deseja realizar uma avaliação física funcional.



opinião

SOU MESTRE MAÇOM, E AGORA?

Antônio Marcos Teodoro Silva | Colaborador

Ao longo da minha trajetória na maçonaria, iniciei como Aprendiz e, à medida que avancei nos estudos, fui elevado ao Grau de Companheiro e, mais recentemente, ao Grau de Mestre Maçom.

No ritual de iniciação em que nos tornamos Maçons, alcançando o Grau de Aprendiz, e na cerimônia de Elevação, que nos confere o título de Companheiro Maçom, busca-se transmitir uma simbologia extraordinária, ou seja, simbolicamente é representada pela transformação interna de um homem ideal ou, em termos mais amplos, o ser humano perfeito.

Certamente é amplamente reconhecido que a transformação que categoriza a evolução em um ser humano perfeito, não é uma tarefa simples e, em muitos aspectos, pode ser considerada quase impossível em uma única vida, especialmente para aqueles que acreditam na sobrevivência da alma e na pluralidade de suas existências.

Para alcançar o Grau de Mestre Maçom, é imprescindível cumprir os prazos estabelecidos na legislação maçônica. O Companheiro passará por uma cerimônia de Exaltação, na qual será elevado ao grau de Mestre Maçom. Durante essa cerimônia, ele será apresentado e participará de uma das simbologias mais significativas da trajetória maçônica.

Durante a trajetória do Aprendiz, a orientação e a supervisão eram de responsabilidade do 2º Vigilante, que guiava a vida do Aprendiz dentro da Loja. Ao alcançar o Grau de Companheiro, na Coluna do Norte, o 1º Vigilante assumia a função de orientar e conduzir o iniciado em sua jornada até o cume da Loja Simbólica, correspondente ao Grau de Mestre Maçom.

Agora que me tornei Mestre Maçom, quais são os próximos passos?

Quem pode me oferecer orientação? Não existem colunas de apoio ou guias? Exatamente! Não há!

A partir deste momento, cabe exclusivamente a mim, conduzir o meu caminho neste vasto percurso maçônico. Além dessa jornada solitária, surge uma questão de extrema relevância que facilitará

minha trajetória: o que significa ser um Mestre Maçom?

Em diversos dicionários maçônicos, o termo “Mestre Maçom” é definido como o título conferido ao maçom que alcança o terceiro grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Embora essa definição esteja tecnicamente correta, o conceito de Mestre Maçom transcende a mera designação de um título.

Além-mar, nosso irmão português Rui Bandeira, da Respeitável Loja Mestre Affonso Domingues, nos brinda com excelentes definições do que é ser Mestre Maçom, vejamos:

Ser Mestre Maçom é, assim, sempre, dar o seu contributo à Loja, seja no que a Loja lhe pede e ele está em condições de dar, seja no que ele próprio considera poder tomar a iniciativa de proporcionar à Loja. Porque ser Mestre Maçom é também saber que, quanto mais der, mais receberá, que a sua parte contribui para o todo, mas também aumenta em função do aumento desse todo e que, afinal, não é vão o dito de que “dar é receber”.

Ser Mestre Maçom é, portanto, saber que o seu percurso pessoal será mais bem e mais facilmente percorrido se o for com a Loja, pela Loja, a bem da Loja. Porque o bem da Loja se traduz em acrescido ganho para o maçom, que assim consegue realizar o paradoxo de ser um individualista gregário, porque integra e contribui para um grupo que é gregário porque preza e impulsiona a individualidade dos que o compõem.

Ser Mestre Maçom é descobrir que a melhor forma de aprender é ensinar e assim escrupulosamente executar o egoísmo de ensinar os mais novos, os que ainda estão a trilhar caminhos que já trilharam, dando-lhes o valor das suas lições e assim ganhando o valor acrescido do que aprende ensinando – e sempre o homem atento aprende mais um pouco de cada vez que ensina.

Ser Mestre Maçom é comparecer e trabalhar na Loja, mas sobretudo trabalhar muito mais fora da Loja. Porque o que se faz em Loja não passa de “serviços mínimos” que apenas permitem a

sobrevivência da Loja e o nível mínimo de subsistência do maçom. O trabalho em Loja é apenas um princípio, uma partícula, uma gota, uma pequena parte do trabalho que o Mestre Maçom deve executar em cada um dos momentos da sua existência.

Ser Mestre Maçom é, portanto mais do que aguardar que algo lhe seja pedido, antes tomar a iniciativa de fazer algo – não para ser reconhecido pela Loja, mas essencialmente por si, que é o que verdadeiramente interessa.

Ser Mestre Maçom não é necessariamente fazer grandes coisas, excelsos trabalhos, admiráveis construções. Mais válido e produtivo é o Mestre Maçom que dedica apenas cinco minutos do seu dia a fazer algo muito simples em prol da sua Loja, da Maçonaria, afinal de si próprio, desde que o faça efetivamente todos os dias, do que aqueloutro que uma vez na vida faz algo estentório, notado, em grande estilo, mas sem continuidade. Porque a vida não se esgota num momento, nem numa hora, nem num dia. A vida dura toda a vida e é para ser vivida todos os dias de toda a vida.

Ser Mestre Maçom não é necessariamente ser brilhante, mas é imprescindivelmente ser persistente e o Mestre Maçom que persistentemente realize dia a dia, pouco a pouco, o seu trabalho, pode porventura passar despercebido, não receber méritos nem medalhas nem honrarias, mas tem seguramente o maior mérito, a maior honra, a melhor medalha, o maior reconhecimento a que deve aspirar: o de ele próprio reconhecer que fez sempre o seu trabalho, deu o seu melhor, persistiu na sua tarefa e, de cada vez que olhou para si próprio, viu-se um pouco, um pouquinho que seja, melhor do que se vira da vez anterior. E assim sabe que, pouco a pouco, no íntimo do seu íntimo, sem necessidade que outros o honrem por tal, ganhou um pouco mais de brilho, está um passo mais próximo do seu objetivo, continua frutuosamente percorrendo o seu caminho para o que sabe ser inatingível e, no entanto, persiste em procurar estar tão próximo de atingir quanto possível: a Perfeição!

Em suma, ser Mestre Maçom define-se com o auxílio de uma frase que li há algum tempo e que foi dita por alguém que creio até que nem sequer foi maçom, Manuel António Pina, jornalista, escritor, poeta, laureado com o Prémio Camões em 2011, falecido em 19 de outubro de 2012: o Mestre Maçom é aquele que aprendeu e que pratica que o mínimo que nos é exigível é o máximo que podemos fazer.

Não buscarei outras definições sobre o que significa ser Mestre Maçom, pois nosso irmão Rui já o fez de forma exemplar. No entanto, ciente do que implica ser M.:M.:, retorno ao título desta reflexão: “Sou Mestre Maçom, e agora?”

Agora, devo seguir desbastando a pedra bruta que habita em meu ser, no mais profundo recôndito da alma. E, para tal desiderato, reportarei novamente ao Grau inicial da Maçonaria Simbólica, qual seja, o Grau de Aprendiz.

Vamos lá! A primeira ferramenta maçônica do Aprendiz é o esquadro, cuja finalidade é verificar a perfeição dos ângulos retos (virtuosos) da futura P.:C.:. No entanto, seu simbolismo nos conduz a uma compreensão mais profunda, representando também a equidade, a justiça e a retidão de caráter.

No que se refere às ferramentas, maço e do cinzel, temos os instrumentos de lapidação que serão transformados e lapidados. O maço, comparável a um martelo, simboliza a força, a determinação e o desejo de dominar as paixões. Por outro lado, o cinzel, que é um instrumento pontiagudo e contundente, representa a inteligência, pois, ao ser direcionado para as imperfeições controla a força do maço.

O Aprendiz, ciente de suas imperfeições, saberá utilizar o maço e o cinzel, aplicando-os tanto nas pequenas quanto nas grandes falhas morais. A combinação da força e da inteligência, representadas pelo maço e pelo cinzel, juntamente com a retidão, simbolizada pelo esquadro, exerce um poder transformador significativo sobre as imperfeições humanas.

Para concluir esta breve reflexão nos reunimos aqui para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros; para glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade.

Este deve ser, e sempre será, o objetivo supremo de todo Mestre Maçom.



educação&cidadania

GESTÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL DOS RECURSOS HÍDRICOS NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA – II

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

A poluição industrial tem provocado desastres ambientais em todo o mundo, inclusive em território goiano, na capital goiana por exemplo, a Secretaria do Meio Ambiente do Município de Goiânia (2002) mostrou-se através de relatório do monitoramento dos córregos e rios que cortam Goiânia, que estes são afetados não apenas pelas atividades

industriais como agrícolas e de serviços. Entretanto, são as indústrias que mais poluem como têm demonstrado os meios de comunicação.

Cabe destacar que entre as indústrias poluidoras dos recursos hídricos de Goiânia sobressaem as indústrias de bens de consumo não duráveis como apresenta a Tabela 3.

Tabela 3 – Origem dos despejos de algumas indústrias poluidoras do meio ambiente de Goiânia

Indústrias	Vazão	Destino
Imperial Refrigerantes (PEPSI)	88,0	Rede Pública
Palmarlei	89,0	Córrego Cascavel
Cortume Gondir	93,8	Córrego Cascavel
Cortume São Jorge	2,3	Córrego Cascavel
Cooper. Central Rural de Goiás (Leite Go Go)	500,0	Ribeirão Anicuns

Fonte: FREIRE, R. G. & Camilo. Diagnóstico dos recursos hídricos in: *Diagnóstico das áreas críticas da grande Goiânia*, 1999, p. 35.

A poluição industrial em Goiás, sem dúvida alguma, tem gerado danos irreparáveis ao ecossistema, como foi o caso de uma destilaria de álcool em Jandaia, como retrata o trecho de um livro descrito a seguir:

O uso do vinhoto descarregado pelas usinas de álcool provocou, por exemplo, desastres ecológicos nos rios Turvo e Capivari, sem medidas preventivas, poderá ocorrer uma poluição em cadeia

dos nossos mananciais, destruindo fauna e flora e inviabilizando o uso doméstico das águas pelas populações que delas se servem (Gomes; Teixeira Neto, 1994, p. 167).

No entanto, a poluição dos recursos hídricos em todo o mundo, também é proveniente dos esgotos domésticos, causando sérios danos ao meio aquático e conseqüentemente ao ser humano, através da contaminação do mesmo, por

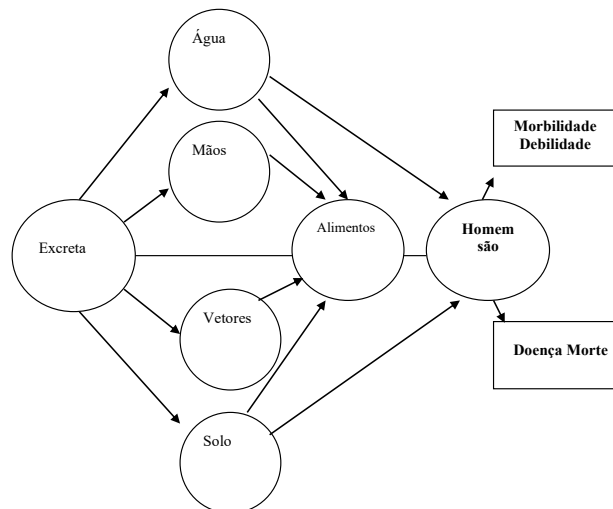
coliformes. Desta forma, Cavinatto (1999, p. 48-49) explica que:

Em geral, eles possuem um elevado número de bactérias do grupo coliforme, Esses organismos não são patogênicos e habitam normalmente o intestino humano, sendo eliminados no ambiente junto com as fezes. Portanto, a existência de coliformes em um rio indica a presença de esgotos domésticos, e a quantidade de bactérias é proporcional ao número de

peças que vivem na região que lança seu esgoto nesse rio. Se houver muitos habitantes portadores de doenças contagiosas, os despejos domésticos certamente deverão conter uma grande quantidade de seres patogênicos, juntamente com esses coliformes.

Portanto, o esgoto doméstico contribui para a transmissão de doenças como ilustra a Figura 1.

Figura 1. Meios de transmissão de doenças por dejetos



Fonte: Vilma Maria Cavinatto, 1999, p. 55.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

A MAÇONARIA NA BÍBLIA – I

Ianos Roberto Mueller | Colaborador

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a compatibilidade dos ensinamentos maçônicos com os contidos na Bíblia Sagrada. Como nos é lembrado em toda reunião, a Maçonaria é uma instituição de homens livres e de bons costumes que tem dentre seus objetivos tornar feliz a humanidade.

Para tanto, a Maçonaria traz por meio de metáforas inúmeros ensinamentos com o objetivo de contribuir para a melhoria dos seres humanos. Logo, uma das metáforas principais e em torno das quais se desenvolvem os demais ensinamentos é a de que devemos construir templos à virtude e cavar masmorras aos vícios, isto é, ao longo de toda nossa existência devemos nos empenhar para cultivar virtudes e combater os vícios.

Dentre as virtudes que a Maçonaria nos ensina que devemos cultivar estão por exemplo: fé, esperança, amor, caridade, solidariedade, fraternidade, prudência, retidão, temperança, coragem, honra, humildade, sabedoria, força, beleza, justiça, igualdade, união, dentre tantas outras. E dentre os vícios que devemos combater estão por exemplo:

orgulho, ambição, egoísmo, maldade, dentre tantos outros.

Ensina a Bíblia Sagrada (tradução Almeida Revista e Atualizada) em Colossenses 3:1-17, que como resultado da união com Cristo glorificado, tem-se justamente que os vícios devem ser abandonados e as virtudes devem ser cultivadas:

“Colossenses 3

A união com Cristo glorificado

1. Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. 2. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; 3. porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. 4. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.

Os resultados dessa união. Os vícios devem ser abandonados

5. Fazei, pois, morrer a Vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; 6. por estas coisas é que vem a ira de Deus [sobre os filhos da desobediência].

7. Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas. 8. Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. 9. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos. 10. e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; 11. no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.

As virtudes devem ser cultivadas

12. Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. 13. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; 14. acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. 15. Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. 16. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. 17. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o

em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. (...)”

Portanto, pelo mandamento bíblico devemos morrer para as coisas terrenas e nascer para as espirituais, abandonando os vícios e cultivando virtudes. Como virtudes temos a misericórdia, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, perdão, amor, sabedoria e como vícios: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena, mentira. Essa necessidade do desapego às coisas materiais e nascimento para as espirituais que realmente importam, também estão representados na iniciação maçônica, simbolizada por um novo nascimento, em que faz-se necessário inclusive despojar-se dos metais.



Continua na próxima edição...



opinião

VERDADE VERITAS, EM LATIM

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

A expressão latina *VINCIT OMNIA VERITAS*, em português A VERDADE VENCE TUDO, traz a possibilidade para o ser humano tornar-se o senhor absoluto de sua existência. Igualar-se ao Criador do universo e de tudo que nele existe. O todo poderoso!

Há três perguntas em torno desta palavra composta por sete letras a VERDADE, que ao tentar encontrá-la nos apresenta em primeira mão: onde? quando? e quem sou eu, VERDADE?

Assim nascem desafios a todos os instantes para querermos desvendar como tudo origina, desenvolve e permanece em disponibilidade para uso todas as vezes que for necessária.

Há poucos anos a humanidade passou por mais um episódio de pandemia, identificado como Covid-19, do qual ainda temos muitas perguntas sem respostas claras que expressem de fato as verdades dos acontecimentos desde suas origens.

No final de 2019, confirmou-se a possibilidade deste evento se tornar realidade, anunciado oficialmente em 2020. A preocupação foi identificar o agente que estava causando-o. De imediato colocou-se para a humanidade a necessidade de buscar a(s) sua(s) causa(s). Historicamente, já consagrada, a Epidemiologia surgiu como o método científico mais conhecido até então, para esta(s) busca(s) na área da Saúde, tanto sob o ponto de vista individual quanto coletivo, da população e ou de populações.

Epidemiologia, palavra grega, onde *epi* significa, sobre, *demos*, povo e *logos*, conhecimento.

A significância da verdade é a máxima em todo(s) papel(is) que o ser humano desempenha, como elemento da Justiça, promotor da igualdade, da liberdade e fraternidade humana.

Neste instante abriremos um parêntese, para tratarmos um pouco sobre Epidemiologia, aqui tomada como o elemento facilitador do encontro da(s) verdade(s) relacionados com a saúde humana para promover, proteger e preservá-la,

tanto sob o ponto de vista individual quanto coletivo.

Na literatura encontramos citação de que no período de 1927-1976 surgiram vinte e três definições e ou conceitos sobre Epidemiologia². Assim, vou buscar o conceito de Saúde proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS)³, em 1947 e que prevalece até os dias de hoje, como uma forma de facilitar o entendimento do que é epidemiologia, considerando as coletividades e as pessoas que compõem o estudo.

A OMS define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença.” E acrescenta que a saúde “é um direito social, inerente à condição de cidadania, e deve ser assegurada sem distinção.”

Observem que de acordo com esta definição, no caso relacionado à epidemia citada, o bem-estar físico foi afetado, especialmente com os procedimentos de *blackout* e *lockdown*⁴ enquanto o mental e social pelas incertezas relacionadas quanto a prevenção, tratamento, hospitalização, recuperação, sequela e óbito, tanto para evitar o adoecimento como possível sequela no pós-adoecer.

Blackout e *lockdown*, afastaram pessoas umas das outras de 2 a 3 passos, fazendo com que permanecessem o maior tempo na residência, realizando trabalho remoto, quando possível e cancelando eventos para evitar aglomerações, fechamento de escolas e comércios não essenciais e evitando o transporte público⁵.

A Epidemiologia, nasce com a apresentação do ensaio intitulado “SOBRE A MANEIRA DE TRANSMISSÃO DA CÓLERA”, em 1855 em Londres, pelo médico inglês JOHN SNOW, onde abordou também as epidemias de 1849 e 1854. Por isto foi cognominado o “Pai” da Epidemiologia.

A história sobre este evento é muito interessante e ilustra também o “por que” do empirismo poder também mostrar o caminho das verdades.

Em Londres, nesta época, duas empresas forneciam água à população, coletadas

do rio Tâmis, em dois locais próximos e poluídos. Uma das empresas mudou mais a montante o local de sua coleta no rio, antecedendo sua entrada na cidade.

Snow, levantou a hipótese que a distribuição da *Cólera* na população deveria ocorrer mais na população que continuou ingerir a água poluída. O que foi confirmado pelos levantamentos que fizeram, confirmando que na empresa que mudou o ponto de captação da água, “para antes do rio entrar na cidade, o número de óbitos, foi várias vezes menor do que da empresa que continuou coletando no ponto antigo”. Este dado foi tomado como forte evidência para sustentar a transmissibilidade via água consumida pela população, décadas antes do início das descobertas no campo da microbiologia, quando não se conhecia o *Vibrio cholerae*, uma bactéria, como o agente causador.

Mesmo não conhecendo, à época, de forma clara o agente causador da *Cólera*, medidas preventivas da ocorrência puderam ser tomadas bloqueando a principal fonte de transmissibilidade, no caso, através do bloqueio da distribuição da água de fontes contaminadas.

Nos dias de hoje o agente é combatido também, mesmo após instalação no hospedeiro humano, especialmente através de antibioticoterapia.

Entretanto, cabe a advertência, como diz o dito da sabedoria popular: “é melhor prevenir do que remediar”. Existe hoje vacina para a *cólera*, para uso apenas nas áreas endêmicas.

Qual a diferença entre pandemia, epidemia, endemia e surto? Tem muito a ver com a ocorrência (incidência), a frequência e área em que o agravo (doença) à saúde, está atingindo a(s) pessoa(s)⁶ em determinado tempo.

Surto epidêmico, é um acontecimento localizado geralmente de curta duração. Em Hospital(is) é possível ocorrer casos simultâneos de infecção hospitalar, em determinado período. Daí a importância da Comissão de Controle de Infecções nas áreas de atividades da Saúde, onde se deve adotar, dentre outras medidas, também o destino adequado dos resíduos, rotulados como “lixo hospitalar”.

Endemia, ocorre em áreas onde o ciclo da(s) doença(s) encontra(m) as condições adequadas à sua disseminação, sem aumentos significativos, seguindo um padrão estável, até que se estabeleça condição de controle e ou erradicação de

sua ocorrência. Sinalizamos que mesmo zerando a ocorrência da doença, mantém-se o estado de alerta indefinidamente. Caso da esquistossomose, dentre outras.

Epidemia, indica aumento da ocorrência de casos de um agravo (doença) à saúde em número acima do esperado em determinado período em uma região, uma cidade e ou estado e ou um país.

Pandemia, pode seguir a quaisquer dos eventos anteriores pela disseminação do agravo (doença) à saúde, a todos os continentes do planeta. Creio que neste momento podemos responder às três perguntas no início deste artigo.

Onde? quando? e quem sou eu, VERDADE? Onde está a verdade? No seio de uma comunidade podendo chegar estar apenas em um indivíduo. Quando apareceu ou foi criada? Estará sempre relacionada a um evento, voluntário e ou não.

Quem sou, a VERDADE? Aquilo que esclarece a situação em discussão, para a eternidade. Podemos acrescentar mais uma pergunta!

Os pós VERDADE como serão? Entraremos em um campo de discussão, correndo o risco de se entrar em uma escalada do “sem fim”, na área da política e ou da apolítica.

Entendendo política, a arte da administração pública promovendo as práticas de bons costumes, especialmente no que tange a proteção, promoção e preservação da vida no seu todo, inclusive do planeta Terra.

E apolítica a arte da administração pública promotora de benefícios pessoais isolados e ou de grupos, com evidentes prejuízos para os não incluídos no rol dos beneficiados, inclusive para o planeta Terra.

Estes caminhos podem ser escolhidos a começar pelo significado da VERDADE, especialmente no que tange sua tendência para atender o bem e ou o mau.

Muitas verdades serão transformadas em segredo, por questões de segurança, podendo criar situação de extremo poder em função do(s) ser(es) que dela(s) toma(ram) conhecimento. Nestes casos, se cai na mão da política, todos, inclusive o planeta Terra, poderão estar melhor protegidos, do contrário na(s) mão(s) do(s) apolítico(s) a tendência maior é para o lado das práticas tirânicas, trazendo desconforto(s) para tudo e para todos, incluindo risco(s) da extinção da espécie humana e ou do planeta Terra.



reflexão

REFLEXÕES MAÇÔNICAS SOBRE O ANO QUE SE ENCERRA

Arinan Camilo Alencastro Veiga | Adjunto - Cadeira nº 22

Chegamos ao final de mais um ano, nos aproximando também do Natal, período de celebração, de renovação, e de REFLEXÃO sobre tudo o que vivemos nos últimos 365 dias, até mesmo para que através deste balanço sobre conquistas, desafios, objetivos, vividos no ano que se encerra, possamos melhor organizar nossas atividades em relação ao ano que se avizinha (2.025). Afinal, a Maçonaria conseguiu bem exercer o seu papel no ano de 2.024?

Me desculpem àqueles que “torceram contra” ou não acreditaram, mas eu digo que SIM; a Maçonaria trabalhou bem, e muito, no ano que se finda!

Os Maçons das potências regulares, juntamente com seus familiares, que verdadeiramente possuem a Maçonaria “dentro de si”, procuraram interagir e estreitar os laços fraternos, e expandir amor, solidariedade, empatia com o próximo, na diária tarefa de construção de um mundo melhor.

E a certeza de todo este trabalho realizado, irá nos acomodar em relação ao

ano de 2.025? JAMAIS! Acomodação é palavra que não faz parte (ou não deveria fazer) na vida de um Maçom, pois a nossa “grande obra” à qual nos dedicamos como construtores sociais que somos está longe de sua efetiva conclusão.

No encerramento de um ciclo e início de um novo ano as energias de um verdadeiro Maçom devem se renovar e a motivação pulsar intensamente com a certeza de que o trabalho continuará com toda força e vigor. E não somente o trabalho físico, mas também o trabalho de aprimoramento do caráter, no trabalho tendo como base o amor, respeito e empatia ao próximo. Esses valores colocados em prática no dia-a-dia não só fortalecem as relações humanas, mas também trazem crescimento interior e coletivo, que é o que verdadeiramente buscamos.

Que possamos, então, carregar estes valores para o novo ano, fortalecendo nossa jornada com mais luz, sabedoria,

e união, em busca de um mundo melhor para se viver!

Como diz a música tão entoada neste mês de Dezembro: “que bom seria se fosse Natal todo dia”. E é este o espírito da Maçonaria: que as virtudes que enobrecem os nossos corações se façam presente não somente em Dezembro, mas durante o ano todo que vai nascer.

Que 2.025 seja repleto de novos sonhos, oportunidades e realizações para todos nós. Que a paz, o amor e a saúde se façam presentes em cada dia, e que possamos seguir com coragem para conquistar nossos objetivos, sempre com gratidão no coração e pensamentos voltados ao nosso Grande Arquiteto do Universo. Só assim continuaremos nossa caminhada em busca de um mundo melhor e de uma sociedade mais feliz!

Feliz 2.025 à toda à família maçônica. O trabalho não para!



tempo de estudo

CONJECTURAS SOCIO-FILOSÓFICAS

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Diariamente, quando observo a renovação das atrocidades morais que algumas pessoas cometem, em relação às outras, recorro ao meu pai dizendo que a “vida é cíclica, e o homem é burro, porque sempre que a história se repete, e ele reedita seus erros...”. Não sou o mais correto dos homens, e acumulei falhas ao longo de minha trajetória terrenal, mas há muito que em cada amanhecer resgato o axioma patriarcal e procuro, sempre, minimizar meu índice de repetição dos eventuais erros cometidos no dia anterior. Por este caminho, fortaleço a decisão de desnudar-me completamente de qualquer vestígio de egoísmo, seja material ou espiritual.

Se faço correto, ou se remo contra a corrente, apenas o tempo me dirá. Porém, abdicando da egolatria, do orgulho, e do exclusivismo, sinto-me um ser em constante renovação, pois carrego sentimentos positivos que reascendem diuturnamente a energia do bem querer, do bem fazer e do bem sentir...

É verdade que nutro conquistas materiais e trabalho muito para alcançar o conforto à minha família, mas não afino com qualquer ato ou projeto que possa prejudicar quem quer que seja. E vou mais longe...

Coloco-me, sistematicamente, em reflexão sobre a intensidade dos meus sentimentos, para que a fachada do «eu físico» não seja apenas uma máscara perfeita do egoísmo emocional, típico daquele que dá o tapa, e esconde a mão.

Estou convicto que esta atitude deriva do meu crescimento alcançado a partir dos estudos maçônicos, porque desapeguei das sensações de intransigência e de revolta contra as pessoas que alcançam seus objetivos a qualquer preço, mesmo utilizando-se dos outros como degraus de sua escalada material.

Não mais condeno o mal fazer o e mal sentir das gentes do mundo, porque não sou seu Juiz. Polício-me...

Sei que o egoísmo se opõe à caridade, promovendo o fêretro do amor, mas esforço-me para superar a parte que me toca, porque o joio será irremediavelmente separado do trigo, fazendo prevalecer a verdade e o bem.

A história, por si só, revela que a Lei da causa e do efeito é uma realidade latente, que se consolida sobre um canteiro fértil, chamado vida, onde germina absolutamente tudo o que nele se planta. Aquele que planta o bem, colhe o bem... O que semeia o mal, é joio!

Por isto, as sementes que lanço na “horta” da minha existência florescem diariamente, oferecendo-me frutos de

luz, de paz, de alegria e de amor incondicional. O que os outros me fazem, não tem sentido de importância, porque seus atos não me alcançam e seu mal não me machuca. Hoje, no apogeu da maturidade do «eu-gente-do-bem», passei a compreender o sentido do mal... e o mal que me faz mal, resulta apenas do mal que eu mesmo poderia fazer para alguém, porque neste caso eu estaria sendo uma pessoa má. É...

Chamem-me de louco, digam-me o que quiserem dizer, mas antes de fazer qualquer coisa, posto-me na frente de um espelho imaginário, e canto: ‘Espelho, espelho meu, existe um eu Maçom, mais Maçom do que o meu eu?’

Ao soerguer esta alegoria, convoco os Maçons para um exercício reflexivo, profundo, desenvolvido tanto sob a ótica filosófica quanto sociológica, analisando conceitos de identidade, subjetividade, socialização e o processo de transformação pelo qual um indivíduo passa ao iniciar numa organização como a Maçonaria.

Deste modo, e firme no questionamento traçado, saliento que a primeira parte da pergunta remete a uma reflexão sobre a identidade do indivíduo e sua relação com o ‘eu’. No campo da filosofia, as questões sobre a identidade pessoal e o conceito de “eu” são amplamente discutidas, especialmente pelos filósofos existencialistas e fenomenológicos, dentre os quais destaco Sartre e Foucault.

Jean-Paul Sartre argumentaria que o ‘eu’ não é algo dado, fixo, mas sim um projeto contínuo, como se observa quando afirma que “o eu que sou depende em si mesmo do eu que ainda não sou, na medida exata em que o eu que ainda não sou independe do eu que sou” (SARTRE, 1943, p. 43). Para Sartre, a identidade não é algo essencial, mas construída através das escolhas e ações do indivíduo. O ‘eu’ Maçom, portanto, não é algo pré-existente, mas uma construção que se forma e se reformula a partir das escolhas de pertencimento e das práticas que o indivíduo adota ao ingressar na Maçonaria. O Maçom é alguém que ‘faz a si mesmo’ através da sua dedicação aos princípios e rituais da ordem, mas esse processo pode ser visto como uma forma de alienação, no qual o ‘eu’ se subordina, num espectro de aparências, ao “eu Maçom”, tal como na teoria sartreana da ‘má-fé’, onde o indivíduo esconde sua liberdade através da conformidade social.

Michel Foucault complementaria essa análise ao abordar a forma como o ‘eu’ é moldado pelas práticas sociais e pelos discursos (Foucault, 1971). Foucault argumentaria que a Maçonaria, como qualquer outra instituição social,

Espelho, espelho meu, existe um eu Maçom, mais maçom do que o meu eu?

cria um ‘dispositivo’ que influencia o sujeito e lhe dá uma identidade. A Maçonaria, ao impor rituais e códigos, pode criar uma-nova-subjetividade, uma ‘identidade maçônica’, que desloca o ‘eu’ original do indivíduo. A frase ‘mais Maçom do que o meu eu’ sugere, na essência, o processo de internalização dos discursos e práticas maçônicas, onde o indivíduo se vê mais ‘Maçom’ do que pessoa comum, gerando, necessariamente, uma dissociação entre o ‘eu’ pessoal e a identidade socialmente construída pela Maçonaria.

Deste modo, na sociologia, a questão se insere em uma análise da socialização, dos processos de internalização de normas e valores, e da formação de grupos e identidades coletivas. O ‘eu Maçom’ se forma, em grande medida, pela interação do indivíduo com a comunidade maçônica e pela internalização dos rituais, símbolos e valores desta tradição.

Se tomarmos a questão de maneira mais metafísica, a ideia de um ‘eu Maçom’ mais Maçom do que o ‘meu eu’ pode ser vista também como uma forma de transcendência da identidade individual. O Maçom, ao se engajar em um processo de autodescoberta e aperfeiçoamento dentro da Maçonaria, busca superar o ‘eu’ individual e egoísta em busca de uma identidade coletiva mais elevada, representada pela fraternidade.

Essa busca pode ser comparada à ideia de auto-transcendência, um conceito presente tanto na filosofia de Friedrich Nietzsche, que propõe a ideia do ‘super-dó-homem’ (Nietzsche, 2005), quanto em algumas abordagens religiosas ou espirituais da Maçonaria, em que o objetivo é o aprimoramento contínuo da pessoa rumo a uma versão mais elevada e iluminada de si mesma.

O questionamento ‘existe um eu Maçom, mais Maçom do que o meu eu?’ propõe uma reflexão sobre o processo de socialização e internalização de uma identidade coletiva mais forte que a identidade individual.

Filosoficamente, isso envolve uma reflexão sobre a construção do ‘eu’ e a forma como ele é moldado pelas práticas sociais e culturais. Sociologicamente, esse fenômeno pode ser analisado como uma adaptação do indivíduo a um conjunto de normas e valores coletivos que transformam sua identidade de maneira irreversível.

Pelos caminhos da filosofia, e da sociologia, pode-se afirmar que, sim, existe um eu maçom, mais maçom do que o meu eu: o eu Maçom, de amanhã, sempre e quando desprezar a individualidade, o egoísmo, a vaidade e o orgulho.



artigo

ESCRITOS MAÇÔNICOS – III

Luiz Gonzaga | Colaborador

Needleman está nos dizendo algo a propósito da lei do sacrifício – uma das leis que rege o universo como um todo – que não há ganho sem sacrifício (como relata Dion Fortune em seu livro “A Cabala Mística”) no caminho de um sábio (como descreve Paul Brunton em seu livro “O Caminho Secreto”) em busca da sabedoria eterna (como nos apresenta H. P. Blavatsky em seu livro “Sabedoria Eterna”). Portanto, não existe nenhum ser humano que não traga dentro de si a vontade de adquirir conhecimentos, mas para tal é preciso que (cada um) se esforce e faça algum sacrifício neste sentido.

Poder-se-á dizer que todas as palavras apresentadas, não passam de especulação fantástica e mesmo de puro dogmatismo. Nós não somos sábios (melhor, eu não sou sábio), apenas buscamos o aprendizado e aprendendo repassamos o que aprendemos. Para isso ousamos saber e sabemos

que há verdades que contentam e há verdades que desagradam, mas nos alegamos por poder tratar de certos conhecimentos esotéricos ainda que possamos ser incompreendidos, e assim como sabemos que há parágrafos neste texto que se destacam como picos de uma montanha, por serem trechos escritos de maneira superior aos nossos próprios conhecimentos, e há parágrafos que são verdadeiras crateras. Mas, verdade é que estamos plenamente convencidos de os portais (maçônicos e não maçônicos existem e) estão sempre abertos aos que se dignarem aproximar em busca do conhecimento. Cremos que vale a pena pedir para que não leia ou entenda essas palavras como palavras isoladas; mas que leia e procure entender, também, o pensamento por detrás delas.

Antes de concluir, resta-nos dizer que a fiel observação dos postulados maçônicos,

sem considerar a trilogia liberdade, igualdade e fraternidade, e os postulados básicos da crença na existência do Grande Arquiteto do Universo e da prevalência do espírito sobre a matéria, resta-nos uma enormidade de aspectos a considerar, portanto, não é apenas a sabedoria que é elevada e difícil de ser alcançada, exigindo preparação mental extraordinária. Tomemos como único exemplo, as regras de conduta e comportamentos dos maçons e as citações à ética e à moral; ser ético e moralmente funcional está a exigir redobrados esforços da parte dos maçons em considerando as suas relações de amizade, resiliência e conveniência com os Irmãos e à Sociedade.

Por certo falamos demais. Vamos encerrar exatamente por onde começamos, isto é, discorrendo sobre a escuridão e a luminosidade. Em termos gerais, a sedução da luz e da escuridão são íntimos e estão associados à história universal dos homens, não sendo por acaso que tudo possa ter começado com o “Fiat Lux” divino ou que o movimento intelectual do século XVIII seja denominado de “Iluminismo”, e sendo a Maçonaria e os Maçons os principais herdeiros dos tempos das Luzes, são estes por dever de ofício Iluminados. E por

certo, temos por dizer, ainda, que depois da escuridão, a luz do conhecimento se apresenta na sua trajetória, sem retrocessos, implacável. Sapere aude.

CONSIDERAÇÕES

Chegamos ao limiar dos nossos propósitos: incentivar o desacorrentamento do livre-pensar na formulação induzida pela curiosidade, motivar o Maçom a prosseguir no caminho da sabedoria ao custo que se impuser a caminhada; e apresentá-lo com chaves-de-leitura dos livros referenciados, pugnando pela preservação da cultura maçônica.

Neste “Escrito Maçônicos” discorremos sobre a ousadia do saber, livros e leitura de livros maçônicos. Enveredamos por vertentes do esoterismo, misticismo e gnosticismo como referenciais na condução da vida maçônica, e exaltamos a necessidade de que os Maçons sejam sábios (ainda que não precisem ser, necessariamente, eruditos) e provocamos os escritores e articulistas maçônicos a contribuírem com a literatura maçônica com o argumento da preservação da cultura e autenticação da identidade da Maçonaria e dos Maçons. Fomos felizes, sabemos.



opinião

SALVAGUARDA NAS APURAÇÕES PROCESSUAIS – II

Carlos Roberto Neri Matos | Membro Honorário

Além da suspeição temos também o instrumento do impedimento do juiz o qual os motivos para tal têm natureza objetiva, mas que não será objeto deste artigo. Para finalizar, utilizando-se apenas a definição acima do artigo 20 da Lei 9784/89, fica clara que se deve evitar dar a condução em processos de apuração, investigação e que possam gerar punições, a pessoas que de alguma forma se encaixem naquelas previsões. Assim vai se evitar desgastes desnecessários, tornar o apuratório mais fidedigno aos fatos ocorridos e qualquer decisão que seja tomada terá uma segurança jurídica e força muito maiores, simplesmente pela observação da imparcialidade, impessoalidade e se necessário a suspeição.

Agora sinceramente, mesmos aos adeptos de vários vieses, esquerda, direita, centro, isso não importa. Como se pode dar crédito suficiente a uma CPI cujos principais membros, declaradamente e repetidamente no particular e em público emitem opiniões antes e durante a realização dos trabalhos, fazem pré-julgamentos e até mesmo depois de encerrado o seu trabalho, que deve ser o encaminhamento ao Ministério Público, fica forçando de um jeito ou de outro para que o investigado seja processado e penalizado. Viu ainda mais longe o que se pode esperar em termos de justiça quando juízes da corte máxima nacional também fazem juízo desse ou aquele desfeito, dessa ou daquela situação.

A arguição da suspeição ou do impedimento, podem ser feitas pelo juiz ou, no caso do PAD, pela autoridade nomeadora ou o eventual nomeado e, também pelas partes interessadas no processo, sobretudo a defesa.

Para que nossas visões se aclarem e nos tirem de um raciocínio rasteiro, tipo não gosto do Trump ou Biden, então eles devem ser condenados num processo de qualquer forma. Façamos a seguinte pergunta para nós mesmos: Se eu estivesse respondendo a um processo, eu gostaria que o juiz ou condutor da apuração, fosse meu antagonista e/ou já tivesse um pré-julgamento contra mim? Creio que a resposta seja não. Investigadores ou promotores no afã de condenar, sempre deixam brechas que possibilitam a reversão e/ou anulação de processos, sobretudo, porque quase sempre não observam em sua inteireza os princípios constitucionais do contraditório e da ampla defesa e cometem erros grosseiros formais e materiais.

Só para contextualizar. Hoje estou a alguns anos aposentado, mas antes de me tornar Superintendente do então Ministério da Fazenda, tive mais de 10

anos de exercício na Corregedoria da Receita Federal e dentre suas diretrizes que até onde eu saiba se mantem até hoje, são a total lisura e transparência na apuração e, para tanto, prima para que as nomeações dos Presidentes dos PADs e seus membros sejam totalmente imparciais e que não tenham nenhum interesse ou relação, mesmo que transversa com os servidores que estão sendo investigados.

A par das vezes os membros das Comissões eram de outras jurisdições, diversas da lotação dos investigados, isso para preservar ainda mais a impessoalidade e imparcialidade. A eventual suspeição, sobretudo do presidente dos PADs é analisada previamente, então sequer se cogitava o nome de alguém para o desempenho do cargo se ao menos resvalasse numa daquelas subsunções da norma.

O resultado disso é que durante anos, pouquíssimos dos milhares de processos foram anulados pela justiça e a Corregedoria da Receita Federal se tornou um dos órgãos mais respeitados no âmbito do sistema correicional brasileiro, cujo órgão máximo é a Controladoria Geral da União – CGU. Saúde, Força e União a todos!



artigo

FEMINICÍDIO

Marcelo Bareato | Colaborador

Lei 14.994 de 2024
Inquietações preliminares

Análise da nova legislação pertinente ao feminicídio revela uma série de ajustes significativos que visam tanto fortalecer as penalidades quanto modificar as condições de cumprimento das penas impostas aos condenados por este crime específico. Dentre outros pontos destacam-se o aumento da pena de reclusão, que agora varia entre 20 a 40 anos. Além disso, a lei especifica que antes de ter direito à progressão para o regime semiaberto, o condenado deve cumprir pelo menos 55% do tempo no regime fechado. Outro aspecto é a caracterização do feminicídio como um tipo penal independente, o que elimina a necessidade de qualificação adicional para aplicar a pena aumentada.

Por outro lado, existem potenciais desafios associados à implementação da nova lei. Primeiramente, embora a lei seja rigorosa em termos de pena, ela poderia enfrentar desafios no que se refere à sua efetiva aplicabilidade e à rapidez nas investigações. A nova lei visa acelerar as investigações, mas não há detalhes substantivos sobre como isso será efetivamente garantido. Adicionalmente, enquanto a lei busca reforçar a responsabilização dos agressores por meio de efeitos penais complementares, como a proibição de assumir cargos públicos, pode haver controvérsias sobre a proporcionalidade e eficácia de tais medidas em prevenir o crime.

Como crime autônomo, a nova legislação passou a prever expressamente a comunicação, entre coautores e partícipes, das elementares de caráter pessoal do crime (art.121-A, § 3.º, CP), assim como trouxe, como efeito da condenação, alteração no art. 92, II, CP e a determinação de que os condenados por esse tipo de delito, cometido contra mulher em razão da condição do sexo feminino, não serão nomeados, designados ou diplomados

em qualquer cargo, função ou mandato eletivo no período que compreende o trânsito em julgado da sentença penal condenatória e o término efetivo do cumprimento da pena.

Com relação aos crimes de lesão corporal praticados contra mulher, onde o agente se vale da condição do sexo feminino, a pena foi elevada para 2 a 5 anos de reclusão (art. 129, § 13.º), condição semelhante a modificação trazida com relação a ameaça, prevista no art. 147, §§ 1.º e 2.º, CP, cuja pena será aplicada em dobro quando cometido contra mulher, em razão do sexo feminino e a ação penal será pública incondicionada.

Já no campo das contravenções penais, Decreto Lei 3.688/41, o art. 21, que trazia a pena de prisão simples de 15 dias a 3 meses, ou multa, agora quando praticada contra mulher em razão da condição do sexo feminino, terá a pena triplicada. Outro aspecto digno de nota é que a pena para o crime de descumprimento de medida protetiva, na Lei Maria da Penha (art. 24-A), passa a ser de 2 a 5 anos de reclusão e multa.

Dentre os pontos sensíveis na Lei de Execução Penal, estão o uso obrigatório de tornozeleira eletrônica em caso de saída do estabelecimento prisional (art. 146-E da LEP), a proibição de visita íntima ou conjugal no estabelecimento prisional (art. 41, § 2.º da LEP), a transferência para estabelecimento prisional distante do local da residência da vítima, para aqueles que, sendo condenado ou preso provisório, por crimes dessa natureza, ameaçar ou praticar violência contra a vítima ou seus familiares durante o cumprimento da pena (art. 86, § 4.º da LEP), além da expressa vedação ao livramento condicional.

Não menos tormentosa é a questão verificada na obrigação do cumprimento de 55% da pena imposta para progressão

de regime. Neste caso, contrariando o que determinam os estatutos que tutelam a dignidade humana e os direitos humanos, o condenado passará preso 80% da pena imposta, para que possa ser colocado no regime aberto.

Vejam os casos em que o agente recebe a pena máxima de 40 anos, por exemplo. Para progredir, do regime fechado para o semiaberto, precisará, levando em conta a não incidência de nenhuma falta grave ou novo crime dentro do sistema prisional, em média 22 anos. Do restante da pena, 18 anos, será necessário mais 55% para a progressão para o aberto, o que equivaleria a quase 10 anos, totalizando um período médio de 32 anos de cumprimento efetivo da pena imposta dentro do sistema e mais 8 anos em sistema de liberdade vigiada, no regime aberto. A regra vale, inclusive para réus primários.

Já com relação ao processo penal, os casos que envolvem a nova legislação terão prioridade de tramitação em todas as instâncias (art. 394-A, CPP) e, sendo o caso de crime doloso contra a vida, restará a questão referente ao Plenário do Júri, o qual, no tocante a quesitação, forçará a interpretação do magistrado sem qualquer baliza prevista na atual legislação.

Assim, o art. 121-A do CP, apresenta problema nas duas fases, a pré-júri e a plenária. A decisão que leva a pronúncia traz, em si, os pontos a serem tratados no plenário, sob pena de nulidade absoluta, no caso de qualquer inclusão que não tenha sido objeto daquela decisão, com todas as qualificadoras e causa de aumento de pena. Neste aspecto, as qualificadoras do feminicídio são, em regra, diferentes daquelas indicadas para o homicídio. Imagine o caso onde os jurados respondem sim para morte, mas negam o crime praticado em razão

do sexo feminino. Se a decisão de pronúncia estabelecer qualificadoras específicas, não previstas para o homicídio qualificado, por exemplo, os jurados terão que condenar o agente apenas por homicídio simples? Seria o caso de absolvição? Ou, a quesitação terá que ser mudada sem que exista uma previsão expressa? As respostas acontecerão ao longo dos julgamentos a partir de agora, com a advertência de que será possível as 3 interpretações, por falta de regramento expresso na norma.

Dito de outra forma, a decisão pela criação de um novo tipo penal (art. 121-A, CP) foi acertada ou deveria ter sido mantida a forma mais gravosa para o crime de homicídio, como já estava previsto no art. 121 do CP?

Incontroverso é o fato de que se trata de lei mais gravosa, o que impede que seja utilizada de forma retroativa, ou seja, não alcança os casos anteriores a sua entrada em vigor em 10 de outubro de 2024.

Destarte, e para que nosso artigo não fique por demais extenso, também, sem a pretensão de esgotar o tema ou trazer todos os pontos nevrálgicos da nova legislação, nossa anotação final para esta primeira forma de inquietação, é no sentido de que a lei sobre feminicídio tenta dar uma resposta mais rigorosa a esse tipo de crime, elevando penas e especificando medidas punitivas. No entanto, a exemplo do que já acontece com o legislador brasileiro ao longo dos últimos anos quando, sistematicamente, cria tipos para que os casos peculiares sejam acomodados pela jurisprudência, sua eficácia na prática dependerá da implementação efetiva das medidas propostas e da agilidade, precisão das investigações relacionadas e perspicácia do aplicador da lei, somados a jurisprudência que, vez ou outra, terá que ser unificada nos tribunais superiores para acompanhar a necessidade de cada julgamento, elevando, por força da simplicidade com que foi colocada em vigor, o que se chama de insegurança jurídica, na medida em que propiciará julgamentos baseados na moral e bons costumes, quando o correto seria interpretar os princípios constitucionais a luz do caso concreto.



artigo

A INTELIGÊNCIA DA REUNIÃO MAÇÔNICA – I

Jader Frederico Abrão | Colaborador

Outro dia, conversando com um grupo de Irmãos da “Ordem”, deparei com algumas críticas em ataque ao desenvolvimento programático das reuniões ritualísticas desenvolvidas sob o REAA, que acabou por influenciar outros ritos. Disse um deles: – “Enquanto não encerra uma reunião, todos os assuntos devem ser discutidos e deliberados, pois assuntos podem surgir inesperadamente a cada momento, e como maçons, devemos resolver os problemas e não os postergar”. Outro Irmão assim protestou, - “As reuniões devem caminhar com maior objetividade, pois no salão social nos aguardam os familiares.”

De estalo, percebi que tais protestos ferem de morte os principais objetivos da Ordem maçônica, sempre realizados durante o desenvolvimento inteligente das nossas reuniões ritualísticas, sendo estas as únicas responsáveis por cumprir diversas funções institucionais, incluindo o aperfeiçoamento do maçom - o mais importante objetivo da Ordem maçônica.

Lembrei que há quase 25 anos, ingressei nas fileiras da Loja Vale do Pirapitinga - 3094, do Oriente de Cumari-Goiás, com a promessa única de passar por uma iniciação. À parte das orientações e das informações previamente recebidas dos membros

daquela importante Oficina, dentre eles o meu pai, busquei entender melhor o significado da palavra Iniciação e entendi que significava o ato de começar, ingressar em algo ou em circunstância, e, também, significava o ato de ser elevado de uma condição para outra, de um nível para outro nível superior. Então, após iniciado, fez total sentido o compromisso em polir a própria pedra bruta conforme os ensinamentos ritualísticos simbólicos e espirituais, encontrados nas dinâmicas das reuniões maçônicas, ordinárias ou extraordinárias, que sempre oportunizam a cada maçom um caminho mais rápido para a construção do Templo individual, justo e perfeito, orientado sob constante ligação ao Grande Arquiteto do Universo.

Na obra literária intitulada “Grau do Aprendiz e seus Mistérios”, de autoria de Jorge Adoum, Editora Pensamento, pag. 13/14, temos que “O grande objetivo da Maçonaria é o despertar do poder latente que se acha em cada ser, e converter o homem em Deus, consciente de sua divindade sem limitações e dúvidas. O Maçom tem que trabalhar inteligentemente para o bem dos demais. Seu esforço tem que ser dedicado ao progresso universal. Deve ajudar o Grande Arquiteto do Universo em sua Obra. O Maçom deve construir e aprender por suas próprias

experiências, sem apoiar-se nos demais; ele tem que dar sempre sem esperar recompensa. O Aprendiz tem o Mestre externo por guia na Senda até encontrar seu próprio Mestre Interno e ver sua própria luz em seu mundo interior. Conhecer a Verdade e praticar a Verdade é o caminho do Maçom e de todos os homens.”

Com o passar dos anos, ficou claro que o objetivo principal da maçonaria não está nas deliberações da Ordem do Dia, nem mesmo nos jantares ou confraternizações, mas sim no magistério, servindo de escola da virtude e da perfeição. Por esta máxima comecei a perceber o grandioso zelo e a iluminada sabedoria existentes em tudo que envolve as atividades oferecidas pela maçonaria ao iniciado, pois nada é ao acaso ou impensado. Inteligentemente, o magistério tem destaque no programa cronológica das reuniões maçônicas, e sobre estas, passaremos a reflexão.

Nós, maçons, devemos dedicar com zelo e amor, na condução de nossas rotinas diárias, amenizando as ansiedades, prevenindo os embates, iluminando os caminhos com parcimônia e calma, o que não é simples de alcançar, sobretudo no mundo moderno. Podemos até dizer que as ansiedades morais e as atribuições emocionais, não são patrimônio exclusivo do homem contemporâneo, já que a composição predial atual de uma Loja Maçônica, segue a mesma arquitetura adotada há muito tempo, inclusive com a presença do Átrio e de suas mesmas atribuições de purificar os pensamentos e as energias. As vicissitudes da vida, portanto, caminham ao nosso lado até a Sala dos Passos Perdidos, onde se colocam

ardentes e desejosas em transpor o Átrio. Avaliando este contexto, percebemos que a Ordem maçônica desenvolveu o Átrio como mecanismo de auxílio à melhor preparação do bem-estar psicológico do maçom.

A dinâmica das reuniões maçônicas foi estabelecida por nossos antepassados, que iluminados estabeleceram foco, em prima facie, na estabilidade moral, espiritual e emocional do ser humano, inserindo o Átrio como espaço precedente ao Templo, onde ocupamos sob condição de relaxamento mental, de introspecção profunda e de total silêncio, proporcionando um ingresso ao ambiente sagrado, livre de pensamentos mundanos e de ansiedades parasitárias das nossas boas energias, oferecendo ao autoaperfeiçoamento uma mente translúcida e um coração sensível ao bem.

Já no interior do Templo, abrindo ritualisticamente os trabalhos através da entrega espiritual de crença no Grande Arquiteto do Universo, todas as atenções imediatamente se voltam para o exercício mental de transcendência de uma condição existencial profana e material para maçônica e espiritual, em ligação plena à Luz da Virtude Suprema, nos possibilitando alcançar o Sagrado, de modo a construir uma egrégora no Templo sob as energias do verdadeiro amor, estabelecendo em corolário e de fato, a “abertura de uma Loja no Céu”. Neste momento buscamos o Livro da Lei como referência, que a tudo iluminará até o encerramento dos trabalhos. Somente assim conseguimos iniciar uma reunião maçônica, caso contrário, teremos somente uma reunião de profanos ocupando um Templo maçônico.

Continua na próxima edição...



opinião

LOJA MATER: ADONHIRAM Nº11 – II

Parahyba Santana | Cadeira nº 25

Assim, para acudir essa urgente necessidade, a Loja mudou-se para a Rua 6, nº 30, esquina com a Rua 4, Setor Central, onde, no dia 30 de junho de 1949, realizou-se a Sessão de inauguração do novo Templo, como registra o Balaústre nº 101, do Livro de Balaústres das Sessões Econômicas.

A primeira Sessão preliminar para a fundação da Grande Loja do Estado de Goiás, ocorreu no dia 6 de março de 1951, por convocação da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Adonhiram nº 44, em sua sede. A partir daí, todas as Sessões da Grande Loja passaram a acontecer no mesmo local, inclusive a de sua fundação em 9 de junho de 1951.

Na fundação da Grande Loja do Estado de Goiás, foi eleito o Irmão Luiz Caiado de Godoy, da Loja Roosevelt, como primeiro Grão-Mestre, o qual assumiu o mandato e renunciou um ano depois, quando assumiu provisoriamente o cargo, em mandato tampão o Irmão Genésio Barreto de Lima, deputado do Grão-Mestre, e membro da Loja Adonhiram nº 44, onde ocupou

até a eleição do Irmão Lafayette Teixeira França, membro do Laja Educação e Moral.

Com a fundação da Grande Loja do Estado de Goiás, as oficinas passaram a ser identificadas também por números. E sendo a nossa Loja a primeira do Estado de Goiás, filiado a essa Potência, o natural seria que recebesse o Nº 1, que aliás, é o número descrito nos primeiros Balaústres lavrados na Grande Loja. Entretanto, não se sabe porque, pois não se encontra nos registros, lhe foi atribuído o Nº 11.

Na época do Venerável Mestre Henrique Coe, por Escritura Pública de Compra e Venda, lavrada no 2º Tabelionato de Notas, em 22 de dezembro de 1958, foi adquirido o lote de terras para construção urbana nº 54, na Rua Dez, Setor Central, para a edificação de nossa sede atual. O primeiro passo para arrecadar o numerário para a construção do edifício, foi a promoção da maior tómbola já realizada em Goiás. Tratava-se de uma rifa a correr pela Loteria Estadual de Goiás, extração de Natal de 1957 com sete prêmios, dos quais um rádio de pilha, uma eletrola, uma geladeira, uma

motocicleta, dois lotes no Setor Santos Dumont e, um lote no Bairro Anhanguera. Anos mais tarde, o Irmão Antônio Ariza Gonçalves iria doar nesse mesmo bairro, dois lotes para serem adicionados ao patrimônio da Loja Adonhiram. Atualmente a Loja tem um estacionamento na Rua 24, Setor Central, que leva seu nome em sua homenagem.

A Loja Adonhiram Nº 11 fez muito pela Maçonaria Goiana. É de registrar que o Pecúlio Maçônico do Estado de Goiás foi idealizado e criado pelos Irmãos Waldomiro Ribeiro de Paiva, da Loja Adonhiram (GLEG), e Waltrudes Cunha da Loja Acácia Brasileira (GOEG). Grande parte das Lojas goianas deram os seus primeiros passos em nosso Templo, assim como a Grande Loja do Estado de Goiás que, antes de edificar sua sede também a usava. Quatro membros de nossa Loja ocuparam o Grão-Mestrado em Goiás, sendo eles: **Genésio Barreto de Lima**, mandato tampão de setembro/outubro de 1952; **Benedito Barreira de Morais**, de 1960 a 1963; **Laert Ferreira de Araújo**, de 1963 a 1966; e **Carlos Vieira da Silva**, de 1969 a 1972. Por muito tempo,

também funcionaram em nosso Templo, várias Lojas da 1ª Inspeção Litúrgica o Estado de Goiás, ns Graus Filosóficos do 4 ao 33, subordinada ao Supremo Conselho do Grau 33.

vale ressaltar ainda que, é uma das únicas Lojas do Brasil que contam, em seu pavimento superior, com o Templo Câmara do Meio, idealizada em 1969 durante o mandato do Venerável Mestre Donato Ferreira, sob a administração do Irmão José Nercial e com a participação direta do Irmão Ivanor Mendonça, e ainda com a ajuda das administrações dos Irmãos Waldomiro Ribeiro de Paiva, Arnelo Carvalho Cintra, Pedro Gomes de Faria, Osmar Gomes Furtado, Flozino de Oliveira, Clarimar Fernandes dos Santos e Geraldo Antônio de Freitas. A construção só chegou ao seu término dez anos após sua iniciação, já na administração do Irmão William Mendes de Moura.

Atualmente, nossa Loja conta com 65 valorosos irmãos ativos, que muito fazem pela Maçonaria Goiana e que lutam fervorosamente pelos princípios imutáveis da Maçonaria Universal: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.”

Este breve histórico foi um trabalho desenvolvido pelo Ir. DIVINO FERNANDES DOS REIS, com participação do Ir. MARCELO WASCHECK DE FARIA, ambos membros de Adonhiram Primeira nº 11. Faz parte da Agenda Social de Adonhiram Primeira Nº 11. Nossa gratidão.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: <https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code

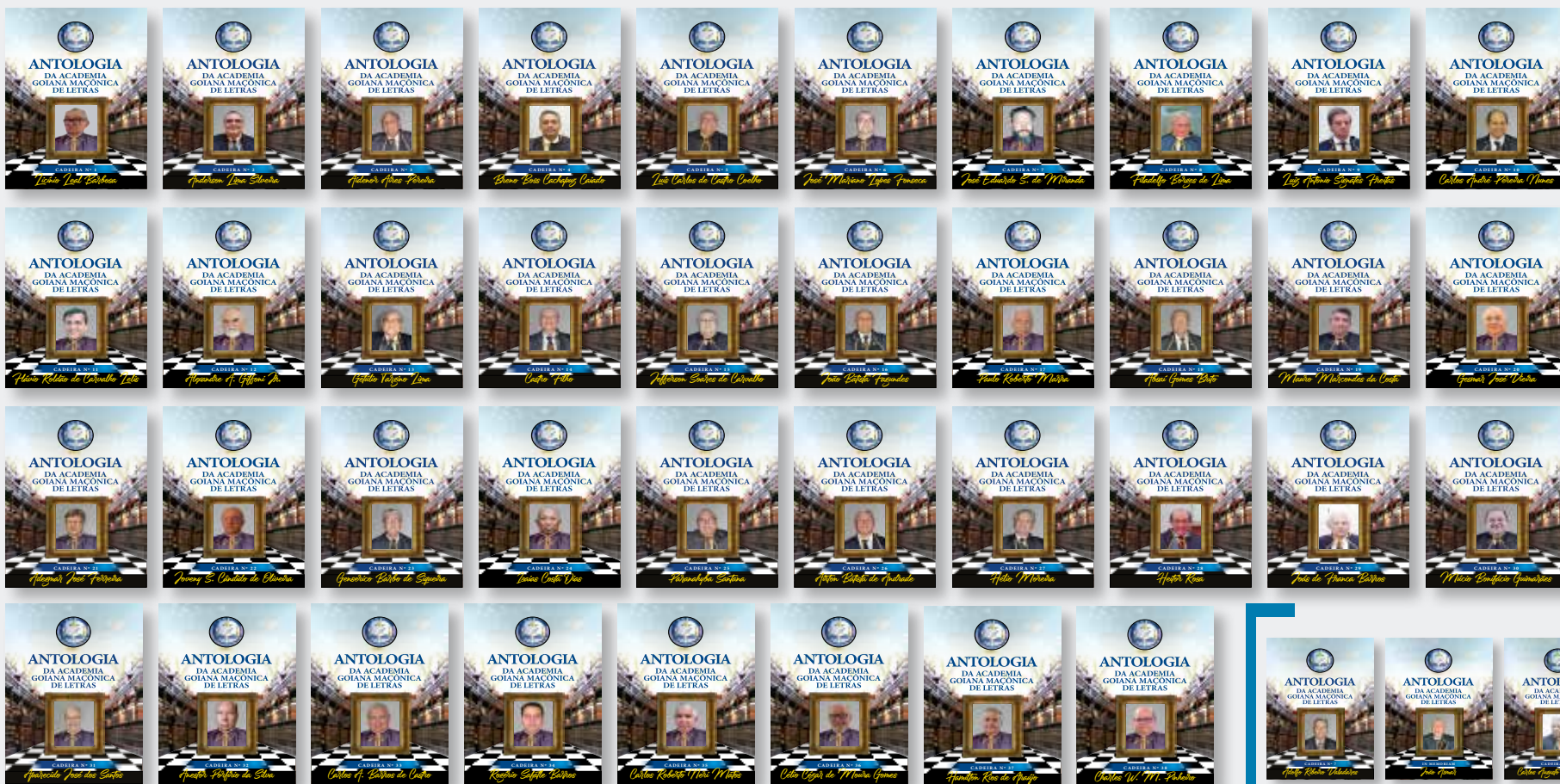


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



artigo

ÉTICA DA LIBERDADE, ÉTICA DA RESPONSABILIDADE – III

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição*

Nosso esoterismo é um valor ético que centra-se na imagem do homem realizado e realizado, que alcançou resultados através do aperfeiçoamento resultante da prática ritual e do estudo dos símbolos. Símbolos que não são fórmulas mágicas ou lixos espíritas (sejamos claros), mas objetos materiais e expressões linguísticas – muitas vezes performáticas – através das quais podemos perceber aqueles valores eternos que estão na base da ética universal.

Todos os símbolos utilizados pela Maçonaria, bem como as fórmulas rituais, visam aumentar a plenitude, a dignidade, o sentido de transcendência, o respeito pelo homem e pela natureza, a tolerância, a fraternidade, a melhoria dos indivíduos e das comunidades e a sabedoria. Estas são as virtudes que gostaríamos que fossem os próprios alicerces de toda sociedade e de todo ser vivo. Por esta razão, um grande sábio da Renascença como Girolamo Cardano escreveu que “a vida humana é simbólica; quem não entende não é homem”.

Por esta razão, um dos temas em que o Grão-Mestre sempre insistiu, e sempre insistirá, é o cumprimento absoluto do Ritual e da prática esotérica

nos vários Graus, bem como a compreensão de que a cultura maçônica é uma cultura de eticidade. E que ambos são absolutamente inseparáveis, porque ambos são a nossa mensagem: uma mensagem de vitalidade e de esperança para uma sociedade exausta e desmotivada.

Estes valores propõem, antes de tudo, uma mensagem de liberdade. Na verdade, a liberdade é a própria essência da Maçonaria. Se a ética é a verdadeira ética, ela transmite liberdade, onde liberdade não significa caos, anarquia ou egoísmo, mas sim dever e responsabilidade: o dever de ser feliz com os outros e para os outros e a responsabilidade de alcançar a felicidade individual e comum através relações humanas e diferentes sensibilidades em relação ao mundo. Isto significa mudar o mundo como meta a estabelecer, tornando o mundo mais justo e feliz e, portanto, mais livre. Até que a Fraternidade não seja alcançada, não existirá nenhuma liberdade real. Enquanto condições de vida dignas não estiverem disponíveis para todos, não haverá liberdade. Até que não haja tolerância, não haverá liberdade e não haverá felicidade.

Parece óbvio, mas não é. Se – como escreveu Rousseau – “os homens nasceram livres, estão acorrentados por toda parte”. E as cadeias não são apenas as cadeias pesadas das prisões e dos campos de concentração, mas também as cadeias mais leves do controle e do ódio dos meios de comunicação social, que sutilmente apertam os pulsos e estreitam as mentes dos mais fracos, o que pode torná-los escravos inconscientes. É por isso que devemos compreender o que é a liberdade, vivê-la plenamente e estar prontos para lutar para que todos possam obtê-la. Este é o antigo segredo que os maçons têm no coração, e transmitem a todos aqueles que desejam percorrer, com eles, um caminho comum e pensam, como fazem os maçons e dizia Kant, que “o homem não é um meio, mas um fim”. E que para alcançar esse fim vale a pena viver. Com isto em mente, a Maçonaria enfrenta o desafio de uma ética que seja ao mesmo tempo liberdade e responsabilidade, convidando todos os homens que são livres, fortes e prontos a aceitá-la, a aderirem à Maçonaria; pagando o preço deste desafio, se necessário

Temos consciência de que isto implica ser um exemplo para os outros e carregar – juntamente com a Humildade – o bem-vindo mas pesado fardo do Rigor e da Misericórdia, sem os quais não existe liberdade nem responsabilidade, nem mesmo a verdadeira ética. Desejo concluir estas observações citando uma frase particularmente significativa e poética de um escritor que abraçou muitos valores de esoterismo, sabedoria, ética, liberdade e responsabilidade.

Continua na próxima edição...

[Texto extraído de Revista Masonic Forum, escrito por Gustavo Raffi Ex-Grão-Mestre, Diretor Honorário do Grande Oriente d'Italia.]

ações na AGML

Outubro / Dezembro de 2024



registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	Maurício Lopes Ferreira (adjunto)
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraire@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	Arianan C. Alencastro Veiga (adjunto)
23	Genserico Barbo de Siqueira	irtid.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aíron Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	Antonio Rosário Leite Filho, (adjunto)
28	Heitor Rosa	Adalto Bento Leal (adjunto)
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Helton Chacarosque	
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br
39	Tito Souza do Amaral	